



Universidade de Aveiro
2021

CHONG ZHANG

**Seleção do modo verbal nas orações completivas:
um estudo de caso em Português Língua
Estrangeira**



Universidade de Aveiro
2021

CHONG ZHANG

**Seleção do modo verbal nas orações completivas:
um estudo de caso em Português Língua
Estrangeira**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor Fernando Jorge Dos Santos Martinho, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Doutora Rosa Lúcia Coimbra Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Sara Topete de Oliveira Pita
Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Em primeiro lugar, este trabalho foi concluído sob a cuidadosa orientação do Prof. Fernando Martinho, a quem estou muito grata. Desde a seleção do tema, até à sua conclusão, passando pela revisão, muito esforço foi dedicado, e muitos problemas foram resolvidos após diálogo frutuoso com o orientador. Esta dissertação, iniciada em fevereiro de 2021, demorou mais de 6 meses para ser concluída, e, durante todo o processo de investigação, houve sempre orientação adequada. Assim, a conclusão desta dissertação deve-se em boa parte ao apoio constante e à paciência do orientador, cujos conselhos e sugestões sempre me acompanharam durante a investigação, numa fase em que aprendi muito e me senti com muita sorte. Agradeço também aos meus familiares e amigos, deram-me muito incentivo, alguns forneceram sugestões úteis, e aprendi também muito com eles.

palavras-chave

Português Língua Estrangeira (PLE); contacto interlinguístico, análise contrastiva, língua Portuguesa, linguística aplicada, interlíngua, interferência, sintaxe, orações completivas, modos verbais.

resumo

Ao entrar em contacto com a língua portuguesa, os alunos chineses são confrontados com diversas dificuldades, tanto de ordem fonética como morfossintática, passando, neste último caso, por etapas problemáticas na sua interlíngua, como o domínio dos mecanismos de concordância ou de seleção de tempos e modos verbais. Este projeto de pesquisa incide precisamente sobre uma análise contrastiva da seleção do modo verbal nas orações completivas em Português Língua Estrangeira por parte de falantes nativos de Chinês. Começamos por apresentar as noções básicas relacionadas com modos verbais e orações completivas e a questão central da seleção dos modos verbais nas completivas em Português, e, de seguida, deixamos um breve quadro relacionado com os conceitos de Interferência, interlíngua, língua nativa/estrangeira, etc., assim como uma proposta de análise contrastiva das completivas em Português e Chinês. É depois apresentado um inquérito feito a alunos chineses sobre a aquisição da sintaxe das orações completivas em PLE, e procura-se identificar, com base nos resultados desse inquérito, as principais interferências relacionadas com a morfossintaxe das orações completivas na interlíngua Português/Chinês. As principais conclusões deste estudo são as seguintes: 1. A maioria dos aprendentes de PLE não domina de forma adequada a sintaxe das orações completivas, devido a questões de interferência morfossintática entre as duas línguas em contacto. 2. Os erros de conjugação, mas não os erros de seleção de modos verbais, são erros "intralinguísticos". 3. A seleção do modo verbal é a dificuldade central na aquisição da sintaxe das orações completivas na interlíngua Português/Chinês.

keywords

Portuguese as a Foreign Language (PFL); Interlinguistic contact, contrastive analysis, Portuguese language, applied linguistics, interlanguage, interference, syntax, noun clauses, verb modes.

abstract

When contacting the Portuguese language, Chinese students are faced with various difficulties, both phonetic and morphosyntactic, going, in the latter case, through problems such as the application of mechanisms of agreement or the selection of verbal tenses and modes in their interlanguage. This research project focuses precisely on a contrasting analysis of the selection of verbal mode in subordinate noun clauses in Portuguese as a Foreign Language by native Chinese speakers. We begin by presenting the basics related to verbal modes and noun clauses and the central question of the selection of verbal modes in the Portuguese noun clauses and then we leave a brief picture related to the concepts of Interference, interlanguage, native/foreign language, etc., as well as a proposal of contrastive analysis of the noun clauses in Portuguese and Chinese. A survey to Chinese students on the syntax of noun clauses in PFL is then presented, and, based on the results of this survey, we seek to identify the main interferences related to the morphosyntax of this type of subordinate clauses in the Portuguese/Chinese interlanguage. The main conclusions of this study are as follows: 1. Most PFL learners do not adequately master the syntax of noun clauses, due to issues of morphosyntactic interference between the two languages in contact. 2. Conjugation errors, but not errors in the selection of verbal modes, are in fact "intralinguistic" ones. 3. The selection of the verbal mode is the central difficulty in the acquisition of subordinate noun clauses syntax in the Portuguese/Chinese interlanguage.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I - Orações completivas na gramática do Português.....	5
Quadro Teórico.....	5
1.1. Definição e identificação de orações completivas.....	7
1.1.1. Orações argumentais internas ou externas.....	11
1.1.2. Completivas sujeito / complemento.....	13
1.1.3. Tipos de predicadores com completivas argumentais.....	14
1.1.4. Completivas finitas / não finitas.....	17
1.2. Seleção do modo nas orações completivas.....	20
1.2.1. Seleção do modo Indicativo.....	24
1.2.2. Seleção do modo Conjuntivo.....	27
1.2.2.1. Critérios de seleção do Conjuntivo em completivas.....	27
1.2.2.2. Concordância dos tempos verbais em completivas finitas.....	38
1.2.3. Seleção do modo Infinitivo.....	40
1.2.4. Alternância dos modos Indicativo, Conjuntivo e Infinitivo nas completivas.....	47
Capítulo II - Sintaxe comparada das completivas - Metodologia.....	51
2.1. Alguns conceitos básicos de linguística aplicada.....	52
2.1.1. Análise contrastiva.....	52
2.1.1.1. A hipótese da Análise Contrastiva.....	53
2.1.1.2. A versão moderna da Análise Contrastiva.....	54
2.1.2. Alguns conceitos básicos. Interferência - interlíngua - transferência.....	57

2.1.2.2. Interlíngua.....	59
2.1.2.3. Interferência e transferência.....	61
2.1.2.4. Língua materna e língua estrangeira.....	63
2.1.3. Breve análise contrastiva da morfossintaxe da frase em Português e Chinês	
64	
2.1.3.1. Análise comparada da frase complexa em Português e Chinês.....	66
2.1.3.2. Análise comparada das flexões em Português e Chinês.....	71
2.2. Recolha de dados - inquérito a alunos chineses de PLE.....	75
2.2.1. Conceção do inquérito.....	75
2.2.2. Aplicação do inquérito.....	77
Capítulo III Estudo de caso e discussão de resultados.....	80
3.1. Análise dos resultados - tendências, estatísticas e confirmações.....	80
3.1.1. Dados relativos à primeira parte do inquérito.....	81
3.1.2. Dados relativos à segunda parte do inquérito.....	82
3.1.2.1. Resultados do exercício 1.....	82
3.1.2.2. Resultados do exercício 2.....	89
3.1.2.3. Resultados do exercício 3.....	92
3.1.2.4. Resultados do exercício 4.....	96
3.2. Confirmação de hipótese, problemas não resolvidos - recomendações.....	104
Conclusão.....	109
Bibliografia.....	112
Anexos.....	115
Anexo 1.....	116
Anexo 3.....	127

Índice de Figuras (anexo 1)

Figura 1 - Perfil do género dos inquiridos.....	116
Figura 2 - Perfil da escolaridade dos inquiridos.....	116
Figura 3 - Distribuição do tempo de aprendizagem de Português.....	117
Figura 4 - Perfil da formação linguística dos inquiridos.....	117
Figura 5 - Projeção do grau de dificuldade do exercício 1.1.....	118
Figura 6 - Resultados das respostas ao exercício 2.1.....	118
Figura 7 - Perfil do grau de dificuldade do exercício 2.1.....	119
Figura 8 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. a).....	119
Figura 9 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. b).....	119
Figura 10 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. c).....	120
Figura 11 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. d).....	120
Figura 12 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. e).....	121
Figura 13 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. f).....	121
Figura 14 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. g).....	121
Figura 15 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. h).....	122
Figura 16 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. i).....	122
Figura 17 - Resultados das respostas ao exercício 3.1. j).....	122

Índice de Tabelas

Tabela 1 - O Infinitivo de “ter” em Português.....	41
Tabela 2 - As conjugações de Infinitivo Pessoal.....	42
Tabela 3 - Infinitivo Pessoal Composto e Infinitivo Impessoal Composto.....	43
Tabela 4 - Análise das respostas do exercício 1.1. a).....	84
Tabela 5 - Análise das respostas ao exercício 1.1. b).....	85
Tabela 6 - Análise das respostas ao exercício 1.1. c).....	85
Tabela 7 - Análise das respostas ao exercício 1.1. d).....	86
Tabela 8 - Análise das respostas ao exercício 1.1. e).....	86
Tabela 9 - Análise das respostas ao exercício 4.1. a).....	97
Tabela 10 - Análise das respostas ao exercício 4.1. b).....	98
Tabela 11 - Análise das respostas ao exercício 4.1. c).....	99
Tabela 12 - Análise das respostas ao exercício 4.1. d).....	99
Tabela 13 - Análise das respostas ao exercício 4.2. a).....	102
Tabela 14 - Análise das respostas ao exercício 4.2. b).....	103

Índice de Siglas

AC - Análise Contrastiva

CAH - Contrastive Analysis Hypothesis (*Hipótese da Análise Contrastiva*)

COD - Complemento de objeto direto

L1 - Língua primeira

L2 - Língua segunda

L3 - Língua terceira

L4 - Língua quarta

LE - Língua estrangeira

LM - Língua materna

MPLÉ - Mestrado em Português Língua Estrangeira

PLE - Português Língua Estrangeira

SN - Sintagma nominal

SV - Sintagma verbal

TL - Target Language (*Língua Alvo*)

UA - Universidade de Aveiro

Introdução

Para apresentar claramente esta dissertação, vou em primeiro lugar enquadrar o tema que será abordado. Atualmente, o desenvolvimento internacional implica que a comunicação interlinguística se torna mais importante e útil. É claro que, por seu lado, aprender bem a língua portuguesa é uma tarefa difícil e exigente para os estudantes chineses desta língua. Todos os idiomas têm regras e a gramática é uma série de regras resumidas para um idioma. E o conhecimento profundo e regular desse idioma é um dos fatores decisivos, por isso, é necessário estudarmos a sua gramática. Assim, este estudo propõe-se abordar questões relacionadas com a aquisição da gramática do Português por falantes nativos de Chinês.

De facto, nos últimos anos, na China, as pessoas estão cada vez mais atentas ao ensino das línguas estrangeiras. Além de aprender Chinês, muitas crianças são obrigadas a seguir cursos de Inglês ou outras línguas. Isso também se deve às mudanças de época, à escassez de talentos, aos *hobbies* das pessoas, etc. A razão é que a popularidade do Inglês ou de outras línguas aumentou gradualmente. Conforme o tempo passa, pessoas de todas as partes do mundo podem comunicar frequentemente devido ao rápido desenvolvimento da Internet. Através da rede, várias integrações e intercâmbios em vários campos, como o intercâmbio empresarial, o intercâmbio mútuo de realizações académicas, etc., também tornaram sensível a aprendizagem e o domínio do Português.

Na China, cada vez mais faculdades e universidades começam a desenvolver este tipo de curso. Em 1960, o *Beijing Broadcasting Institute* abriu a sua primeira licenciatura em Português e, desde então, a propagação do Português na China passou de passiva para ativa. A situação da aprendizagem do Português é que, além do Inglês, exigido para a escolaridade obrigatória, a aprendizagem da maioria dos alunos de

Português geralmente ocorre nas salas de aula das universidades, e os estudantes começam a aprender essa língua aos 19 ou 20 anos. Comparando, o número crescente de estudiosos e entusiastas da língua portuguesa faz com que ainda não exista um sistema educacional suficientemente perfeito a curto prazo. Esta é uma situação com contrastes, com exceção de outras situações: na China, a aprendizagem da língua portuguesa é majoritariamente iniciada nestas idades, pelo que o início da formação parece ser relativamente tardio e o tempo de aprendizagem da língua comparativamente curto. Mas ainda que existam algumas dificuldades na duração do processo, acredita-se que os professores resolvam o problema gradualmente, e que o sistema educacional de língua portuguesa se vá tornar mais apurado e aprimorado.

O objetivo principal desta dissertação é estudar as questões gerais relacionadas com a aprendizagem e uso dos modos verbais, nomeadamente o modo Conjuntivo, o modo Infinitivo e o modo Indicativo, e, mais precisamente, a seleção do modo verbal nas orações completivas. Através desta análise, pretendo obter novos resultados de pesquisa, fornecer novas pistas para o ensino atual nesta área, e resolver alguns problemas de interferência, especialmente no âmbito da análise contrastiva das línguas em causa. Espero que esta dissertação possa ajudar nesta área.

Para começar, vou definir o plano para executar esta dissertação. Assim, no capítulo inicial, com o objetivo de desenvolver os temas sugeridos anteriormente, vou apresentar noções básicas relacionadas com a sintaxe e semântica das orações completivas em Português, e abordar principalmente a questão da seleção dos modos verbais nessas orações. No capítulo dois, começarei por elaborar um breve quadro relacionado com os conceitos de interferência, interlíngua, língua nativa / estrangeira, e uma breve análise contrastiva sobre as completivas em Português e Chinês. Será depois apresentado um inquérito destinado a recolher dados sobre a aquisição das orações completivas no ensino do Português por alunos chineses, associado à interlíngua Português Língua Estrangeira e às interferências Português/Chinês. No capítulo três, será apresentada uma análise dos dados recolhidos, serão discutidos e

comentados os resultados do inquérito e serão deixadas algumas recomendações sobre o processo de aprendizagem.

Capítulo I

1 - Orações completivas na gramática do Português. Quadro teórico.

Este capítulo aborda principalmente a morfossintaxe dos modos verbais do Português e a sintaxe e semântica das orações completivas. Como refere Paiva Raposo, “o modo é um dos sistemas em função dos quais varia a flexão dos verbos em Português. Os valores de modo são expressos conjuntamente com os de tempo.”¹ Esta dissertação incide, em parte, sobre os problemas de seleção de três dos modos verbais em Português, - modo Conjuntivo, modo Indicativo e modo Infinitivo - nas orações completivas. Para abordar esta questão claramente, é necessário neste capítulo começar por apresentar alguns factos básicos sobre as orações completivas e conteúdos relacionados.

Relativamente à sintaxe, ou seja, à “parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para "formar" frases”², podemos dizer que a frase é uma unidade linguística muito importante. Através da comunicação verbal, a frase pode exprimir emoções, apelos, ordens e ideias. Na gramática da língua portuguesa, o conceito de frase é útil com certeza, assim como o de oração, uma outra unidade sintática. Refere Paiva Raposo que:

"Numa construção sintática, uma frase é a oração máxima (ou seja, a mais abrangente), e comparando, a oração, numa construção sintática, é

¹Paiva Raposo (Eduardo) *et al.*, 2013, *Gramática do Português*, vol. I & II, Lisboa, ed. Fundação Calouste Gulbenkian. p. 673.

²Paiva Raposo, *ibidem*, p. 314.

uma sequência de palavras gramatical, que "tem um conteúdo proposicional" e "como elemento nuclear um verbo", exceto se for uma oração composta; nesse caso, cada uma das orações simples coordenadas que constituem a oração composta tem um verbo como elemento nuclear."³

Uma das distinções mais manifestas entre os dois conceitos é, *grosso modo*: uma frase pode ter um, dois ou mais verbos, e também pode não ter nenhum verbo; mas comparativamente, numa oração é obrigatório um verbo. Observando as seguintes frases, podemos entender esta diferença entre frase e oração:

(1) Ela tem 21 anos.

(2) Ela é uma professora que trabalha na Universidade de Beijing.

A frase em (1), só tem um verbo (a palavra "tem"), pelo que a mesma contém (ou equivale a) uma oração.⁴ No caso de (2), existem dois verbos ("é" e "trabalha"), por isso, (2) é uma frase dita complexa que contém duas orações.⁵ Como a frase em (2) é complexa, pode portanto ser dividida em duas orações, ligadas pelo pronome relativo *que*: uma oração é "ela é uma professora", e uma outra é "trabalha na Universidade de Beijing". O pronome relativo estabelece entre as duas orações uma relação de subordinação.

Contudo, nem todas as orações subordinadas são relativas, pois existem também, por exemplo, subordinadas completivas, como nota Duarte: "Subordinação

³ Paiva Raposo, *ibidem*, p. 317.

⁴ A frase contém apenas uma oração, quando apresenta uma só forma verbal. cf. Cunha, & Cintra. (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, 8ª ed. (2017), Edições João Sá da Costa, p. 121.

⁵ A frase contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto. – Cf. Cunha & Cintra, *ibidem*, p. 121.

completiva é um dos grandes tipos de subordinação."⁶ De facto, existem três tipos de subordinadas em Português, nomeadamente as completivas, as relativas e as adverbiais.

Percebe-se que a sintaxe das orações subordinadas é ampla e complicada. De seguida, vou analisar as características básicas de um dos tipos de orações subordinadas - as orações completivas -, e também a seleção dos modos verbais nessas orações subordinadas.

1.1 - Definição e identificação de orações completivas.

Na gramática portuguesa, existe uma definição clara das orações completivas, dada por Duarte, em Mateus (2003):

"Quando uma oração subordinada desempenha a função de complemento ou de sujeito da oração subordinante, funções tipicamente associadas a grupos nominais, esta oração chama-se *Oração Completiva*. [...], numa terminologia tradicional, são também chamadas orações integrantes. "⁷

Testes simples podem ser invocados para identificar e definir as orações completivas. Assim, ao considerar a sua função na frase superior, onde é o argumento de um dos seus núcleos lexicais (geralmente o verbo principal), a oração subordinada completiva pode ser substituída por um pronome, por exemplo um demonstrativo

⁶ Duarte, I. "Subordinação completiva – as orações completivas" in: Mateus, M. et al (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editorial Caminho. 6.ª edição, p. 596.

⁷ Duarte, I, ibidem, p. 595.

invariável: *isso, isto* ou *aquilo*.

Outros testes simples podem ser invocados. Para isso, observemos os exemplos seguintes:

(3) [Participar no jogo] é o meu desejo.

[Esta atividade (é o meu desejo)].

(4) Ele deseja [que tu venças o jogo de futebol.]

[(Ele deseja) a tua vitória].

(5) Foi uma ideia encantadora [preparares o jantar.]

[A tua ideia (foi encantadora)].

Nas frases (3), (4), (5), o que é expresso pelas orações subordinadas (entre colchetes) corresponde a grupos nominais que têm uma distribuição próxima das expressões nominais nas frases simples, e que até podem ser substituídos por nomes ou pronomes (por exemplo, "ele deseja isso" em (4)). As orações destacadas são, portanto, orações subordinadas completivas. Duarte (2003) resume a questão da seguinte forma:

"A subordinação completiva é um dos grandes tipos de subordinação, caracterizável pelo facto de a frase subordinada constituir um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior, tendo, por isso, uma distribuição aproximada das expressões nominais."⁸

As orações completivas verificam outras características típicas e únicas. Duarte

⁸ Ibidem, p. 595.

(2003), de novo, observa que:

“Quando numa construção de complementação a frase completiva é um argumento obrigatório, a sua supressão determina a agramaticalidade da frase superior, quando considerada isoladamente de um contexto discursivo.”⁹

Por exemplo, observe-se as frases seguintes:

- (6) Ele acha [que o ajudaste a trabalhar.]
- (7) *Ele acha.
- (8) O sentimento de tristeza [que me domina] vem das suas palavras.
- (9) O sentimento de tristeza vem das suas palavras.

Nos exemplos (6) e (8), as orações subordinadas são destacadas entre colchetes: na frase complexa em (6), quando se retira o conteúdo da oração subordinada, como se verifica em (7), a "frase" resultante não é correta; mas não é o caso em (8), em que a oração destacada (uma relativa) não concorda com a definição das orações completivas, pois não tem uma distribuição "aproximada" das expressões nominais, mas tem a mesma função de modificador que os adjetivos qualificativos. Sendo por isso, uma oração subordinada relativa, e não uma oração completiva, a mesma é descartável, como é o caso dos modificadores em geral (Cf. (9)).

Relativamente à tipologia das orações completivas, Inês Duarte (2003), deixa as seguintes distinções:

⁹ *Ibidem*, p. 596.

"[...] Consoante a categoria sintática a que pertence o núcleo que seleciona a completiva, a construção de complementação denomina-se verbal, adjetival ou nominal [...] As frases completivas podem ser finitas, caso em que o verbo ocorre no modo Indicativo ou Conjuntivo, ou não finitas, caso em que o verbo ocorre no Infinitivo flexionado ou não flexionado."¹⁰

Vejamos a seguir exemplos desses vários tipos:¹¹

- (10) O João prometeu [que telefonava logo à noite]. (Completiva verbal)
- (11) Os miúdos são capazes [de escalar essa colina]. (Completiva adjetival)
- (12) Os estudantes tiveram a ideia [de organizar uma feira de protótipos]. (Completiva nominal)
- (13) Os críticos desejam [que esse filme ganhe o festival]. (Completiva verbal finita)
- (14) Os peritos islandeses lamentam [terem sido consultados tão tarde]. (Completiva verbal não finita)

Iremos, a seguir, desenvolver a análise de características específicas das orações completivas.

¹⁰ *Ibidem*, p. 596.

¹¹ Todos os exemplos são de Duarte (2003), p. 596.

1.1.1 - Orações argumentais internas ou externas.

Como referido anteriormente por Duarte (2003), a subordinação completiva é um tipo "caracterizável pelo facto de a frase subordinada constituir um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior"¹². Assim, da mesma forma que as expressões nominais argumentais, também as orações completivas argumentais podem ser classificadas em dois tipos: as completivas com a função de argumento interno, e as completivas de argumento externo. Alguns predicados, de facto, seleccionam orações como argumentos internos ou externos (respetivamente objeto ou sujeito sintático), caso de verbos pessoais como "achar" ou de construções impessoais como "surpreender" ou "ser bom". Outros predicados, como "insistir em", "consciente de" ou "ideia de", seleccionam apenas completivas argumento interno com função sintática de complemento oblíquo.

Para ilustrar estas distinções, observe-se as frases seguintes, em que poderemos reconhecer os dois tipos de relações argumentais e as suas características:

1. Orações completivas como argumentos externos (as completivas estão entre colchetes):¹³

(15) [Que a Mariana não tenha vindo à festa] surpreendeu o João.

(16) É possível [que o João não venha à festa].

(17) É verdade [que o João é alérgico a oleaginosas].

Nas frases (15) a (17), as orações destacadas desempenham a função sintática de sujeito, sendo também o argumento externo da categoria predicadora ("surpreendeu",

¹² Ibidem, p. 595.

¹³ Os exemplos são de Duarte (2003), p. 606.

"é possível" e "é verdade" respetivamente).¹⁴ As completivas argumento externo têm a relação gramatical de sujeito e podem, por isso, ser substituídas por um demonstrativo neutro na posição sujeito, independentemente do núcleo predicador. Nesse caso, a frase (15) por exemplo poderia ser reescrita: "Isso surpreendeu o João".

2. Orações completivas como argumentos internos:¹⁵

(18) O João sabe [que estamos à espera dele].

(19) O conselho lamenta [que não lhe tenha sido comunicada a decisão].

(20) Os pais querem [que os miúdos regressem do acampamento no domingo].

(21) O João insistiu [em [que fôssemos à festa dele]]

(22) Todos estamos conscientes [de [que a solução do problema não é fácil]].

(23) Durante a Idade Média, os geógrafos não defendiam a ideia [de [que a Terra e redonda]].

No caso das completivas argumento interno, as mesmas têm a função sintática de complemento de objeto direto (COD), sendo neste caso obrigatoriamente selecionadas por verbos transitivos, como "querer, saber lamentar", ou são complementos oblíquos, sendo então selecionadas por núcleo verbais, adjetivais ou nominais por meio de uma construção preposicional, como em "insistiu em que", "conscientes de que" ou "a ideia de que".¹⁶

De igual modo, as completivas argumento interno podem ser substituídas por demonstrativos neutros diretos (como em "os pais querem isso") ou por pronomes

¹⁴ Em consequência, como nota Duarte. (2003), p.606, as orações completivas sujeito pode ocupar uma posição pré-verbal ou pós-verbal: Ex."[Que o João não venha à festa] é possível."

¹⁵ Exemplos de Duarte. (2013). p. 608 e p. 614.

¹⁶ Recorde-se que um complemento oblíquo corresponde a "uma palavra ou conjunto de palavras que é selecionado pelo verbo com intervenção de uma preposição e que não é substituível pelos pronomes pessoais acusativos ou dativos". (Dicionário Priberam)

peçoais diretos (“O conselho lamenta-o”), no caso de serem objeto direto, ou por demonstrativos neutros com preposição, no caso de serem complementos oblíquos (como em "ele insistiu nisso").

1.1.2 - Completivas sujeito / complemento.

No domínio da sintaxe, as subordinadas completivas argumentais podem desempenhar, como se disse, a função sintática de sujeito ou complemento. Vejamos alguns exemplos.

1. Função sintática de sujeito¹⁷:

(24) Impressionou a Maria [que o João comesse tantos bolos].

(25) [Comprar um gelado depois de almoço] é um hábito da Maria.

Nas frases (24) e (25), as orações completivas desempenham a função sintática do sujeito.

2. Função sintática de complemento direto (não introduzido por uma preposição):¹⁸

(26) A criança quer [comer bolo].

(27) A criança acha [que tem sono].

3. Função sintática de complemento oblíquo do verbo (quando as orações são introduzidas por "que" precedido de verbo com preposição fixa):

(28) A Maria insistiu [em que comesse o bolo todo].

¹⁷ “Do ponto de vista sintagmático, o sujeito pode ser um sintagma nominal ou, em frases complexas, uma oração.” Paiva Raposo, (2013), *ibidem*, p. 366.

¹⁸ “Os complementos podem subclassificar-se em complemento de objeto direto, de objeto indireto e complemento oblíquo.” Paiva Raposo, (2013), *ibidem*, p. 367.

(29) A possibilidade [de que se recorresse da decisão] foi vedada aos candidatos.

(30) A mãe obrigou o menino [a que comesse a sopa depressa].

4. Função sintática de complemento de nomes e adjetivos (quando o predicador não é um verbo):

(31) O facto [de que o trabalho é difícil] não é desculpa. (Complemento do nome)

(32) Estou muito contente [que ele tenha alcançado o sucesso]. (Complemento do adjetivo)

Do que antecede, decorre que vários tipos de categorias predicadoras regem orações completivas. Vejamos a seguir essa tipologia.

1.1.3 - Tipos de predicadores com completivas argumentais.

O principal objetivo desta secção é apresentar os predicadores que selecionam as orações completivas, sendo os principais de três tipos: verbos, adjetivos ou nomes.

Observe-se as frases seguintes:

(33) Tenho a ideia [de [que vai chover]].

(34) Estou certo [de [que vai chover]].

(35) Acho [que vai chover].

(36) É possível [que vá chover].

Nas frases anteriores, o predicador¹⁹ que seleciona a oração completiva argumental (argumento interno ou externo) pode ser um nome ("ideia" em (33)), um

¹⁹ "Para a lógica de predicados, as proposições, ou, para o linguista, as frases que as veiculam, organizam-se em redor de um elemento central, a que chamamos – predicador." Cf. Paiva Raposo (Eduardo), *ibidem*, p. 358.

adjetivo ("certo" em (34)) ou um verbo ("acho" em (35)). As categorias predicadoras são itens lexicais que determinam, na sua entrada lexical, para além dos seus papéis temáticos, a seleção categorial dos argumentais nominais ou frásicos. Nos termos de Paiva Raposo (2013),

"O predicador de uma frase é o item lexical que define o conteúdo fundamental das proposições, independentemente da sua natureza semântica mais precisa, como representando ações, processos, atividades ou situações estáticas."²⁰

A entrada lexical²¹ do predicador indica, assim, o papel temático atribuído a cada argumento, a classe sintagmática dos mesmos e, por fim, a função gramatical de cada argumento na frase (sujeito, complemento direito, etc.).²² Os predicadores podem ser classificados como verbos, nomes ou adjetivos, havendo ainda que referir, no caso dos dois últimos, determinadas preposições de regência que controlam o argumento do predicado.²³

Observe-se as situações seguintes, com diferentes predicadores selecionando orações completivas.

1- Orações selecionadas por predicadores nominais, como se pode observar nos exemplos: (37), (38), (39).

²⁰ Paiva Raposo (E.), *ibidem*, p. 358.

²¹ No léxico, cada predicador está associado a uma entrada lexical que contém informação sobre o seu significado e o número de argumentos que seleciona, cf. Paiva Raposo. (2013).

²² Paiva Raposo (E.), *ibidem*, p. 384.

²³ Os predicadores frásicos mais típicos são os verbos, mas podem também funcionar como tal adjetivos, nomes, determinadas preposições e alguns (poucos) advérbios, cf. Paiva Raposo. (2013). Esta dissertação aborda apenas as orações subordinadas completivas argumentais de nomes, adjetivos ou verbos.

- (37) Tenho a certeza [de que este livro é meu].
(38) A ideia [de ler livros] agrada-me sempre.
(39) O medo [de morrer] é comum nos homens.

Na frase (37), o predicador é o nome "certeza"; na frase (38), o predicador é "ideia"; e na frase (39), é "medo", também nomes.²⁴

- Orações selecionadas por predicadores verbais, como se mostra nas frases (40) a (42):

- (40) Ele espera [que possas ganhar mais dinheiro].
(41) Ele insistiu [em que vás para o emprego sozinho].
(42) Ele não acha [que possas concluir a tarefa com sucesso].

Na frase (40), o predicador de frase é o verbo "espera". Na frase (41), o predicador é o verbo "insistiu", e na (42) é "acha".

2- Também existem orações selecionadas por predicadores adjetivais, como se pode observar nas frases (43) e (44):

- (43) É melhor [que te vistas mais quente].
(44) Estou consciente [de que preciso de dormir].

Na frase (43), o predicador "melhor", é um adjetivo, e na frase (44), o predicador é "consciente", também um adjetivo. As orações completivas são aqui selecionadas por predicadores adjetivais, quer como argumento externo, quer interno (em 44)).

Através dos exemplos anteriores, conclui-se que as orações completivas podem ser selecionadas por predicadores nominais, adjetivais ou verbais.

²⁴ Como referido, os predicadores nominais selecionam o seu argumento frásico por meio de uma preposição de regência, habitualmente "de".

1.1.4 - Completivas finitas / não finitas.

As orações completivas, também as podemos dividir em completivas finitas e completivas não finitas.²⁵

As frases completivas são finitas quando o verbo ocorre no modo Indicativo ou modo Conjuntivo²⁶, ou seja, numa forma conjugada. As completivas finitas têm como característica que, muitas vezes, são introduzidas por um complementador, como a conjunção *que*, ou por palavras como a conjunção *se* no caso de completivas finitas indiretas selecionadas por verbos interrogativos (dubitativos, de inquirição, negativos) ou declarativos (informar, decidir, dizer, etc.).²⁷

Vejam, por exemplo, as frases (45) a (48):

(45) É possível [que *chova* amanhã].

(46) A rapariga não disse [que queria dançar].

(47) O João perguntou [se *sabias* dançar].

(48) Surpreendeu-me [que *pudesse* vir].

As frases (45) e (46) são introduzidas pelo complementador *que*; e na frase (47), o complementador é a conjunção *se*, porque o verbo principal exprime a interrogação. Na frase (45), a forma verbal "chova" está no Presente do Conjuntivo (um tempo do modo Conjuntivo), por isso, é uma completiva finita. E na frase (46), o verbo da oração subordinada, "queria" está no Indicativo Imperfeito do Indicativo, havendo de novo uma oração completiva finita. Então, conclui-se que nas orações completivas finitas, podemos selecionar dois tipos de modos verbais - o modo Conjuntivo e o modo Indicativo.

No caso das orações completivas não finitas (ou infinitivas), quer sejam selecionadas por verbos, nomes ou adjetivos, o verbo subordinado vai estar numa

²⁵ Na tradição gramatical luso-brasileira, também se pode invocar a oposição entre "orações desenvolvidas" e "orações reduzidas". As reduzidas incluem as orações completivas com verbo no Infinitivo. Cf. Cunha & Cintra. (1984).

²⁶ Duarte, I, *ibidem*, p. 596.

²⁷ Duarte, I, *ibidem*, p. 596.

forma nominal — nomeadamente o Infinitivo. Os verbos subordinados Infinitivos "podem ser flexionados ou não flexionados".²⁸

Comparado com as características das orações completivas finitas, as completivas não finitas não são habitualmente introduzidas por complementadores, como refere Duarte (2003):

"Ao contrário das frases completivas finitas, as completivas infinitas não são geralmente introduzidas por complementadores com realização lexical."²⁹

A ausência de complementador nas completivas não finitas é ilustrada a seguir nas frases (49) a (52):

(49) É possível [*chover* amanhã].

(50) É uma coisa importante [*estudares* com esforço].

(51) O rapaz tem sempre medo de [*perder* o avião].

(52) O João disse [*não saber* dançar].

Nos exemplos acima, podemos notar que os verbos das orações subordinadas ("chover", "estudares", "perder" e "saber") estão todos no modo Infinitivo. Mas "não finito" não significa (em Português) que o verbo não flexione: na frase (50), o verbo "estudares" está flexionado (concorda com sujeito "tu"), e não pode usar a forma não flexionado, "estudar", no caso de o sujeito ser identificado (como "tu" aqui). As quatro frases são orações completivas não finitas.

Mas nas orações completivas não finitas, também é possível haver um complementador. Isso acontece "quando algumas completivas infinitivas selecionadas por alguns verbos declarativos de ordem, (como *dizer*, *pedir*, *insistir*, *solicitar*, etc.), devem ser introduzidas pelo complementador *para*, que resulta da reanálise da preposição homófona."³⁰ Como exemplo, vejamos as frases seguintes:

²⁸ Duarte, I, *ibidem*, p. 621.

²⁹ Duarte, I, *ibidem*, p. 621.

³⁰ Duarte, I, *ibidem*, p. 597, que sugere, então, uma distinção de natureza (mas não de forma) entre a palavra "para" como preposição e "para" como complementador completo.

(53) Ele disse à Maria [*para* comprar o remédio].

(54) Ele insistiu em ir trabalhar [*para* ganhar o primeiro dinheiro com sucesso].

O complementador das frases (53) e (54) é a palavra "para". E os verbos das orações subordinadas, "comprar" e "ganhar", estão no modo Infinitivo, sendo, pois, as duas orações subordinadas completivas não finitas.

Nas orações completivas não finitas, existe ainda a possibilidade de haver preposições (mas não complementadores), como *a, de, em*, etc., como se mostra, por exemplo, na frase (55) abaixo. E quando a frase se torna uma oração completiva finita, o complementador *que* é acrescentado à frase, como, por exemplo, na frase (56):

31

(55) A tarefa consiste *em* [determinar a derivada das três funções].

(56) A tarefa consiste *em* [que eles determinem a derivada das três funções].

Na frase (55), o modo verbal da oração subordinada é o modo Infinitivo, trata-se de uma oração completiva infinita. Pelo contrário, na frase (56), o modo verbal da oração subordinada é o modo Conjuntivo, trata-se de uma oração completiva finita.

Nas orações completivas não finitas, sempre no Infinitivo, não existe, pois, seleção do modo verbal, mas os verbos no Infinitivo podem ser flexionados ou não flexionados, sendo este problema também complexo e exigente, como vamos ver nos próximos parágrafos.

³¹ “A forma *para* que introduz as completivas não finitas com esta subclasse de verbos tem o estatuto de complementador e não de uma verdadeira preposição, uma vez que, nas completivas finitas correspondentes, *para* não pode coocorrer com o complementador *que*; por esta razão, tais completivas têm a relação gramatical de objeto direto e não uma relação gramatical oblíqua.” (Duarte, 2003, .p. 621)

1.2 - Seleção do modo nas orações completivas.

Esta secção apresenta principalmente as situações da seleção do modo verbal nas orações completivas. Relativamente ao conceito de "modo" verbal, Cunha & Cintra (1984) referem que:

"O modo é um fenómeno gramatical único em Português. Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um facto. A forma do verbo (modo) reflete a atitude do falante para com a coisa enunciada."³²

E a “atitude do falante” pode ser confiante, duvidosa, comandando, admoestando, etc. Refere Paiva Raposo (2013), sobre os modos, que:

"O modo é um dos sistemas em função dos quais varia a flexão dos verbos em Português. Os valores de modo são expressos conjuntamente com os de tempo. Ou as formas verbais finitas não exibem constituintes morfológicos de modo independentes dos de tempo: ambas as categorias se encontram amalgamadas num mesmo constituinte."³³

Sobre as características dos modos, Santos (2003), por seu lado, diz que:

"Os modos podem identificar-se por uma relação simbólica específica com os elementos do contexto em que se inserem, mas não se identificam por características internas."³⁴

³² Cunha, C. e Cintra L, ibidem, p. 447.

³³ Paiva Raposo, E, ibidem, p. 673.

³⁴ Santos, M. (2003). *Os usos do Conjuntivo em língua portuguesa (uma proposta de análise semântico - pragmática)*. Coimbra. Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra, p. 108.

Na área da gramática da língua portuguesa, são reconhecidos três modos verbais associados a orações completivas: o Infinitivo, o Indicativo e o Conjuntivo. O Infinitivo, contudo, é geralmente tido uma "forma nominal" do verbo, embora alguns gramáticos latinistas o considerem um modo verbal pleno.³⁵ Vejamos alguns dados relativos a esses modos verbais.

O modo Indicativo pode indicar uma certeza, uma realidade, apresentar a ação verbal como um facto, no plano da verdade ou da certeza. Os tempos do Indicativo, simples ou compostos, incluem Presente, Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito, Futuro do Presente e Futuro do Pretérito (ou condicional). Segundo Mateus (2003):

"O modo Indicativo é o modo preferencial das frases simples, da maior parte das coordenadas e ainda da oração principal em muitas frases complexas."³⁶

Por exemplo:

(57) Eu sempre acordo cedo. (Presente do Indicativo)

O modo Conjuntivo pode indicar uma possibilidade, uma dúvida, uma suposição, um desejo, uma condição e (em Português) o irreal. A semântica que o modo Conjuntivo exprime é oposta à do modo Indicativo. Os tempos do modo simples ou compostos Conjuntivo incluem: Presente, Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito, Futuro Simples e Futuro Composto. Sobre este modo, refere Mateus (2003) que:

³⁵ Cf. Mateus (2003), *ibidem*, p. 254. Ao contrário da "Grammatica Philosophica" de Soares Barbosa, para quem se trata de um modo verbal, o Infinitivo não é reconhecido como modo na maioria das gramáticas portuguesas posteriores, que o remetem para as "formas nominais" do verbo.

³⁶ Mateus (2003), *ibidem*, p. 259.

"O modo Conjuntivo, embora possa surgir em alguns tipos de frases simples e também de coordenadas, é sobretudo em construções de subordinação que se observa o seu uso, quer obrigatório quer opcional, apresentando diferentes leituras neste último caso."³⁷

Por exemplo:

(58) Talvez ele venha amanhã. ("Venha" está no Presente do Conjuntivo)

De notar, contudo, que a diferença entre "modo da certeza" e "modo da dúvida", sobre a qual se baseia a distinção Indicativo / Conjuntivo, é bastante mais frágil do que as gramáticas indicam habitualmente. Assim, Mateus (2003) refere, a este respeito:

"A distinção entre estes modos na sua relação com diferentes modalidades é bastante mais complexa por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, não existe correspondência unívoca entre os dois modos e distinções modais, pois a cada modo pode associar-se mais do que uma modalidade. Em segundo lugar, as ocorrências dos diferentes modos nem sempre parecem ter uma relação direta com distintos tipos de modalidade, na medida em que o modo Conjuntivo, tradicionalmente associado ao domínio da incerteza, eventualidade ou dúvida, pode surgir em construções em que, pela sua natureza, esperaríamos o modo Indicativo e vice-versa."³⁸

A autora acrescenta de seguida exemplos destinados a provar a infidelidade entre os modos e a sua suposta diferenciação semântica:

³⁷ Mateus (2003), *ibidem*, p. 259.

³⁸ Mateus (2003), *ibidem*, p. 257.

"[Assim], seria de esperar que um verbo factivo como *lamentar*, em que se afirma a verdade da proposição da frase subordinada, seleccionasse o Indicativo e que um verbo de atitude proposicional como *crer*, em que não se asseve a verdade da proposição da frase encaixada, seleccionasse o Conjuntivo."³⁹

Modo Infinitivo: pode ser dividido em Infinitivo Simples e Infinitivo Composto. A diferença é que o Infinitivo Composto enfatiza a conclusão das ações concluídas. A forma Impessoal do Infinitivo é, como foi referido, a forma nominal do verbo, sendo o Infinitivo Pessoal e flexionado a forma não marcada do verbo.

Segundo Cunha & Cintra (1984), o Infinitivo é uma das "formais nominais" do verbo, ao lado do Gerúndio e do Particípio. Os autores acrescentam que o Infinitivo se caracteriza --

"por não poder exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparece[m]."⁴⁰

Por exemplo:

(59) É possível chover hoje. (Um exemplo de Infinitivo Impessoal.)

Um dos objetivos da nossa investigação consiste em pesquisar os motivos, as razões ou as condições em que são selecionados os modos verbais anteriormente referidos, tentando identificá-los e diferenciá-los cuidadosamente nas orações completivas.

³⁹ Mateus (2003), *ibidem*, p. 257.

⁴⁰ Cunha, C. e Cintra L. (1984), *ibidem*, p. 498.

A seguir, tentaremos explicar as diferentes situações em que se verifica seleção do modo verbal nas orações completivas. Como vamos ver, a seleção do modo, em particular dos modos Indicativo e Conjuntivo, nas completivas finitas, depende essencialmente das propriedades léxico-semânticas do núcleo predicador.

1.2.1 - Seleção do modo Indicativo.

Nas orações completivas, o modo Indicativo só pode aparecer nas completivas finitas. O uso do modo Indicativo ocupa a maior parte das frases coordenadas e da oração principal nas frases complexas.⁴¹ Por causa das suas características típicas, o modo Indicativo pode, como notámos, indicar uma certeza, uma realidade, apresentar a ação verbal como um facto, no plano da verdade ou da certeza. Existe um conjunto de verbos que selecionam o Indicativo em orações completivas finitas, tais como: *parecer, acreditar, achar, dizer, afirmar, perguntar, ouvir, considerar, supor, lembrar-se de, recordar-se de*, etc., como mostram as frases seguintes:

- (60) Acho / acredito que vai chover hoje.
- (61) Creio / considero que pode vencer o jogo.
- (62) Não creio / acho que possa vencer o jogo.

Nas frases, (60) e (61) usa-se o modo Indicativo, mas quando o verbo expressa uma atitude incerta ou negativa, como na frase (62), é exigido o uso do modo Conjuntivo em orações completivas.

Silva (1999) adianta que:

"A seleção do modo já não é unívoca, pelo que não se pode generalizar que seja apenas o tipo de verbo da oração principal o elemento que desencadeia o modo. "⁴²

⁴¹ Sutre, E. M., (2012). *O Modo Conjuntivo em Português e em Castelhano: uma análise contrastiva*. Universidade da Beira Interior, p. 17.

⁴² Silva, M. H. (1999). *O Conjuntivo em Contextos Formais de aprendizagem do Português como Língua Segunda*. Lisboa. Universidade de Lisboa, p. 17.

Quando nós queremos referir a ação verbal como um facto, no plano da certeza e da verdade, podemos escolher o modo Indicativo de acordo com a atitude expressa. Segundo Marques (2016), são regentes do Indicativo expressões predicativas dos seguintes tipos:

- (i) verbos que expressam o conhecimento; (Por exemplo: *descobrir, saber, considerar, constatar, julgar, etc.*)
- (ii) verbos que expressam o compromisso; (Por exemplo: *jurar, prometer, etc.*)
- (iii) verbos que expressam a ficção; (Por exemplo: *sonhar, fingir, etc.*)
- (iv) verbos declarativos. (Por exemplo: *dizer, afirmar, garantir, etc.*)⁴³

Duarte (2003), por seu lado, adianta que, nas orações completivas, o modo Indicativo é selecionado, em completivas verbais, por:

(Tipo 1) verbos superiores inacusativos (*parecer, acontecer, ocorrer, suceder, etc.*), declarativos (*declarar, jurar, concluir, afirmar, prometer, etc.*), epistémicos (*pensar, saber, achar, considerar, acreditar, etc.*), percetivos (*sentir, ouvir, ver, etc.*) e de inquirição (*pedir, perguntar, investigar, etc.*).

(Tipo 2) por verbos psicológicos não emotivos intrinsecamente reflexos, cuja contrapartida causativa seleciona o modo Indicativo (*recordar-se, lembrar-se, esquecer-se, etc.*).

Quanto a completivas adjetivais e nominais, as mesmas passam, da mesma forma, para o modo Indicativo em função dos tipos léxico-semânticos desses predicadores. Duarte (2003), de novo, refere que é selecionado o Indicativo em:

⁴³ Marques, R. (2016). "O Modo Conjuntivo", in Manual de Linguística Portuguesa, editado por Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, p. 614.

(Tipo 3) completivas adjetivais e nominais não preposicionadas selecionadas como argumento externo por predicadores adjetivais e nominais epistémicos (*certeza/certo, evidente/evidência, claro, óbvio, facto, verdade, visível, etc.*).

(Tipo 4) completivas preposicionadas selecionadas como argumento interno por núcleos adjetivais (*consciente, seguro*) e nominais (*certeza, afirmação*) epistémicos.⁴⁴

Vejamos a seguir alguns exemplos de completivas verbais, adjetivais ou nominais de modo Indicativo.

Assim, as orações de tipo 1 destacam-se a seguir:

- (63) Ele perguntou-nos [se sabíamos a solução].
- (64) Ele achava que [tu devias ligar para o telemóvel dele].
- (65) Nós sabemos [que tu moras no Porto].
- (66) Ele prometeu [que compra esta máquina].
- (67) A professora avisou [que amanhã não tem aulas].
- (68) O rapaz sonhou [que estava a pescar].
- (69) A notícia afirmou [que os resultados seriam publicados hoje].
- (70) Aconteceu [que dois carros bateram ontem].

As orações de tipo 2 são exemplificadas as frases seguintes:

- (71) Lembrei-me de que [me compraste uma camisola].
- (72) Recordou-se de que [tu o ajudavas a levar as bagagens].

As orações de tipo 3 correspondem aos seguintes exemplos:

- (73) É evidente [que o aluno não participará no exame amanhã].
- (74) É uma certeza [que vai chover amanhã].

Por fim, as orações de tipo 4 são ilustradas a seguir:

- (75) Estou consciente [de que a situação vai tornar-se cada vez pior].
- (76) Ninguém tem a certeza [de que existe uma solução].

⁴⁴ Duarte (2003), *ibidem*, p. 599 - 600.

Nas frases anteriores, as partes entre colchetes são as orações completivas finitas, as quais são introduzidas pelos complementadores *que* ou *se*, com o auxílio eventual da preposição de regência "de". Nestas completivas finitas, os predicadores (os núcleos lexicais que selecionam as orações) determinam que o modo verbal da completiva deve ser o Indicativo.

1.2.2 - Seleção do modo Conjuntivo.

1.2.2.1. Critérios de seleção do Conjuntivo em completivas.

Comparado com o modo Indicativo, a seleção do Conjuntivo é mais complicada por causa de algumas das suas características, que podem refletir-se em diversos aspetos da morfossintaxe. Da mesma forma que para o Indicativo, podemos, contudo, identificar vários tipos de contextos em que o modo Conjuntivo é selecionado.

Relativamente à ocorrência deste modo, Marques (2016) adianta que:

"Em orações completivas, a ocorrência do Conjuntivo é determinada fundamentalmente pelo verbo, nome, ou adjetivo de que a oração é argumento."⁴⁵

De acordo com as características deste modo, o Conjuntivo, que o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* define como o "modo verbal que exprime possibilidade, contingência"⁴⁶, é geralmente usado para expressar, nas orações subordinadas completivas, as ações ou os factos ilusórios ou incertos.

Ao contrário do modo Indicativo, que, como vimos, se usa quando se considera o facto expresso pelo verbo como certo e real, o modo Conjuntivo é selecionado para

⁴⁵ Marques, R. (2016), *ibidem*, p. 614.

⁴⁶ Casteleiro, J. M. (Coord.). (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, p. 925.

expressar o virtual ou incerto, e também outras situações temporais relativas.⁴⁷ Fonseca (2006) considera assim que:

"A significação temporal das formas do conjuntivo tem [...] um carácter virtual (não exprimindo uma localização temporal determinada) e dependente (só se realiza em relação a outra forma verbal de que depende, no contexto.)"⁴⁸

O Conjuntivo pode, assim, aparecer em orações subordinadas de frases complexas. Ao mesmo tempo, também pode aparecer em frases simples ou numa oração principal. Comparado com o Indicativo, o Conjuntivo é mais complexo em termos de valor, o que reduz a sua independência em relação ao tempo da oração principal, por razões de concordância morfossintática.

Relativamente ao Conjuntivo subordinado mais precisamente, a gramática escolar de inspiração latina apresenta essencialmente uma argumentação baseada em princípios de uso herdados de categorias semânticas vagas, como "o sentimento, o desejo, a vontade, a apreciação, a dúvida, etc." Assim, Cunha & Cintra, que observam que "o *subjuntivo* é por excelência o modo da oração subordinada"⁴⁹, justificam desta forma o uso do Conjuntivo nas orações subordinadas completivas (rotuladas pelos autores de "orações substantivas integrantes"), destacando três casos:⁵⁰

(I) Usa-se geralmente o Subjuntivo [Conjuntivo] quando a oração principal exprime: (a) a vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato de que se fala; (b) um sentimento, ou uma

⁴⁷ Oliveira, F, (2008), "Sobre os tempos do Conjuntivo", in *O fascínio da linguagem. Atas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Porto, ed. Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 109.

⁴⁸ Fonseca, Fernanda Irene, (1970), *Para o Estudo dos Valores do Conjuntivo em Português Moderno*, Universidade de Coimbra.

⁴⁹ Cf. Cunha & Cintra (2005), p. 482. De notar que estes autores seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira, a qual nomeia o Conjuntivo dos verbos como "Subjuntivo".

⁵⁰ Para além das completivas, os autores abordam também o modo Conjuntivo nas orações relativas e adverbiais, também justificado com base no mesmo tipo de explicação.

apreciação que se emite com referência ao próprio fato em causa; (c) a dúvida que se tem quanto à realidade do fato enunciado.⁵¹

Exemplos dados pelos autores, todos extraídos de textos literários, são apresentados a seguir, ilustrando a estas 3 categorias:⁵²

(77) Em todo o caso, gostava que me *considerasse* um amigo.

(78) Eu bem queria que tu *fosses* como empregado.

(79) Não acredito que ela *chore* aqui.

Relativamente à tipologia léxico-semântica dos predicados que, segundo o quadro linguístico moderno, selecionam orações completivas de Conjuntivo, Duarte (2003) adianta que o modo Conjuntivo é exigido em orações completivas selecionadas por predicados de diversos tipos, essencialmente em função das suas propriedades semânticas.

Em primeiro lugar, Duarte (2003) observa que o modo Conjuntivo ocorre em completivas verbais argumento externo de verbos psicológicos ("*entristecer, surpreender, etc.*") e em completivas selecionadas por verbos inacusativos ("*bastar, convir*"). Os exemplos seguintes ilustram essas regras de seleção:⁵³

(80) Entristece-a [que o filho *tenha* tido maus resultados no exame].

(81) Convém [que *venhas* à conferência].

Em segundo lugar, ainda segundo Duarte (2003), o Conjuntivo também ocorre nas completivas verbais argumento interno (com relação de complemento direto) de verbos declarativos de ordem ("*dizer*"), de verbos psicológicos factivos ("*achar, detestar*"), de verbos volitivos e optativos ("*desejar, pretender*") e, por fim, de verbos

⁵¹ Cunha & Cintra (2005), *ibidem*, p. 482.

⁵² Exemplos de Cunha & Cintra (2005), *ibidem*, p. 482.

⁵³ Exemplos de Duarte (2003), p. 601.

causativos ("*deixar, mandar*").⁵⁴ Por seu lado, as completivas verbais preposicionais selecionam por defeito o modo Conjuntivo (embora de forma não sistemática). Deixamos a seguir alguns dos exemplos de frases sugeridos por Duarte (2003):

- (82) Os pais disseram aos miúdos [que lhes *telefonassem*].
- (83) Todos lamentam [que *tenha* ocorrido uma cena dessas].
- (84) A faculdade deixou [que os alunos se *matriculassem* condicionalmente].
- (85) O bibliotecário opôs-se a [que *consultássemos* o manuscrito raro].

Quanto às completivas dependentes de predicados nominais e adjetivais, as não preposicionadas, que são selecionadas como sujeito por adjetivos ("*surpreendente*") ou nomes ("*problema*"), exigem também o modo Conjuntivo (exceto nos casos vistos anteriormente relativos a adjetivos epistémicos). Por último, as completivas finitas selecionadas como argumento interno por núcleos adjetivais ("*ansioso*") ou nominais ("*intenção*") também exigem, de forma geral, o modo Conjuntivo. Também nestes casos, a autora deixa exemplos destinados a ilustrar estes tipos de completivas:⁵⁵

- (86) É surpreendente [que o filme *tenha* ganho o festival].
- (87) Foi uma surpresa [que o filme *tivesse* ganho o festival].
- (88) É um enorme problema [que os finalistas ainda não *dominem* conceitos gramaticais básicos].
- (89) O chefe está ansioso [por que *acabemos* as nossas férias].
- (90) Existe a intenção [de que *seja* dado maior apoio aos jovens atletas].

Ainda relativamente aos tipos léxico-semânticos que determinam a seleção do modo Conjuntivo, Marques (2016), em moldes diferentes, adianta que é exigido o uso desse modo em orações completivas com a relação de argumento dos seis tipos de predicados abaixo discriminados:

⁵⁴ Para uma lista alargada de verbos que subscrevem estas condições, cf. Duarte (2003), p. 601.

⁵⁵ Exemplos de Duarte (2003), p. 602 - 603.

"(Tipo 1) Associados à expressão de valores de desejo (e.g. *esperar, rezear, querer, ansiar, desejar*, etc.);

(Tipo 2) associados à expressão de valores de permissão, obrigação e afins (e.g. *mandar, proibir*, etc.);

(Tipo 3) associados à expressão de avaliação (e.g. *surpreender, lamentar, admirar, agradecer*, etc.);

(Tipo 4) associados à expressão da dúvida (e.g. *duvidoso, discutível, problemático, desconfiado, duvidar, ter dúvidas*, etc.);

(Tipo 5) associados à expressão da causa, condição necessária ou condição suficiente (e.g. *levar a que, fazer com que, ser necessário, impedir, bastar*, etc.);

(Tipo 6) verbos declarativos negativos (e.g. *negar, recusar*, etc.)."⁵⁶

Apresenta-se a seguir uma lista de frases ilustrando os seis tipos anteriores.

Tipo (1):

- (91) Espero [que *sejas* feliz no ano novo].
- (92) Receava [que não *conseguisses* ganhar este jogo de ténis].
- (93) Desejo que [te *consigas* inscrever na disciplina].
- (94) A Luísa queria [que ele *chegasse* ao hotel cedo].
- (95) O Paulo desejava [que nós *pudéssemos* passar o exame juntos].
- (96) Esperava [que tu *fosses* frequentar a língua chinesa].

Tipo (2):

- (97) É proibido [que *entres* no museu à noite].
- (98) O chefe mandou [que tu *faças* o trabalho mais rapidamente].

⁵⁶ Marques (2016), *ibidem*, p. 614.

Tipo (3):

- (99) Lamento que [não *possas* vir a reunião hoje].
- (100) Ele agradece [que o João *venha* trabalhar nesta empresa].
- (101) Agradecemos [que tu *compres* roupas na moda todos os meses para nós].

Tipo (4):

- (102) Estou desconfiado [de que *consigam* preparar o jantar].
- (103) O chefe duvida que [*possa* participar na festa].
- (104) Tenho dúvidas de que [tu *sejas* uma boa estudante].

Tipo (5)

- (105) É necessário [que tu *frequentes* este curso].
- (106) Bastava [que *tivesses* acabado o teu trabalho].

Tipo (6)

- (107) Eles negam [que *tenham* estado na cena do crime ontem].
- (108) Ele recusa [que *participes* nesta festa].

Observando os exemplos anteriores, as partes entre colchetes correspondem às orações completivas finitas, as quais aparecem introduzidas pelo complementador *que*, com o auxílio eventual da preposição de regência "de". Nestas completivas finitas, os traços semânticos dos núcleos lexicais que selecionam as orações determinam que o modo verbal da completiva seja o Conjuntivo.

Em síntese, procurou-se até aqui justificar a seleção dos modos Indicativo e Conjuntivo em termos de propriedades dos núcleos lexicais predicadores da oração principal. Como facilmente se depreende, o principal objetivo consiste em identificar as propriedades semânticas capazes de justificar os contextos em que ocorrem obrigatoriamente estes modos nas completivas, pois, na gramática do Português, os erros de seleção de modo nas completivas finitas são considerados graves, produzindo frases gramaticalmente degradadas.

Como foi já referido (cf. Duarte p.603), embora, tradicionalmente, o modo Conjuntivo tenha sido associado a modalidades como a incerteza, a eventualidade e a dúvida, convém recordar que, na realidade, não existe uma relação direta e sistemática entre a seleção de modo nas completivas e esses diferentes tipos de modalidades. Isso é ilustrado, por exemplo, pelo facto de o modo Conjuntivo ocorrer obrigatoriamente em completivas seleccionadas por certas classes de verbos factivos ("*lamentar*") e, inversamente, o facto de o Indicativo estar disponível como modo de completivas seleccionadas por alguns predicados de atitude mental ("*supor, imaginar*"), o que parece contraintuitivo e está em contradição com os dados apresentados anteriormente. Veja-se os casos seguintes:

(109) A Maria lamenta [que *estejas* tão atrasado].

(110) Eu compreendo [que *queiras* descansar].

Nesse mesmo sentido, podemos também referir o paradoxo de os verbos que expressam modalidades como conhecimento e crença ("*crer, saber, ignorar, achar*") seleccionarem o modo Indicativo e não o Conjuntivo, como se ilustra a seguir:

(111) Ele acha [que o filme *é* muito interessante].

(112) * Ele acha [que o filme *seja* muito interessante].

Relativamente a núcleos subordinantes não verbais, não deixa de ser pertinente referir que também nomes e adjetivos parecem não respeitar a relação entre modalidade e modo da completiva. Assim, por exemplo, Oliveira (2003) nota que, embora os adjetivos que seleccionam Conjuntivo expressem obviamente dúvida ("*duvidoso*"), necessidade ("*necessário*"), etc., existem, com as mesmas propriedades de seleção modal, adjetivos factivos ("*agradável, estranho, perigoso*"), o que de novo não deixa de ser paradoxal. Vejamos estes exemplos:⁵⁷

(113) É duvidoso [que a Maria *esteja* em casa].

⁵⁷ Cf. Oliveira (2003), *ibidem*, p. 262-263.

(114) É estranho [que a Maria *esteja* em casa]. (Adjetivo factivo)

No caso das completivas de nome, por seu lado, também a mesma questão se coloca, pois, se os nomes que expressam dúvida, volição, possibilidade ("*dúvida*", "*desejo*") selecionam geralmente completivas de Conjuntivo, não é menos verdade que nomes como "*crença*" ou "*promessa*" selecionam o modo Indicativo, como se ilustra a seguir:⁵⁸

(115) A dúvida de [que ele *ganhe* o prémio preocupa-me].

(116) A promessa de [que ele *chega* amanhã alegra-me].

Que justificações podem ser invocadas para explicar estes paradoxos aparentes entre a expressão das modalidades do núcleo subordinante e a seleção modal da completiva? Várias respostas podem ser formuladas, como vamos ver a seguir.

Uma primeira proposta de solução a estes contrastes entre modalidade e modo repousa na distinção entre predicados que introduzem asserções (predicados assertivos) e predicados pseudo-assertivos, isto é, que não introduzem asserções. Segundo Duarte (2003), que introduz esta distinção, o "predicado pseudo-assertivo não introduz asserções, utilizando-se para exprimir avaliações ou para acrescentar conteúdos independentes da própria asserção, uma vez que os mesmos se encontram já pressupostos nesta.⁵⁹ A distinção anterior permite assim prever que o modo Indicativo é usado em completivas selecionadas por predicados assertivos, e, inversamente, que o modo Conjuntivo é usado em completivas selecionadas por predicados pseudo-assertivos.

⁵⁸ A autora refere ainda casos de nomes, como "*ideia*" ou "*hipótese*", que selecionam os modos Conjuntivo ou Indicativo, como nas frases seguintes:

(i) A hipótese de [que a solução do problema *está* certa] anima-me. (Indicativo)

(ii) A hipótese de [que a solução do problema *esteja* certa] anima-me. (Conjuntivo)

⁵⁹ Cf. Duarte (2003), p. 603.

Tendo em conta a distinção anterior, a qual permite prever, com algum grau de certeza, a ocorrência dos modos verbais nas completivas finitas, convém deixar alguns critérios de diferenciação entre os tipos de predicados referidos anteriormente. Assim, segundo Duarte (2003), quatro conjuntos de propriedades permitem distinguir assertivos de pseudo-assertivos, e portanto, prever a seleção do modo Indicativo ou Conjuntivo, respetivamente. A primeira propriedade prende-se com o facto de os predicados assertivos aceitarem coordenação de tipo adversativo (em orações coordenadas adversativas em “mas”), ao contrário dos pseudo-assertivos:

(117) Sei que ele vem visitar-nos, mas vem sozinho. ("Sei": predicado assertivo)

(118) * Lamento que ele venha visitar-nos, mas venha sozinho. ("Lamentar": predicado pseudo-assertivo).⁶⁰

A segunda propriedade dos predicados assertivos é que os mesmos, mas não os pseudo-assertivos, aceitam frases elípticas relativas à polaridade da completiva, como se ilustra no contraste seguinte:

(119) Reparei que a Maria ainda não concluiu o relatório.

Eu também não. (= Não concluí) ("Reparei": predicado assertivo)

(120) Lamento que a Maria ainda não tenha concluído o relatório.

* Eu também não. (= Não concluí) ("Lamento": predicado pseudo-assertivo)

A terceira propriedade é que apenas os predicados assertivos aceitam complementos oracionais fragmentados (com elipse do verbo subordinado):

(121) Sei que chamaste muitas vezes. / Sei que muitas vezes. (Elipse de “chamaste”) ("Sei": predicado assertivo)

(122) Desejo que venhas muitas vezes. / * Desejo que muitas vezes (Elipse de “venhas”) ("Desejo": predicado pseudo-assertivo)

Por fim, a quarta propriedade que distingue predicado assertivos e

⁶⁰Cf. Duarte (2003), p. 604.

pseudo-assertivos, é que os pseudo-assertivos não aceitam, em construções de coordenação por truncamento, que a coordenação tenha escopo sobre a completiva, ao contrário dos assertivos, que aceitam, por seu lado, coordenação com escopo sobre a oração principal ou a subordinada:⁶¹

(123) Sei que a Maria não veio e explico-te porquê. ("Saber": predicado assertivo)

-Explico-te porque sei.

-Explico-te porque não veio.

(124) Lamento que a Maria não venha e explico-te porquê. ("Lamentar": predicado pseudo-assertivo)

-Explico-te porque lamento.

* Explico-te porque não veio.

Uma segunda proposta de solução ao paradoxo modalidade / modo é que, como é bem sabido, o Conjuntivo na completiva se relaciona com a presença de negação frásica na oração subordinante, que determina a seleção do modo Conjuntivo com alguns tipos de predicados. É o caso, por exemplo, das completivas não preposicionais selecionadas por verbos declarativos e epistémicos ("*dizer, pensar*"), ou por nomes ou adjetivos epistémicos ("*verdade, evidente*"): ⁶²

(125) Não digo [que ele *saiba*].

(126) Não penso [que ele *chegue* a tempo do jantar].

(127) Não é evidente [que essa solução *seja* satisfatória].

(128) Não é verdade [que a terra *seja* plana].

Além de Duarte, também Mendes (1996) aborda a questão da relação entre negação frásica e seleção do Conjuntivo, quando refere que:

⁶¹ Cf. Duarte, (2003), p. 605.

⁶² Todos eles selecionam o modo Indicativo na ausência de marcas de negação.

"A negação é um elemento que desencadeia o uso do Conjuntivo em contextos em que a frase declarativa afirmativa correspondente não o permite."⁶³

Os exemplos seguintes, dados pela autora, mostram que é possível que ambos o modo Indicativo ou o modo Conjuntivo ocorram em certas orações completivas, invertendo, assim, o grau de verdade expresso na completiva em função da polaridade da oração principal.

(129) Não é verdade [que *possas* entrar muito cedo].

(130) É verdade [que *podes* entrar muito cedo].

(131) Não digo [que eles *saibam* dançar].

(132) Digo [que eles *sabem* dançar].

Por fim, uma última proposta de explicação, que, segundo Duarte (2003), pode ajudar a atenuar o paradoxo modalidade / modo e a determinar o modo verbal da completiva relaciona-se com o facto de, nas completivas de argumento interno não preposicionadas selecionadas por alguns verbos epistémicos (“*pensar*”), existir alternância possível entre Conjuntivo e Indicativo:⁶⁴

(133) Penso [que ele ainda *está* na faculdade]. → Modo Indicativo

(134) Penso [que ele ainda *esteja* na faculdade]. → Modo Conjuntivo

Podemos ainda referir a proposta de Oliveira (2003: 260), que identifica um conjunto de verbos "criadores de mundos", como "*admitir, assumir, acreditar, presumir, julgar, desconfiar, suspeitar*", etc., que se caracterizam por aceitar os dois modos Indicativo ou Conjuntivo nas completivas finitas. Os exemplos seguintes ilustram a forma como esses predicados, que hesitam entre os dois mundos, alternam

⁶³ Mendes, M. (1996). *Para uma Sintaxe do Conjuntivo em Português*, Dissertação, Universidade de Lisboa, p. 40.

⁶⁴ Cf. Duarte (2003), p. 605.

estes dois modos:⁶⁵

(135) Imagino [que *gostas* de ir ao cinema]. → Modo Indicativo

(136) Imagino [que *gostes* de ir ao cinema]. → Modo Conjuntivo

Habitualmente, nestes casos em que existe opção de seleção entre Conjuntivo e Indicativo, a modalidade expressa pelo núcleo predicador é pouco relevante: a seleção do modo Conjuntivo permite, por si só, exprimir maior distância do locutor relativamente ao valor de verdade do conteúdo proposicional da frase completiva, e, inversamente, a seleção do modo Indicativo traduz maior aproximação a esse valor de verdade.

1.2.2.2 - Concordância dos tempos verbais em completivas finitas.

Relativamente aos tempos verbais nas completivas finitas, nota-se que existe geralmente concordância entre o tempo da oração principal e o tempo da completiva. Assim, o Presente de Indicativo da oração principal combina-se com o Presente do Conjuntivo da oração subordinada, e o Pretérito de Indicativo da oração principal com o Pretérito do Conjuntivo da oração subordinada. Essa dependência, como observa Oliveira (2003), não é, contudo, sistemática:

"Sendo os tempos do Conjuntivo essencialmente dependentes de outro tempo na frase, nem sempre é possível dizer que há dependência temporal." ⁶⁶

Assim, comparado com o Presente do Conjuntivo, o Imperfeito do Conjuntivo pode expressar não apenas eventos passados na maior parte dos casos, mas também

⁶⁵ Cf. Oliveira, F. (2003), "Modalidade e modo", in *Gramática da Língua Portuguesa* (2003), p.260.

⁶⁶ Cf. Oliveira, F. (2008), *ibidem*, p. 109.

pode exprimir eventos presentes ou até futuros. Por exemplo, veja-se as frases seguintes:

(137) Era possível [que tu *ganhasses* o prémio na próxima semana].

(138) É possível [que tu *ganhes* o prémio na próxima semana].

Na frase (137), o uso do Imperfeito do Conjuntivo na oração subordinada justifica-se pelo facto de o tempo do verbo principal ser o Imperfeito do Indicativo. A frase exprime uma eventualidade futura, não sendo uma situação passada. Apenas podemos observar que o Imperfeito do Indicativo na oração principal, comparado com o Presente da frase (138), pode exprimir uma atitude mais eufémica ou eventual. Outros exemplos semelhantes são deixados a seguir:

(139) Foi uma surpresa [que me *pudesses* ajudar ontem].

(140) Foi uma surpresa [que me *tenhas* podido ajudar ontem].

(141) Foi uma surpresa [que me *tivesses* podido ajudar ontem].

O que o verbo subordinado da frase (139) (*pudesses*) descreve é um ato do passado associado à modalidade expressa por “*surpresa*”. Nas frases (140) e (141), a mesma modalidade impera, ficando o tempo (mas não o modo) do verbo subordinado apenas dependente do tempo do verbo subordinante.

Ainda sobre os tempos verbais e a distinção do modo Conjuntivo e o modo Indicativo, observe-se as frases (142), (143) :

(142) Ele queria [que nós *tivéssemos* chegado].

(143) É evidente [que ele *tinha* acabado o trabalho].

Na frase (142), o verbo principal “*querer*” (volitivo) está no Pretérito Imperfeito do Indicativo, e na oração subordinada, o verbo está, pois, no Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo. O que se descreve na oração subordinada foi uma

volição virtual ou irreal, a ação foi terminada antes da outra ação e exprime a vontade do autor. Pelo contrário, na frase (143), o que toda a frase descreve é um juízo real, expresso pelo adjetivo “evidente” e baseado numa ação anterior, pelo que, neste caso, o verbo subordinado está no Mais-Que-Perfeito do Indicativo.

Dos casos anteriores, conclui-se que, ao contrário do acontece para o modo verbal, não existe nas orações completivas finitas nenhum mecanismo de seleção do tempo verbal baseado em características léxico-semânticas do núcleo subordinante.

1.2.3 - Seleção do modo Infinitivo.

Ao contrário dos modos Indicativo e Conjuntivo, o modo Infinitivo não pode aparecer em orações completivas finitas, mas apenas em completivas não-finitas. Contudo, da mesma forma que para os modos finitos, podemos identificar vários tipos de contextos em que o modo Infinitivo é selecionado.

Começemos por relembrar que o Infinitivo não é reconhecido como modo verbal pela maioria das gramáticas portuguesas, que o remetem para as "formas nominais" do verbo. Assim, sobre as características do modo Infinitivo, Cunha & Cintra (1984), que abordam o Infinitivo na rubrica "Emprego das formas nominais" (ao lado do gerúndio e do participípio) afirmam que:

"O Infinitivo apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se do substantivo."⁶⁷

Quando se refere o modo Infinitivo, convém referir que o mesmo aparenta na gramática do Português duas formas distintas: Infinitivo Pessoal (ou flexionado) e Infinitivo Impessoal (ou não flexionado). Além disso, o Infinitivo apresenta uma forma simples e uma forma composta, que lhe permite, pois, expressar também uma

⁶⁷ Cunha, C, Lindley Cintra, F. (1984), *ibidem*, p. 497.

oposição de aspeto.

Vejamos na tabela 1 as variações do verbo "ter" no Infinitivo.

Infinitivo			
Simples		Composto	
Não flexionado	Flexionado	Não flexionado	Flexionado
"ter"	"teres"	"ter tido"	"teres tido"

Tabela 1. O Infinitivo de "ter" em Português.

O Infinitivo Pessoal representa um fenómeno gramatical característico que se considera existir em poucas línguas, incluindo o Português. Manifesta-se pelo facto de que há mudanças nos pronomes da pessoa e na flexão de número e pessoa, mas não há marcas de tempo, modo ou voz. As gramáticas normativas referem habitualmente que existem várias distinções entre o Infinitivo Pessoal e Infinitivo Impessoal. Vejamos algumas, todas relacionadas com a frase simples:

a) O Infinitivo Impessoal pode exprimir a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo, como nas frases seguintes:

(144) *Estudar* é importante.

(145) *Chegar* cedo é necessário.

(146) *Ler* este livro é útil.

Em (144), em que a frase poderia ser "O estudo é importante", o valor da palavra "estudar", que é um Infinitivo Impessoal, pode ser substituído por um nome. Em frase (145), o verbo chegar não tem o seu sujeito, portanto, usando o Infinitivo Impessoal e o seu valor é igual como um nome. E na frase (146), podemos, da mesma forma, reescrever como: "A leitura deste livro é útil."

De forma geral, usamos o Infinitivo Impessoal: "(i) quando o verbo não se refere a um sujeito específico; (ii) quando o significado da frase já apontou claramente o sujeito do verbo Infinitivo; ou (iii) quando o Infinitivo atua como um Imperativo em certas frases, como se ilustra a seguir." ⁶⁸

(147) É possível *sair* agora. (i.)

(148) Chegamos cedo para *tomar* o pequeno-almoço cedo. (ii.)

(149) *Acalmar*, por favor. (iii.)

b) O Infinitivo Pessoal, por seu lado, é uma forma nominal que pode expressar mudanças na pessoa, e flexiona da seguinte maneira: (cf. o verbo "ter" na tabela 2).

Pessoa	Singular	Plural
1. ^a	ter	termos (radical + mos)
2. ^a	teres (radical + es)	terdes (radical + des)
3. ^a	ter	terem (radical + em)

Tabela 2. As conjugações de Infinitivo Pessoal.

Usa-se o Infinitivo Pessoal: (i) quando numa frase, o Infinitivo precisa de nomear o seu sujeito; (ii) o Infinitivo do verbo requer um sujeito, mas o sujeito não é especificado, como se ilustra a seguir: ⁶⁹

(150) Foste elogiado por *teres alcançado* uma boa colocação.

(151) É conveniente (vocês) *irem* ao Europeu.

(152) É melhor (eles) *decidirem* uma festa.

(153) Para (vocês) *jantarem* juntos, preparamos a cozinha.

Na frase (150), "foste" está no Perfeito Pretérito Simples do Indicativo, e "teres" é uma forma do Infinitivo Pessoal, que pode exprimir o seu sujeito indiretamente (tu).

⁶⁸ Coimbra, I. et al (2000). *Gramática Activa* 2. Lisboa. Lidel Edições Técnicas. 2.ª edição revista e atualizada, p. 62.

⁶⁹ ibidem, p. 62.

Na frase (151), "irem" é um Infinitivo Pessoal, e, como o sujeito é a terceira pessoa do plural, este Infinitivo tem de ser o Pessoal. Na frase (153), o sujeito do verbo "jantarem" pode ser visto pela desinência do Infinitivo flexionado, na terceira pessoa do plural.

O Infinitivo Pessoal Composto é a formação de uma locução verbal com o auxiliar *ter* ou *haver* no Infinitivo Pessoal Simples e o verbo principal no Particípio Passado, indicando, nesse caso, uma ação passada em relação ao momento da enunciação. Observe-se :

(154) Para eles *terem comprado* esse livro, necessitam de muito dinheiro.

Na frase (154), "terem comprado" é um Infinitivo Pessoal Composto, e a distinção entre o Infinitivo Pessoal Simples e Composto permite sublinhar o fim da ação.

O verbo no Infinitivo Impessoal Composto, por seu lado, não tem conjugação flexionada, apenas inserção de um auxiliar.

Infinitivo Pessoal Composto	Infinitivo Impessoal Composto
Ter (Infinitivo Pessoal Simples) + participío. P.x.: "teres acabado".	Ter (Infinitivo Impessoal Simples) + participío. P.x.: "ter acabado".

Tabela 3 - Infinitivo Pessoal Composto e Infinitivo Impessoal Composto.

Relativamente à questão difícil da escolha entre a forma simples e a forma flexionada do Infinitivo, Cunha & Cintra (1984) consideram que:

"O emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. [...]Numerosas têm sido as regras propostas [...] Quase todas, porém [...] revelaram-se

insuficientes ou irreais. "70

Em contrapartida, existem, segundo os mesmos autores, "ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão", o que, nos termos dos autores, leva a concluir que, na verdade, não existem "regras", mas "tendências" na escolha da forma flexionada ou não flexionada do Infinitivo.⁷¹ Essas tendências adiantam, assim, que o verbo no Infinitivo Impessoal Simples não precisa de flexionar, e o verbo de Infinitivo Pessoal Simples pode ser não flexionado ou flexionar, o que é determinado eventualmente pelo o sujeito verbal.

Quando se refere o uso concreto de Infinitivo Pessoal, podemos assim identificar algumas situações particulares. Assim, em completivas adjetivais sujeito, do tipo "ser + adj. + sujeito + verbo (Infinitivo Pessoal) + objetivo", é selecionado o Infinitivo flexionado, como se ilustra a seguir:

(155) É melhor [vocês *levarem* os casacos].

(156) É importante [*estudares* o inglês bem].

(157) Era ótimo [*chegares* mais cedo].

Nas frases (155), (156), (157), em que o predicador que seleciona a oração não finita é um adjetivo, pode-se identificar o sujeito através da flexão do Infinitivo Pessoal.

Que modelos propõe a gramática clássica para explicar a seleção do Infinitivo, apesar da ausência de regras fortes, como notam Cunha & Cintra? Em primeiro lugar, é possível identificar algumas tendências claras em que a forma flexionada é

⁷⁰ Cf. Cunha & Cintra (1984), 2005, p.499.

⁷¹ Cf. Cunha & Cintra (1984), 2005, p.499.

selecionada. Vejamos quatro dessas tendências, e os exemplos a seguir:

- (i) Quando o sujeito da oração está claramente expresso; por exemplo, a frase (158);
- (ii) Quando o sujeito da completiva e o da oração principal são diferentes; por exemplo, as frases (159)-(161);
- (iii) Quando existe indeterminação do sujeito (utilizado na terceira pessoa do plural); por exemplo, (162)-(164);
- (iv) Quando existe reciprocidade ou reflexibilidade de ação; por exemplo, (165)-(167).

(158) Se *chegares* ao hotel, tens de me ligar.

(159) O professor deu um prazo para os alunos *estudarem* para a prova.

(160) O hotel preparou tudo para os turistas *ficarem* à vontade.

(161) O guarda fez sinal para os motoristas *pararem*.

(162) Faço isso para não me *acharem* inútil.

(163) Temos de agir assim para nos *promoverem*.

(164) Ela não sai sozinha à noite para não *falarem* mal da sua conduta.

(165) Vi os alunos *abraçarem-se* alegremente.

(166) Fizemos os adversários *cumprimentarem-se* com gentileza.

(167) Mande as meninas *olharem-se* no espelho.

Observe-se as frases acima: na frase (158), o sujeito "tu" é claro no verbo "chegares", que está no Infinitivo Pessoal. Nas frases (159) - (161), ainda que estas frases sejam complexas, os verbos de orações completivas não finitas têm sujeitos próprios, por isso, devem selecionar-se Infinitivo Pessoal.

Em segundo lugar, o Infinitivo tem a forma não flexionada nos casos seguintes:

- (i) Quando é impessoal ou não se refere a nenhum sujeito; (Como a frase (168))
- (ii) Quando tem valor de Imperativo; (Como a frase (169))
- (iii) Quando, em frase nominal de acentuado carácter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo; (Como a frase (170))
- (iv) Quando, precedido da preposição "de", está numa completiva de adjetivos como "fácil, possível". (Como a frase (171))

Vejamos os exemplos seguintes:

(168) *Correr* é bom para a saúde.

(169) *Fazer* o trabalho, eu disse!

(170) Não *comer* pequeno-almoço é mau para o corpo.

(171) *Chegar* o mais cedo possível é importante.

De notar que, nas completivas não finitas, podem existir preposições ("em, de, a, para, por"), mas não complementadores⁷², como as frases seguintes mostram:

(172) A criança insiste em [não ir para a escola].

(173) Esta atividade contribui para [coletar as opiniões dos convidados].

(174) Ele vai acompanhar-nos a [dar uma volta pela cidade].

Observando as frases anteriores, as palavras sublinhadas não são complementadores, são preposições de regência dependentes dos verbos subordinantes, combinadas em locuções estáveis: "insistir em...", "contribuir para..." e "acompanhar...a...".

⁷² Nas completivas não finitas, não pode ocorrer o complementador *que*; tais completivas têm, quando existem preposições, uma relação gramatical oblíqua. (Cf. Duarte, 2003, p.621)

1.2.4 - Alternância dos modos Indicativo, Conjuntivo e Infinitivo nas completivas.

A questão da alternância dos modos verbais nas orações completivas é uma das mais complexas da gramática do Português. Apesar de as completivas serem claramente um tipo de oração, podemos ver que o seu grau de autonomia em relação à oração subordinante varia, devido a vários tipos de dependências. Nesse aspeto, as completivas de Conjuntivo apresentam maior dependência relativamente à oração superior do que as de Indicativo ou de Infinitivo.⁷³ Vejamos as restrições apresentadas a seguir:

(175) Ele diz *ter passado* /que *passou* férias felizes

(176) * Ele diz que *passasse* férias felizes

(177) Ele lamenta *ter passado* férias felizes

(178) * Ele lamenta que *passou* férias felizes

Como se pode observar, o Conjuntivo não pode ser selecionado quando o verbo principal é de tipo declarativo (176), assim como o Indicativo é excluído por verbos factivos como “lamentar” (178). O modo Infinitivo, contudo, é selecionável em ambos os casos (175 e 177). De facto, o tipo léxico-semântico do núcleo predicador, assim como marcas como a negação, que como vimos determina a seleção do Conjuntivo, parecem irrelevantes na seleção do modo Infinitivo. Na verdade, observa-se apenas que as completivas de Infinitivo não flexionado subordinadas a verbos principais têm o seu sujeito associado obrigatoriamente a um argumento desse verbo principal, mas nem isso acontece necessariamente no caso de completivas de

⁷³ E, como se viu também, não só o modo como também o tempo das completivas de Conjuntivo é marcado de acordo com o da frase superior.

Infinitivo flexionado. Vejamos esses casos nas frases seguintes:

(179) Não é claro [que tu *faças* bem o teu trabalho].

(180) Não é claro [(tu) *fazeres* bem o teu trabalho].

(181) É claro [(tu) *fazeres* bem o teu trabalho].

(182) É claro [que tu *fazes* bem o teu trabalho].

(183) * É claro [que tu *faças* bem o teu trabalho].

(184) Espero [que (tu) *estejas* à altura].

(185) * Espero que [*esteja* à altura].

(186) Espero [*estar* / (tu) *estares* à altura].

Nas frases anteriores, é possível que os verbos de orações completivas estejam no modo Conjuntivo ou no modo Infinitivo em função das restrições impostas pela oração principal, como a modalidade expressa pelo predicador (184) ou a presença de negação (179). Trata-se de um fenómeno comum em Português, como se demonstrou anteriormente. Contudo, como se vê em frases como (180), (181) e (186), as completivas de Infinitivo (flexionado ou não) não são sensíveis a estas restrições, bastando-lhes, em contrapartida, que o seu sujeito seja devidamente identificado. Além disso, e crucialmente, não existe diferença de interpretação clara entre completivas no Infinitivo e completivas finitas, como se comprova, por exemplo, com as frases (179) e (180). Claramente, pois, a seleção do modo Infinitivo não está nem condicionada à semântica do predicador principal nem a uma diferença de leitura da frase final.

Paiva Raposo (2013), comparado com as orações completivas finitas, refere que o uso do modo Infinitivo nas orações não finitas pode ser associado às duas situações seguintes:

"(i) A ocorrência do modo Infinitivo não está associada a qualquer diferença de

significado, sendo a escolha entre Infinitivo e uma forma finita só uma questão estilística;

(ii) A escolha de forma não finita e finita relaciona-se com fatores de natureza sintática, que se prendem, fundamentalmente, com o facto do sujeito da oração principal e o da oração subordinada identificarem ou não a mesma entidade;⁷⁴

Por fim, o mesmo autor deixa a seguinte síntese sobre a questão do modo em completivas, que podemos considerar, neste trabalho, como definitiva:

“A escolha pelo modo Infinitivo, pelo modo Indicativo ou pelo modo Conjuntivo depende do tipo de atitude expressa para com a oração completiva.”⁷⁵

Assim, ao considerar a alternância do Conjuntivo, do Infinitivo e do Indicativo nas orações completivas, tem de se considerar a atitude expressa relativamente à predicação da frase.

Em suma, a complexa questão da seleção e da alternância dos modos verbais nas completivas indica-nos que as mesmas são claramente um tipo de oração subordinada, em que o grau de autonomia em relação à oração subordinante varia, devido a vários fatores de dependência. Neste quadro, as completivas de Conjuntivo são as que apresentam maior dependência relativamente à oração subordinante, e as de Infinitivo aquelas que aparentam maior autonomia sintática e semântica. Além disso, como foi sugerido, a seleção do modo Infinitivo resulta, na maioria dos casos, de opções de ordem estilística.

A questão que se coloca, perante a complexidade deste quadro no âmbito da gramática do Português, é a das consequências que o mesmo poderá ter em termos de

⁷⁴ Paiva Raposo, (Eduardo), *ibidem*, p. 691.

⁷⁵ Paiva Raposo, (Eduardo), *ibidem*, p. 691.

aquisição da língua portuguesa por locutores não nativos.

Capítulo II

2 - Sintaxe comparada das orações completivas. Metodologia do estudo.

Conforme o objetivo exposto anteriormente, o estudo apresentado a seguir consiste principalmente em refletir sobre a maneira de ensinar a alunos chineses de PLE uma forma adequada de selecionar o modo verbal das orações completivas.

Para esse fim, iremos, em primeiro lugar, privilegiar alguns conceitos e teorias da linguística aplicada e contrastiva, como as noções de análise contrastiva, de contacto interlinguístico e de transferência e interferência linguísticas, assim como a teoria da interlíngua. Com base na referência a teorias científicas que têm em comum o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras, privilegiou-se aqui uma análise mais focalizada em questões de interferência e interlíngua.

Apresentaremos, depois, uma breve análise contrastiva das orações completivas em Português (L2) e Chinês (L1), antes de passarmos para a apresentação do modelo de questionário elaborado para a recolha e posterior análise de dados contrastivos, cujos resultados serão expostos na parte final do presente trabalho.

2.1. Alguns conceitos básicos de linguística aplicada.

2.1.1. Análise contrastiva.

Tendo em conta os conceitos e funções da área da linguística aplicada, vamos privilegiar o estudo do bilinguismo e do multilinguismo baseado na *análise contrastiva*. Como definir a análise contrastiva? Vejamos um breve histórico desta teoria.

Relativamente aos estudos contrastivos aplicados, que pertencem à linguística aplicada, Fisiak (1981: 2-3) explica que "baseando-se nas conclusões dos estudos contrastivos teóricos, os estudos contrastivos aplicados fornecem um quadro para a comparação entre línguas, selecionando qualquer informação necessária para um propósito específico...".⁷⁶ O principal foco dos estudos contrastivos aplicados é:

"o problema de como uma categoria universal X, realizada na língua A como Y, é realizada na língua B, e qual pode ser a possível consequência para este campo de aplicação." ⁷⁷

Os estudos contrastivos aplicados estão também preocupados com:

"a identificação de áreas difíceis eventuais em outras línguas, onde, por exemplo, uma determinada categoria não é realizada e é pois provável que ocorra interferência". ⁷⁸

⁷⁶ Fisiak, Jacek (1981), *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. New York: Pergamon (de forma geral, é nossa a tradução para Português dos autores citados neste capítulo).

⁷⁷ Fisiak, Jacek (1981), *ibidem*, p. 3.

⁷⁸ Fisiak, Jacek (1981), *ibidem*, p. 3.

2.1.1.1. A hipótese da Análise Contrastiva.

A hipótese de análise contrastiva (CAH - *Contrastive Analysis Hypothesis*) foi implementada nas décadas de 1950 e 1960, em especial nos Estados Unidos. O seu propósito original era puramente pedagógico. O pressuposto básico da CAH era que "a principal barreira à aquisição de uma segunda língua é a interferência do sistema da primeira língua com o segundo sistema linguístico, [...]" e que "[...] a aprendizagem da segunda língua consiste basicamente em superar as diferenças entre os dois sistemas linguísticos – as línguas nativas (L1) e alvo (L2)" (Brown 1980: 148)⁷⁹. O termo "interferência" refere-se, nesse contexto, a qualquer influência de L1 que teria um efeito na aquisição de L2.⁸⁰

Como definir a CAH? Lado (1957) explica que a sua ideia:

“assenta no pressuposto de que podemos prever e descrever os padrões que vão causar dificuldades na aprendizagem, e aqueles que não vão causar dificuldade, comparando sistematicamente a língua e a cultura a aprender com a língua e cultura nativas do aluno.”⁸¹

Lado afirma, ainda, que

⁷⁹ Brown, H. Douglas. (1980). *Principles of Language Learning and Teaching*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Regents. (Tradução nossa).

⁸⁰ As teorias da interferência de L1 sobre L2 foram inicialmente reforçadas com dados do desempenho de falantes de L2. Assim, Lado (1957) observou as dificuldades que os seus próprios pais, nativos de espanhol, tiveram com a aprendizagem do Inglês e como a interferência era evidente no seu discurso.

⁸¹ Lado, R. (1957). *Linguistics across cultures. Applied linguistics for language teachers*. University of Michigan Press. (Tradução nossa).

“o aluno que entra em contacto com uma língua estrangeira encontrará nela algumas características muito fáceis e outras extremamente difíceis. Os elementos que são semelhantes à sua língua nativa serão simples para ele, e os elementos que são diferentes serão difíceis. O professor que compara uma língua estrangeira com a língua nativa do aluno saberá melhor quais são os verdadeiros problemas de aprendizagem e pode melhor prever o seu ensino.”⁸²

A obra que reforçou (e de certa forma criou) esta visão do CAH foi Fries (1945).⁸³ Na opinião deste linguista, "os materiais [de ensino] mais eficazes são aqueles que se baseiam numa descrição científica da língua a aprender, comparada cuidadosamente com a descrição paralela da língua nativa do aprendente."⁸⁴ Para ele, o procedimento utilizado na CAH envolve as quatro fases seguintes:⁸⁵

1. descrição; (as duas línguas - L1 e L2 - são formalmente descritas.)
2. seleção; (determinados itens são selecionados para comparação.)
3. comparação; (encontrar itens semelhantes e diferentes em L1 e L2.)
4. previsão. (em que áreas os erros ocorrerão com maior probabilidade.)

2.1.1.2 - A versão moderna da Análise Contrastiva.

Em reação à versão da CAH proposta por Fries (1945) e Lado (1957), autores como Wardhaugh (1970)⁸⁶ apostaram, a partir da década de 70, numa versão que não implicasse a *identificação a priori* de graus de dificuldade, mas que reconhecesse obviamente a importância da interferência entre as línguas e o facto de tal

⁸² Lado, R. (1957). *Ibidem*.

⁸³ Fries, Charles C. *Teaching and Learning English as a Foreign Language*. Ann Arbor, Mich.: The University of Michigan Press, 1945.

⁸⁴ Cf. Fries. (1945), citado por Frisiak (1981).

⁸⁵ Cf. Fries. (1945), citado por Frisiak (1981).

⁸⁶ Wardhaugh, R. (1970). *The contrastive analysis hypothesis*. TESOL Quarterly 4.2: 123–130.

interferência existir e poder explicar as dificuldades. Também adianta este autor que a maioria das dificuldades linguísticas poderiam ser melhor explicadas *a posteriori*. Desta forma, a CAH teria um poder explicativo (mais) elevado, ajudando os professores de línguas estrangeiras a compreenderem as fontes de erro dos seus alunos.

Consequentemente, procurou-se um compromisso entre as várias versões da CAH. Esta procura de síntese baseou-se em novos dados, em particular numa pesquisa sobre erros ortográficos em aprendentes de Inglês L2, que mostrava, crucialmente, que os mesmos eram *mais comuns* entre os alunos que já usavam o sistema gráfico românico na sua língua nativa (por exemplo, Espanhol ou Francês) do que entre aqueles que usavam um sistema gráfico não românico (por exemplo, Árabe ou Chinês). Ora, neste tipo de dados, a versão CAH de Lado e Fries teria errado, porque teria previsto precisamente o contrário, ou seja, mais dificuldades por parte dos alunos que tivessem de adquirir um novo sistema de escrita, como alunos de Árabe L1 em Português L2.

Brown (1980) conclui, crucialmente, que a interferência é *mais provável* quando há semelhanças entre os itens a aprender e itens já conhecidos do que no caso de itens de aprendizagem inteiramente novos para o aprendente. O mesmo autor também aponta para o facto de a maioria dos erros cometidos nessas condições em L2 pelos aprendentes serem erros "intralinguísticos", ou seja, erros específicos de L2 e não influenciados por L1.

Whitman e Jackson (1972), por seu lado, realizaram um estudo no qual as previsões baseadas em quatro análises contrastivas diferentes foram usadas para conceber um teste de gramática inglesa dado a 2.500 alunos japoneses (L1) de Inglês L2. Depois de comparar os resultados do teste com as previsões, os autores descobriram que diferiam muito e que as previsões eram, em grande parte, inadequadas: "A análise contrastiva, representada pelas quatro análises testadas neste projeto, é inadequada, na teoria e na prática, para prever os problemas de interferência

de um aprendente".⁸⁷

Towel e Hawkins (1994) referem um outro problema: "nem todas as áreas de semelhança entre L1 e L2 levam a transferência positiva imediata",⁸⁸ como mostrava um estudo em que alunos nativos de Espanhol (L1) a aprender Inglês (L2) omitiam sistematicamente o verbo copulativo 'to be' no início da fase de aprendizagem, independentemente do facto de o Espanhol também ter o verbo copulativo 'ser' correspondente ao 'to be' Inglês e, portanto, a transferência positiva ser em princípio possível.

Autores como James (1980)⁸⁹ consideram, posteriormente, que a análise contrastiva é um método eficaz para determinar os erros potenciais através de comparações entre línguas diferentes e finalmente distinguir entre o que deve ser aprendido e o que é desnecessário aprender no ambiente de aprendizagem da língua segunda. O objetivo da análise contrastiva consiste em prever quais são as áreas de aprender e quais são as mais difíceis. Sintetizando a questão, refere Magro (2016) que,

“a Análise Contrastiva (AC) foi a princípio muito valorizada graças à afirmação de que o Ensino de Línguas Estrangeiras seria melhorado se conhecessem os pontos de dificuldades que os alunos teriam em situação de sala de aula ao aprenderem uma segunda língua. A ideia de Fries (1945) de que os materiais pedagógicos mais eficientes são aqueles baseados numa descrição científica da Língua Estrangeira (LE) cuidadosamente comparada com uma descrição paralela da Língua Materna (LM), foi, em 1957, lançada por Lado como um dos princípios da AC. Esta comparação favoreceria a predição dos erros que seriam

⁸⁷ Randal I. Whitman, Kenneth I. Jackson, "The unpredictability of contrastive analysis", in *Language Learning*, Volume 22, Issue 1, p. 29-41.

⁸⁸ Towell, R, and Hawkins, R. (1994) *Approaches to Second Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

⁸⁹ James, C. (1980), *Contrastive Analysis*, London: Longmont.

cometidos pelos alunos durante a aprendizagem, permitindo evitá-los. Segundo este pensamento, o erro é tido como uma erva-daninha que precisa ser evitada, ”⁹⁰

Segundo a função de prever os erros potenciais ou possíveis na aprendizagem de uma língua estrangeira, podemos concluir que a AC é uma maneira eficaz e científica de aumentar a eficiência da aprendizagem de uma língua estrangeira, pelo que tem sido um método muito pertinente e muito comum no ensino das línguas estrangeiras.

Assim, a versão da CAH hoje mais consensual consegue oferecer uma explicação para um número razoável de erros. Note-se, no entanto, que as suas conclusões estão em parte em contradição com a teoria original de Lado (1957). Tal não significa que a ideia de interferência de L1 seja de rejeitar, mas que a CAH se aplica hoje, na prática, sobretudo à chamada Análise de Erros.

2.1.2. Alguns conceitos básicos. Interferência, interlíngua e transferência.

2.1.2.1. Interferência.

Considerando a situação mais comum no ensino ou na aquisição de uma língua estrangeira, é inevitável haver *contacto interlinguístico*. Em geral, o mesmo não se pode evitar na interação entre duas ou mais línguas. Quando línguas diferentes chegam a um ponto de contacto, vão aparecer interações entre as mesmas. Este fenómeno de contacto tem causas diversas, como guerras ou conquistas, negócios internacionais ou comunicação intercultural, mas, sobretudo, existe no ensino das línguas estrangeiras. Nessas situações, várias línguas diferentes comunicam entre si e, no fim, as línguas dos falantes vão ser influenciadas mutuamente em aspetos como a

⁹⁰ Magro, M. C. (2016), *Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo*. Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, Ensaio de Linguística. P. 124-125.

sintaxe, a fonética, a morfologia ou a semântica.

Assim, em situação de contacto interlinguístico motivado principalmente pela aquisição de uma língua estrangeira, aparecem necessariamente mecanismos de *interferência*. Se, por um lado, considerarmos positivas as trocas mútuas entre línguas, como o enriquecimento do vocabulário do aprendente, por outro lado, o contato linguístico também produzirá resultados e impactos negativos, que resultam de interferências entre as línguas em contacto.

A palavra *interferência* aparece em diversas áreas científicas, mas o que o presente trabalho vai referir é a *interferência interlinguística*. Inicialmente, apostava-se em que a interferência era provocada pela língua materna sobre a língua estrangeira. Com o desenvolvimento e o enriquecimento do conhecimento linguístico, a interferência é hoje vista como um fenómeno global e partilhado. Em geral, é considerada um fenómeno de *desvio* das normas linguísticas que aparece no processo de contacto entre duas ou várias línguas, por causa das diferenças entre as línguas em contacto. Assim, Brown (1980) refere:

“A principal barreira à aquisição de uma segunda língua é a interferência do sistema da primeira língua com o segundo sistema linguístico. A aprendizagem da segunda língua consiste basicamente em superar as diferenças entre os dois sistemas linguísticos – as línguas nativa (L1) e alvo (L2).”⁹¹

Habitualmente, a interferência é um processo mútuo: a interferência não só é refletida na influência que a L1 tem sobre a L2, mas a língua segunda também tem uma certa “retro-interferência” sobre a língua primeira, embora esta última seja eventualmente pouco estudada.

Nos últimos anos, as áreas académicas de psicologia, educação e linguística têm

⁹¹Brown, H. Douglas, (1980), *Principles of Language Learning and Teaching*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Regents, p.148.

mostrado que a interferência é um fenómeno inevitável e comum, sendo uma das razões o facto de que os aprendentes querem sempre simplificar o processo da aprendizagem da língua estrangeira, o que os leva a tentar assimilar as duas línguas. Outra razão é a tentativa de mudar de hábitos errados, pois, mesmo que a interferência seja inevitável, existe sempre a esperança de que ainda podemos modificar e corrigir o desvio através de exercícios e práticas repetidas.

2.1.2.2 - Interlíngua.

Relativamente ao *desvio* no contacto linguístico ou no processo de aprendizagem de línguas, não podemos deixar de referir a noção de *interlíngua*. O mesmo foi proposto em 1969 por Selinker, e foi formulada seguidamente a chamada *hipótese da interlíngua*.⁹² Trata-se de uma reflexão concebida para explorar o sistema linguístico e as leis de aquisição no processo da aprendizagem de uma língua segunda, que teve grande significado e profundo impacto na história do estudo da aquisição das línguas estrangeiras, pois propõe o conceito inovador de *interlíngua*:

"Na elaboração de construções relevantes para uma teoria da aprendizagem de segunda língua, seria completamente justificada ou até compelida a hipótese da existência de um "sistema linguístico separado" baseado na produção observável que resulta da tentativa de produção de uma norma TL [Target Language] por parte de um aluno. A este sistema linguístico chamaremos "*interlíngua*".⁹³

Na teoria de Selinker (1972), a *interlíngua* é "um sistema linguístico autónomo resultante das tentativas de reprodução da norma da língua-alvo por parte do

⁹² Selinker, L. (1972), "Interlanguage", IRAL; *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10:3, p.209. (Reedição de Selinker, L. 1969:"Language transfer", *General Linguistics* 9, 67–92.)

⁹³ Citação original: "In the making of constructs relevant to a theory of second-language learning, one would be completely justified in hypothesizing, perhaps even compelled to hypothesize, the existence of a "separate linguistic system" based on the observable output which results from a learner's attempted production of a TL norm. This linguistic system we will call 'interlanguage.'" (ibidem, p. 214.)

aprendente". Assim, a interlíngua é "o produto de cinco processos cognitivos centrais envolvidos na aprendizagem da segunda língua":⁹⁴

- (1) transferência linguística (a partir de L1);
- (2) transferência formativa, ou seja, características transferidas do próprio processo de formação;
- (3) estratégias da aprendizagem de L2, isto é, a abordagem ao material usado na formação;
- (4) estratégias de comunicação em L2, ou seja, as formas que os aprendentes usam para comunicar com os nativos de L2;
- (5) generalização do material linguístico de L2.

Selinker acredita que o desenvolvimento da interlíngua é diferente do desenvolvimento da L1 devido à "fossilização na segunda língua". A *fossilização* pode ser basicamente definida como o estado em que a interlíngua de um aprendente já não se desenvolve mais, independentemente do tempo em que o aluno continuar exposto a L2 (nas aulas, em imersão, etc.). Assim, esta visão da interlíngua implica "uma gramática provisória como sistema único composto por regras desenvolvidas através de diferentes estratégias cognitivas; a gramática da interlíngua é uma combinação deste tipo de regras".⁹⁵

A interlíngua é uma "língua" produzida no decorrer do processo de aprendizagem da língua segunda, não é uma língua no aspeto tradicional, mas uma língua produzida e usada apenas pelo próprio aprendente, tratando-se de um meio intermediário no processo de aprendizagem da língua segunda. Neste processo, com o conhecimento da língua segunda, o aprendente vai criar uma língua ao mesmo tempo diferente da língua primeira e da segunda, a sua *interlíngua*, a qual vai, possivelmente, desenvolver-se gradualmente até à fossilização da língua segunda. Ou seja, a

⁹⁴ Selinker (1972), *ibidem*, p. 72.

⁹⁵ Selinker (1972), *ibidem*, p. 72.

interlíngua é um sistema linguístico dinâmico, que ocorre antes da conclusão da aprendizagem da língua estrangeira. Como a interlíngua não é nem a língua primeira nem a segunda, às vezes é interpretada como um "desvio" da norma linguística. Contudo, de facto, a interlíngua também não é um desvio, porque é um sistema a crescer e à espera de se fossilizar.

A interlíngua é hoje uma área importante no estudo da aquisição das línguas estrangeiras, especialmente para os professores, porque na área da interlíngua, acredita-se que os erros dos alunos são previsíveis e assim os formadores poderão prevêê-los e evitá-los.

Além disso, a teoria da interlíngua também adianta que se pode identificar os processos de evolução dos erros de acordo com a capacidade dos alunos. Por exemplo, no processo de aprendizagem do Português pelos alunos chineses, no início ou com capacidade menos boas, os erros mais frequentes cometidos pelos alunos são erros de pronúncia. Contudo, depois de algum tempo de aquisição, os alunos vão gradualmente cometer sobretudo erros na conjugação dos verbos ou na morfossintaxe. Esses são já tipos de erros mais elevados ou avançados, e também significam que o nível ou capacidade de aluno está a avançar.

2.1.2.3 - Interferência e transferência.

Os termos "transferência" e "interferência" (como vimos acerca de Brown, 1980) têm as suas raízes nas teorias contrastivas da aprendizagem de L2 e estão obviamente relacionados com a CAH. Acerca da influência da língua nativa do aluno, na verdade, podemos considerar que qualquer outra língua adquirida (L3, L4...) poderia, da mesma forma que L1, causar interferência em L2, embora provavelmente de forma menos acentuada. Por conseguinte, forjou-se o conceito de "influência interlinguística", neutro em teoria, que pode ser usado como uma noção-chave para referir fenómenos como a "transferência", a "interferência", o "empréstimo", etc.

Os termos "transferência" e "interferência" não são sinónimos: a transferência

(Ing. “transferability”) refere-se geralmente à influência de L1 sobre L2 de forma positiva ou negativa, enquanto a interferência (“interference”) é geralmente utilizada apenas em sentido negativo (corresponde, portanto, a uma transferência negativa). Há alguma inconsistência na utilização destes termos, pelo que se usa habitualmente “transferência” no sentido neutro, referindo qualquer tipo de mecanismos de “influência interlinguística”, e “interferência” como sinónimo específico de “influência negativa”. A definição de interferência dada por Weinreich (1953) vai nesse sentido: são interferências “os casos de desvio das normas de qualquer língua envolvida no discurso de bilingues em consequência da sua familiaridade com uma ou mais línguas, isto é, como resultado de línguas em contacto”.⁹⁶ Mais precisamente, o processo de transferência negativa pode ser declinado, segundo Weinreich, em (pelo menos) três subtipos distintos: (i) *sub-diferenciação* (“under-differentiation”), quando um item de L1 não existe em L2; (ii) *sobre-diferenciação* (“over-differentiation”), quando um item de L2 não existe em L1 e; (iii) *reinterpretação* (“reinterpretation”), quando o item de L1 existe em L2, mas recebe outra função.⁹⁷

Kellerman (1987) resume a transferência como o conjunto de “processos que levam à incorporação de elementos de uma língua em outra” e dá uma definição prática: “a transferência é a influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua que tenha sido adquirida (talvez imperfeitamente) anteriormente”.⁹⁸

No âmbito da teoria da interferência, elaborada com base em autores como Lado (1957) e James (1980), e nos pressupostos da CAH, a transferência entre línguas, na interpretação behaviorista do termo, implica, pois, dois casos distintos: «transferência positiva» e «transferência negativa» (ou interferência). A primeira ocorre quando um item linguístico de L1 também está presente em L2, pelo que a aquisição deste último

⁹⁶ Weinreich, U. (1953). *Languages in Contact*, p. p. 14-28.

⁹⁷ Como veremos, o caso da seleção do modo verbal nas completivas em PLE é tipicamente um processo de sobre-diferenciação.

⁹⁸ Kellerman (1987), *Aspects of Transferability in Second Language Acquisition*, dissertation, University of Nijmegen.

item em pouco ou nada perturba o aprendente ou o processo de aprendizagem. Um exemplo pode ser o uso dos marcadores plurais 's' e 'es' em Inglês. Um aprendente Português L1 de Inglês L2 vai utilizar corretamente os plurais ingleses, verificando-se, portanto, transferência positiva.

Podemos dizer que a transferência negativa surge quando há rutura ou desequilíbrio entre L1 e L2, ou seja, quando um item linguístico de L1 não está presente em L2, ou vice-versa: em consequência, a aquisição da nova estrutura de L2, ou a ausência em L2 de uma estrutura nativa, será exigente, pois serão produzidos erros que refletem necessariamente os itens de L1. Por exemplo, os alunos portugueses L1 de Inglês L2 tendem em usar incorretamente a forma analítica dos superlativos em Inglês, dizendo, por exemplo, **“the more beautiful girl”* em vez de *“the most beautiful girl”*. Trata-se, neste caso, de uma transferência negativa, uma vez que em Português tanto o comparativo como o superlativo usam o mesmo advérbio *“mais”*.

2.1.2.4 - Língua materna e língua estrangeira.

Quanto aos conceitos de língua nativa ou materna (LM) e língua estrangeira (LE), o primeiro refere-se à primeira língua (L1) que um falante aprende ao nascer e que também usa na sua comunicação. É o caso, por exemplo, da língua nativa/materna chinesa (qualquer que seja o dialeto) para os Chineses.

A língua estrangeira (LE), por seu lado, refere-se a outra língua (L2) que os falantes locais não usam, mas que podem adquirir com base numa formação escolar, como por exemplo, o Inglês ou o Português enquanto línguas estrangeiras na China.

Como a base do presente trabalho é o ensino e a aquisição do modo verbal nas completivas em Português L2 por parte de aprendentes de Chinês L1, estamos, portanto, no âmbito do contacto linguístico e da interlíngua. Como a grande maioria dos alunos chineses aqui considerados estudam em simultâneo Português e Chinês

(para não falar do Inglês), durante parte da sua escolaridade, trata-se de facto de um percurso multilingue (Chinês-Português). De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁹⁹ e o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências¹⁰⁰, *bilinguismo* significa “a situação de uma comunidade em que são faladas duas línguas”, ou seja, uma comunidade de duas línguas; ou o domínio de duas línguas por parte de um falante.¹⁰¹

Em suma, face aos modelos teóricos anteriormente apresentados, algumas questões práticas surgem relativamente à forma como as orações completivas e o seu complexo sistema de seleção verbal, expostos na parte inicial deste trabalho, podem ser integrados num modelo de aprendizagem da sintaxe e da semântica do Português L2 a alunos de Chinês L1.

Antes de abordar o questionário, vamos primeiro apresentar um breve panorama gramatical sobre o contraste entre orações completivas em Português e Chinês.

2.1.3 - Breve análise contrastiva da morfossintaxe em Português e Chinês.

A análise contrastiva apresentada a seguir vai focar-se sobre algumas perguntas centrais, e destacar as possíveis situações de interferência e transferência negativa (que serão testadas no inquérito à interlíngua dos aprendentes), entre o Português L2 e o Chinês L1, nomeadamente:

1. Em termos de sintaxe comparada, as orações subordinadas existem na sintaxe da frase em Chinês? Haverá, neste caso, pontos comuns, diferenças, identificação de interferências possíveis?

⁹⁹ <https://dicionario.priberam.org/bilinguismo> (2021. 8. 4.)

¹⁰⁰ Casteleiro, J.M. (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*. Lisboa: Editor Verbo.

¹⁰¹ “plurilinguismo”, no caso de mais de duas línguas.

2. Ainda em termos sintáticos, podemos transferir para L1 as orações subordinadas completivas, tal como definidas em Português na parte inicial deste trabalho? Haverá pontos comuns nessa eventual transferência, ou deveremos, pelo contrário, ir à procura de diferenças, interferências possíveis e transferências negativas, quer sejam casos de sub-diferenciação, de sobre-diferenciação ou até de reinterpretação?

3. Em termos de morfologia verbal comparada, podemos inferir a existência, na L1, de modos verbais, em especial dos modos Conjuntivo, Indicativo e Infinitivo? Ou, em caso negativo, devemos apostar antes em transferência negativa (por sobre-diferenciação) do sistema morfológico de L1 para a interlíngua do aprendente Chinês de PLE / L2? De novo, tal análise contrastiva deverá ser capaz de identificar eventuais pontos comuns, diferenças, e interferências morfológicas possíveis.

4. Em termos de morfossintaxe dos tempos e modos verbais, a problemática principal prende-se com as questões seguintes: a escolha de modos verbais nas subordinadas (completivas, adverbiais, relativas) existe em L1? Mais precisamente, existe escolha dos modos verbais nas completivas, ou apenas em alguns tipos de subordinadas (relativas e adverbiais)? Ou, pelo contrário, não fará sentido tal questão, visto a morfossintaxe da L1 excluir construções subordinadas completivas? Também aqui, a perspetiva contrastiva poderá determinar se existem pontos comuns, transferências e interferências possíveis.

Assim, a análise contrastiva aqui proposta apenas será pertinente se conseguir identificar casos de interferência, o que não deixa de ser o objetivo principal do inquérito apresentado posteriormente. De facto, a preocupação principal que presidiu à conceção do inquérito consistiu em procurar verificar se as interferências previstas na análise contrastiva se concretizam nos resultados do estudo à interlíngua dos aprendentes nativos interrogados. Vamos, pois, analisar a sintaxe da frase complexa em L1 e, quando possível, comparar a estrutura da frase em L2 e L1.

Com base nas suas propriedades sintáticas, as frases em Chinês são habitualmente classificadas em vários tipos, como frases sem sujeito, frases ergativas,

existenciais, enfáticas, coordenadas e complexas. Vamos deixar uma breve perspectiva contrastiva sobre a frase complexa e focar-nos sobre a subordinação.

Quando comparados, o Chinês (L1) e o Português (L2) são muito diferentes, a vários títulos.¹⁰² Para além das diferenças óbvias na forma escrita e na pronúncia, existem sobretudo divergências consideráveis na área da gramática, mais precisamente da morfossintaxe, pois, genericamente, não se pode dizer que exista o conceito de oração subordinada, (incluindo os conceitos de oração completiva, de subordinada adverbial, etc.), na língua chinesa, mas apenas noções paralelas como coordenação ou orações coordenadas.

2.13.1 - Análise comparada da frase complexa em Português e Chinês.

Começamos por deixar uma definição da noção de frase. Em termos linguísticos, uma frase geralmente contém um sintagma nominal (SN) sujeito e um sintagma verbal (SV) predicado, nessa ordem, em que o sujeito costuma ser um substantivo e o predicado um verbo. Tanto o substantivo quanto o verbo podem ter modificadores, como adjetivos e advérbios, formando no final uma unidade chamada *frase*. A frase típica do Português contém, portanto, pelo menos um SN e um SV e uma frase é dita complexa quando contém dois ou mais SVs, devidamente ligados por conjunção.

No caso do Chinês, contudo, o conceito de frase anteriormente exposto deve ser relativizado, pois podemos encontrar conceitos como “frases sem sujeito” (ou de sujeito nulo), “frases sem verbo”, mas com predicado (em que o mesmo pode ser um sintagma adjetival), ou, pelo contrário, frases verbais integrando dois ou mais verbos sem conjunção de ligação (obrigatória em Português), ou até frases misturando predicados verbais e adjetivais com o mesmo SN sujeito. Todos estes tipos são muito diferentes da imagem convencional da frase em Português e na tradição gramatical

¹⁰² Para uma análise alargada, cf. MAI, R., Morais, C. & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Aveiro: UA Editora.

ocidental.¹⁰³

Uma frase (simples) é gramatical em Português se tem apenas um SV com um verbo conjugado num tempo finito e, se houver dois ou mais verbos conjugados, os mesmos devem ser ligados por conjunções, formando então uma frase complexa.¹⁰⁴ Estas conjunções podem ser coordenativas se as orações tiverem o mesmo estatuto, ou subordinativas, caso uma das orações dependa da outra. Na frase chinesa, contudo, como não existe conjugação verbal (cf. ponto seguinte), todos os verbos parecem ocupar o mesmo nível dentro da frase, e, além disso, a conjunção de ligação, destinada a conectar os verbos que supostamente incluem a estrutura da frase, não é obrigatória, sendo usual haver frases chinesas que consistem apenas em justapor predicados (verbais e / ou adjetivais), sem qualquer conjunção intermédia (cf. Shei, 2014).

Relativamente a orações coordenadas, existe normalmente uma pausa entre as mesmas, indicada na forma escrita pela pontuação: uma vírgula, ponto e vírgula ou dois pontos. Este tipo de frase coordenada também existe na gramática portuguesa, e as duas aparentam ser semelhantes na estrutura da frase. Vejamos o exemplo seguinte, em que a frase coordenada (187) é traduzida para Português em (188):

(187) 他喝了一杯水，之后离开了。

(188) Ele bebeu um copo de água, e depois saiu.¹⁰⁵

Observando a frase (187) pelas regras da gramática da língua chinesa, os verbos estão coordenados, e cada oração aparece como um segmento sintático autónomo:

¹⁰³ CF. Shei, C. (2014), *Understanding the Chinese Language. A comprehensive linguistic introduction*, p.100.

¹⁰⁴ A conjunção pode ser obviamente reduzida a uma marca de pontuação (vírgula). A tradição gramatical portuguesa considera que, em certos casos, a vírgula corresponde a uma conjunção. Cf. Cunha & Cintra (1984), p.661. (7ª ed. 2016)

¹⁰⁵ A frase (188) traduzida em Português.

- 他喝了一杯水 (“ele bebeu um copo de água”) é a primeira oração.
- 之后离开了 (“depois saiu”) é a segunda oração, diretamente justaposta à anterior.¹⁰⁶

Além disso, os predicados verbais não precisam de ser conjugados. Assim, a análise gramatical da frase (187) é mais fácil do que (188): o Português é uma língua que implica, por um lado, a inserção de uma conjunção coordenativa (a não ser no caso de construções assindéticas), e, por outro lado, exige variações morfológicas com foco no plano sintático, como por exemplo, a concordância entre sujeito e verbo ou a própria flexão verbal do núcleo oracional. Por seu lado, o Chinês é um idioma sem conjunção explícita e sem variações morfológicas, tanto a nível da frase como da palavra.¹⁰⁷

Na frase complexa, as orações subordinadas implicam, como vimos, uma relação de dependência entre a chamada oração principal e a subordinada, e essa relação manifesta-se por meio de uma palavra subordinativa (ou *complementador*) que pode ser uma conjunção, no caso das subordinadas adverbiais e das completivas, ou um pronome relativo, no caso das subordinadas relativas. Segundo Shei (2014), estes três tipos de subordinadas também se encontram na sintaxe do Chinês, embora sejam difíceis de identificar e catalogar devido ao facto de os respetivos complementadores serem quase sempre omissos. Em Português, uma relativa, por exemplo, destaca-se pela inserção de um pronome (“que, cujo”...), e uma adverbial ou uma completiva pela seleção de uma conjunção subordinativa (“embora, se, que”...). Em Chinês, as marcas das orações completivas ou relativas não se manifestam sintaticamente e os complementadores adverbiais, quando existem, não são obrigatórios, o que nos leva a concluir que aquilo que na tradição gramatical ocidental se qualifica como frase

¹⁰⁶ Na gramática do Português, esta frase é dita assindética (não há conjunção coordenativa entre as coordenadas).

¹⁰⁷ Existem, contudo, “conjunções” simples ou correlativas em Chinês, que permitem coordenar nomes, predicados, orações, etc., casos de (和, “e”) ou (但是, “mas”). Cf. Xiang Yu, (2011), *Tradução Português-Chinês Teoria e Prática*. Beijing. Editado por Ensino e Esquissa de Línguas Estrangeiras, p. 63.

complexa subordinada corresponde, na gramática chinesa, a frases contendo simples orações justapostas, sem qualquer marca sistemática de subordinação explícita.

Assim, podemos confirmar a existência de orações completivas em Chinês, ou seja, de orações que servem de argumento interno a um predicado com determinadas propriedades de seleção, caso de verbos como “achar, pedir, lamentar”, etc. (cf. parte 1). Vejamos a frase em (189) e a sua tradução para Português em (190):¹⁰⁸

(189) 我觉得明天会下雨。

(190) Eu acho que amanhã vai chover.

Como se nota em (190), o verbo epistémico “achar” seleciona a completiva “amanhã vai chover” como argumento interno com a relação de objeto direto, por meio do complementador “que”. Contudo, em (189) não existe qualquer constituinte que permita traduzir explicitamente a mesma relação de subordinação completiva em Chinês.¹⁰⁹ Assim, (189) divide-se em duas frases justapostas, em que a segunda deve ser interpretada como argumento interno do predicado epistémico da primeira:

我觉得 – “eu acho” (corresponde à oração subordinante)

明天会下雨 – “amanhã vai chover” (corresponde à oração completiva)

Vejamos, ainda, em (191) outro exemplo de frase complexa com oração subordinada completiva (finita) em Português, traduzida para Chinês em (192).

(191) O menino acha que tu estás cansado.

(192) 男孩认为你累了。

¹⁰⁸ Exemplo de Shei (2014), p.149.

¹⁰⁹ A ausência do complementador completivo não é exclusiva do Chinês, podemos também encontrá-la em Inglês (“I think [-] it will rain tomorrow”). Contudo é obrigatório em Português e nas línguas românicas.

Observando o caso anterior, vemos que (191) é uma frase complexa, pois contém a oração subordinada completiva “que tu estás cansada”, mas, quando traduzida em Chinês em (192), a frase (191) é formalmente muito simples (literalmente “o menino acha tu estás cansado”), pois trata-se agora de uma frase em que, novamente, não aparenta haver nenhum complementador de subordinação entre a oração dita “subordinante” (“男孩认为”) e a oração “subordinada” (“你累了”), orações que aparentam apenas ser concatenadas (justapostas e adicionadas).

Relativamente a orações subordinadas adverbiais, as mesmas também podem ser encontradas na sintaxe do Chinês, e, neste, caso, é possível identificar palavras que equivalem a conjunções subordinativas adverbiais, como “embora” ou “se”, embora, como anteriormente, a inserção de uma palavra de complementação não seja obrigatória. O exemplo seguinte de frase complexa com oração subordinada concessiva em Português (193) é traduzido em Chinês em (194):

(193) O menino correu muito tempo, embora estivesse cansado.

(194) 男孩跑了很久，虽然已经累了。

A frase (193) em Português contém de facto uma oração subordinada concessiva finita no modo Conjuntivo (“embora estivesse cansado”), cujo o tempo (Pretérito) é expresso pela flexão verbal. A tradução chinesa em (194), em que o tempo da frase é expresso pelos termos lexicais “了”, “已经” (o tempo e o modo aqui são expressos através do léxico), equivale a uma relação de subordinação adverbial entre a orações colocadas em paralelo, em que a partícula de ligação (虽然 “embora”) parece corresponder a um complementador de subordinação. Contudo, de forma genérica, a gramática chinesa não considera este tipo de construção como contendo uma “oração subordinada adverbial”.¹¹⁰

Parece, pois, ser o caso que os conceitos de subordinação, de oração completiva

¹¹⁰ Deixamos de fora deste trabalho a questão da sintaxe comparada das orações relativas, por ser aqui irrelevante.

ou de complementador de subordinação têm pouca pertinência na sintaxe do Chinês, e que apenas devem ser invocados numa perspectiva contrastiva e comparativa, como é o caso neste trabalho. Não podemos, em todo o caso, deixar de notar que os aprendentes chineses de PLE/L2 não dispõem, na sua formação gramatical, nem do conceito de “oração completiva” nem das regras de complementação correspondentes.

2.1.3.2 - Análise comparada das flexões em Português e Chinês.

Na área da morfologia, nota-se que os vocábulos chineses possuem formas únicas, não flexionadas (caso dos verbos, adjetivos e nomes), não existindo, assim, uma flexão dos adjetivos e nomes (em género, número, grau), ou uma conjugação dos verbos (variação em pessoa, tempo, modo, número), casos que encontramos sistematicamente em Português. Na gramática chinesa, não se coloca, pois, o problema de escolher o modo verbal nas orações completivas, visto que não existe em Chinês uma morfologia verbal exibindo modos como o Conjuntivo, o Infinitivo e o Indicativo. Em Chinês, a maneira de exprimir os modos ou tempos é realizada através do contexto e da lógica da frase, de partículas lexicais relativas a tempo ou a atitudes na frase, etc.¹¹¹ Assim, podemos exprimir através de algumas expressões lexicais marcas temporais como a data, o futuro, e também valores aspetuais como a finalidade, a continuação da ação, a repetição, etc. Vejamos alguns exemplos a seguir:

(1) Pode-se exprimir o tempo através das palavras de tempo, como 明天 (“amanhã”), 现在 (“agora”), 早上6点 (“às seis da manhã”) ... para descrever uma ação no tempo, sem ser necessário flexionar o verbo com terminações temporais, como é o caso em Português;

(2) Pode-se exprimir o fim da ação através de palavras, como: “了”, “已经”, “过”, etc., (“já”) (de novo, sem flexionar o verbo);

¹¹¹ Como se ilustrou nas frases (190) e (191).

(3) Pode-se localizar uma ação no futuro usando marcas como: "快", "会", etc., (sem conjugar o verbo);

(4) Pode-se exprimir uma ação continuada usando palavras como "正在", "在"..., etc.

Este sistema de marcas à revelia do sistema flexional do verbo vai originar, quando os aprendentes chineses descobrem a morfossintaxe do Português e se deparam com as orações completivas e a sua estrutura complexa, um conjunto de erros sobre algumas áreas críticas da morfossintaxe, tais como a escolha dos tempos e modos verbais e, paralelamente, os erros de concordância verbal, nominal e adjetival.

Em conclusão, podemos dizer que, de facto, na área da morfossintaxe, em Chinês, como mencionado acima, não existem mecanismos de seleção de modo verbal nas orações subordinadas, o que corresponde, em termos de teoria da interferência, a um caso típico de sobre-diferenciação morfossintática, como foi referido anteriormente. Contudo, o conteúdo semântico de frase complexa (concessão, condição, etc.) é, geralmente, semelhante e é possível exprimir em Chinês a mesma interpretação que em Português, neste caso refletida através da lógica da frase, do contexto, de recursos lexicais, etc. É importante relembrar, para explicar esta equivalência, que as frases do tipo "sujeito + predicado" em Português correspondem em Chinês a frases com o mesmo tipo de estrutura interna, o que implica o mesmo tipo de ordenação sintática geral. Contudo, na medida em que as partes do discurso ou locuções chinesas não têm um papel fixo na frase (embora tenham uma posição fixa), qualquer categoria pode, de forma geral, ser usada como sujeito ou predicado.¹¹²

O fenómeno de sobre-diferenciação acima sugerido poderá induzir os alunos chineses a complicarem a sua escolha do modo verbal nas orações completivas em L2. Podemos inferir ainda que os alunos chineses cometem erros nas formas conjugadas dos verbos e têm fraca compreensão sobre os vários tempos e modos verbais, a

¹¹² Xiang Yu, (2011), *ibidem*, p. 63.

estrutura das frases complexas, assim como têm julgamento deficiente sobre as várias orações subordinadas em tais casos. Estas interferências provavelmente ocorrem com frequência, e o seu estudo será necessário, após a recolha de dados.

Em termos de análise contrastiva, poderemos aqui lembrar a observação de Brown (1980), segundo o qual a interferência é mais provável quando há semelhanças entre os itens a aprender e itens já conhecidos, e menos provável no caso de itens de aprendizagem inteiramente novos para o aprendente, como parece ser o caso da seleção de modo nas completivas em Português L2 para chineses L1. Poderemos também verificar se a maioria dos erros cometidos em L2 pelos aprendentes de Chinês L1 não passarão, neste contexto, de erros intralinguísticos, ou seja, erros de aprendizagem específicos de L2, não diretamente determinados por interferência de L1.

Em síntese, os dados anteriores levam a concluir que as construções de subordinação, particularmente as completivas, associadas a uma palavra funcional desempenhando o papel de complementador de subordinação, não existem na sintaxe do Chinês.¹¹³ As frases complexas em Chinês representam, na verdade, um desafio para a análise ocidental da sintaxe das frases complexas, que distingue formalmente entre orações “subordinadas” e “subordinantes”. Em Chinês, os itens de ligação, conjunções subordinativas ou complementadores, limitam-se de facto a uma classe lexical e semanticamente heterogénea, e nem sempre podem, quando existem, ser classificados como tendo uma função “subordinante”. Não querendo aqui desenvolver mais esta reflexão, diremos simplesmente que uma análise cuidada da sintaxe das frases complexas em Chinês parece mostrar que as orações subordinadas (as adverbiais, mas sobretudo as completivas) correspondem na maioria dos casos em Chinês a valores semânticos atribuídos por meio de partículas e outros itens lexicais, e não refletem necessariamente o conceito estrutural de “subordinação”. A mesma

¹¹³ Não parece ser o caso das orações relativas, pois as mesmas equivalem a modificadores do nome e também integram, nessa qualidade, a sintaxe da modificação nominal em Chinês. Cf. Shei (2014).

reflexão pode ser feita relativamente ao conceito de conjunção subordinativa ou de complementador, que corresponde, em Chinês a uma vasta variedade de itens lexicais, partículas, classificadores, etc., que apareceriam, na tradição ocidental, dispersos por tipos de morfemas tão diferentes quanto as preposições, os indefinidos, os advérbios e as conjunções.¹¹⁴

Em todo o caso, independentemente da existência ou não de um paralelo formal entre a sintaxe das orações subordinadas em Português e Chinês, na verdade, os aprendentes de PLE /L2 nativos de língua chinesa L1 aparentam dispor de uma gramática nativa em que o conceito de “oração subordinada” é desprovido de significado, assim como, do ponto de vista morfossintático, o mesmo aprendente se depara, no seu contacto com o PLE /L2, com uma língua em que as principais categorias lexicais são providas de um rico sistema flexional, ao contrário, de novo, daquilo que mostra a sua língua nativa. Coloca-se, pois, a questão de saber como descrever e resolver as óbvias interferências que daí resultam em Português L2. Mais precisamente, essas diferenças sintáticas (sobre as quais este estudo se focaliza mais precisamente) fazem com que, quando os estudantes chineses se deparam com orações subordinadas (incluindo completivas) em L2, vão presumivelmente aparecer alguns tipos de erros, tais como:

- (i) erros sobre o complementador (que, se, onde...), que é uma categoria ou constituinte que não existe formalmente na sintaxe do Chinês;
- (ii) erros de estrutura e construção da subordinada, em especial da completiva;
- (iii) erros relacionados com a conjugação e a seleção do modo da completiva.

¹¹⁴ Para uma análise aprofundada desta questão, cf. Waltraud (2015).

2.2 - Recolha de dados - inquérito a alunos chineses de PLE.

Vejam os de seguida algumas considerações sobre a maneira como o inquérito realizado foi concebido e aplicado sob forma de questionário, e posteriormente recolhido para análise de dados. O texto do inquérito pode ser consultado no anexo II, p123.

2.2.1 - Conceção do inquérito.

Em primeiro lugar, o inquérito é uma forma habitual de recolher informação junto de fontes escolhidas, sob a forma de um questionário local, *online* ou em canais alternativos correspondentes. O objetivo deste inquérito foi que os dados linguísticos relativos às respostas às perguntas do questionário (sobre a aprendizagem da sintaxe das orações completivas em Português L2 por alunos chineses L1) pudessem ser recolhidos, organizados e analisados de forma a obter informações sobre o grau de compreensão dos aprendentes na área inquirida, assim como para refletir sobre os respetivos problemas de aquisição. Para analisar mais especificamente os problemas do domínio de aprendizagem, foi necessário também recolher dados individuais, de forma anónima, relativos aos aprendentes assim como as suas experiências de formação.

O questionário é, nesta área da linguística aplicada, um método comum nas investigações sobre interferência e interlíngua. Através de um conjunto de perguntas específicas e detalhadas, pode-se obter um leque de respostas dos inquiridos e depois observar dados e identificar tendências, de forma a evidenciar problemas ao analisar essas respostas. Este método provém de domínios como os da psicologia e da sociologia, mas é usado amplamente nas investigações em outras áreas, incluindo ciências da linguagem. Este tipo de questionário é dividido habitualmente em vários tipos de recolha de dados, havendo por exemplo o questionário direto, o questionário

por correio, o questionário de entrevista, o questionário por telefone, etc. De acordo com contextos sociais e técnicos diferentes, adotam-se questionários diferentes, e cada tipo tem vantagens e desvantagens respetivas.

Para atingir o maior número de respondentes e obter respostas mais oportunas, tendo em conta a situação atual, escolhi neste trabalho a forma do questionário *online*, via Internet. Desenhei um questionário relativo ao tema da presente dissertação por meio do site www.wjx.cn, um site profissional sobre questionários. O presente questionário (que se encontra *online* no endereço <https://www.wjx.cn/vm/ec5n2FF.aspx>) inclui duas partes complementares, que vamos descrever de seguida.

Concretamente, este questionário inclui duas partes distintas:

(i) a primeira parte consiste em recolher dados individuais, incluindo a nacionalidade, idade, género, tempo de estudo do Português e língua adquirida, de forma a identificar um perfil global e típico dos inquiridos;

(ii) a segunda parte consiste em recolher respostas sobre uma série de perguntas relativas à gramática das orações completivas, de forma a recolher dados linguísticos pertinentes.

Relativamente aos objetivos relacionados com a recolha de informação, podemos definir as seguintes tarefas e os respetivos exercícios:

(i) De forma a examinar de entrada o grau de conhecimento dos inquiridos sobre as orações completivas, a primeira tarefa (exercícios 1.1 e 1.2) consiste em decidir se as cinco frases apresentadas (de (a) a (e)) contêm uma oração completiva ou não, e em caso afirmativo identificar a mesma, assim como avaliar de seguida o grau de dificuldade do exercício;

(ii) A segunda tarefa (exercícios 2.1 e 2.2) consiste em identificar os modos verbais nas dez frases com orações completivas incluídas em (2.1), e avaliar o grau de dificuldade deste tópico, sendo o objetivo aqui examinar o grau de conhecimento do

inquirido sobre a morfossintaxe das orações completivas;

(iii) A terceira tarefa (exercício 3.1.) consiste em completar frases contendo orações completivas com as formas corretas dos verbos dados entre parênteses, tratando-se aqui de verificar se o inquirido consegue usar e conjugar corretamente os verbos, incluindo as variações de pessoa, tempo e modo;

(iv) Por fim, a quarta tarefa (exercícios 4.1 e 4.2) consiste traduzir para Chinês L1 frases portuguesas que contêm orações completivas (exercício 4.1), e, inversamente, em traduzir para Português L2 frases chinesas que exigem (em Português) orações completivas. Este tipo de exercício é particularmente exigente, tanto na tradução para L2 como para L1, pois os resultados podem ser perturbados por erros relativos a questões não incluídas neste estudo, pelo que o objetivo desta última tarefa é sobretudo de verificar se os dados de tradução podem ser cruzados com os dos exercícios anteriores.

2.2.2 - Aplicação do inquérito.

O questionário foi aplicado a partir do dia 26 de março de 2021, elaborado e publicado, como se disse, através da página www.wjx.cn.¹¹⁵ (Cf. também anexo II, p. 123.) Os inquiridos visados foram nomeadamente estudantes (e eventualmente professores) de PLE / L2, sob a forma de anonimato, que o partilharam depois amplamente nas redes sociais, garantindo assim que o público inquirido não se limitasse ao site inicial. Embora seja um inquérito redigido em Português e vocacionado para a língua portuguesa, o mesmo está também traduzido na língua nativa dos aprendentes, o que parece ser o mais adequado para a maioria dos estudantes o preencherem sem dificuldades processuais especiais, garantindo um processo de respostas objetivas e uniformes.

Uma vez que os dados recolhidos são muito importantes para este estudo,

¹¹⁵ <https://www.wjx.cn/vm/ec5n2FF.aspx>

exigiu-se que o público de inquiridos fosse tão extenso quanto possível, mas que, simultaneamente, manifestasse alguns conhecimentos básicos sobre a gramática portuguesa, ou seja, que cada inquirido fosse no mínimo um aprendente de nível elementar. Para tratar os dados assim coletados, a maneira de os organizar consistiu primeiro em aplicar-lhes um tratamento estatístico geral, depois observar e descrever as respostas de forma específica, e, finalmente, detetar padrões regulares e formular conclusões relativas às hipóteses de trabalho.

Após a aplicação do questionário, foram recolhidas um total de 42 respostas válidas. Os respondentes validados incluem principalmente, como se nota pelos dados da parte 1, estudantes de licenciatura e mestrado, na China e em Portugal. Uma parte estuda o Português há pouco tempo, enquanto outros já o estudam há vários anos. Além disso, os inquiridos provêm de universidades diferentes, por exemplo, em Portugal, de Aveiro, de Lisboa e também de várias universidades na China, nas quais os estudantes estudam o Português em níveis e cursos diferentes.

Além disso, o questionário, como veremos, não é uniforme no perfil por idade ou por sexo. De facto, as respostas correspondem a situações variadas, que podem, no meu entender, representar de forma abrangente os problemas da aprendizagem do Português por estudantes chineses. Através das respostas, que teremos a ocasião de analisar no capítulo 3, pode-se visualizar de facto o conjunto de influências que o Chinês L1 tem na aprendizagem da sintaxe das completivas em Português L2.

Vejamos a seguir, no capítulo 3, num primeiro momento, a representação dos resultados de cada pergunta através de vários histogramas, para que a tendência seja mais clara, e, num segundo momento, uma análise qualitativa das tendências encontradas e uma discussão alargada dos resultados, resumidos depois em conclusão.

Capítulo III

3 - Estudo de caso e discussão de resultados.

O capítulo 3 tem por objetivo principal analisar os dados extraídos da aplicação do inquérito de uma forma razoável e ordenada. No final da aplicação, houve, como se referiu, um total de 42 respostas recolhidas, todas consideradas com o intuito de observar os vários erros de identificação de formas e seleção de modos verbais dos aprendentes chineses em orações completivas. Para começar, vamos analisar os dados individuais, relativos à primeira parte do inquérito e, depois, os dados extraídos dos quatro exercícios da parte 2.

3.1 - Análise de resultados – tendências, estatísticas e confirmações.

Nesta secção, vamos descrever, para cada parte, as principais características dos dados obtidos.

3.1.1 - Dados relativos à primeira parte do inquérito.

Em primeiro lugar, seguindo a ordem do questionário, apresentamos os dados individuais obtidos na primeira parte, cujas características resumidas são as seguintes:

(1) No questionário, os 42 inquiridos dividem-se em dois grupos: a maior parte são alunos que estudam Português, e uma pequena parte são professores que ensinam Português ou outros falantes de língua portuguesa que trabalham nesta área.

(2) Através da análise dos resultados, concluímos que 78,57% dos inquiridos são do sexo feminino e 21,43% dos inquiridos do sexo masculino (cf. fig.1, no anexo I, p. 116). As alunas ocupam assim a maior parte do universo de inquiridos pelo facto de que, atualmente, há muito mais alunas do que alunos que estudam Português e, mais geralmente, línguas estrangeiras nas universidades chinesas.

(3) Na figura 3 (cf. anexo I, p. 117), podemos observar um gráfico com a distribuição da idade dos inquiridos. Como mostra esse gráfico, a faixa etária com maior destaque (45,24%) é a de 22-25 anos, a segunda faixa etária mais representada é a de menos de 22 anos (23,81%), a terceira é 25-30 anos (21,43%) e a última é a faixa dos maiores de 30 anos (9,52%). Em consequência, a idade média dos inquiridos é de 24 anos.

(4) Na figura 2 (no anexo I, p. 116) indica-se, além da distribuição etária dos inquiridos, a duração da sua aprendizagem do Português. Entre eles, o percurso médio é de 4 anos de escolaridade, sendo que o número de anos com a maior proporção é de 3-4 anos (47,62%), depois, respetivamente, 5-6 anos (21,43%), 1-2 anos (14,29%), 9-10 anos (9,5%) e finalmente 7-8 anos (4,76%). Como mostram os dados, não existe, nesta amostra, nenhum caso de aprendente de nível iniciação, e, inversamente, mais de 68% dos mesmos aparenta ter um percurso mínimo de três anos de Português.

(5) Em relação aos dados recolhidos, 97,62% dos inquiridos, ou seja, basicamente todos, aprendem ou aprenderam também Inglês (L2).¹¹⁶ E 23,81% deles ainda aprendem ou aprenderam outras línguas estrangeiras (L3), como Espanhol (11,90%), Francês (4,76%), Japonês (2,28%), Dinamarquês (2,28%), Coreano (2,28%), entre outras línguas, para além de Português. (cf. fig.4, no anexo I, p. 117.)

Em suma, o universo dos respondentes ao inquérito caracteriza-se por ser constituído, em média, de jovens adultos de 23 anos, predominantemente de sexo feminino, com 3 anos de estudos de Português, língua que para eles representa quase totalmente, em termos de aprendizagem, uma L3. Trata-se, portanto, do perfil típico dos estudantes universitários chineses de PLE aqui inquiridos.

3.1.2 - Dados relativos à segunda parte do inquérito.

A segunda parte do questionário diz respeito aos vários exercícios propostos, divididos, em alguns casos, em duas perguntas complementares (para consulta integral do texto do inquérito, cf. anexo II, p.123).

3.1.2.1 - Resultados do exercício 1.

Pergunta 1.1 : *“decide se existe alguma oração completiva e identifica a oração completiva.”*

Este exercício tem por objetivo verificar a compreensão dos inquiridos sobre a definição e as características e a estrutura da oração completiva finita/não finita, e, ao mesmo tempo, verificar se os inquiridos conseguem distinguir entre a oração principal e a oração subordinada. Vamos observar a situação específica dos dados relativos às 5 frases incluídas.

¹¹⁶ Nesse caso, o Português aqui em causa seria (pelo menos) uma L3.

a) *A rapariga acha que a festa é muito tarde.*

Nesta frase complexa com uma oração subordinada, a parte que corresponde à oração completiva é “que a festa é muito tarde”. Porque o sujeito do verbo na oração subordinada (“a festa”) não é o mesmo que o sujeito do verbo na oração principal (“a rapariga”), e ainda que em Chinês, como vimos, não haja lugar a falar aqui de oração subordinada, podemos notar que esta frase se assemelha a um tipo de construção denominada “frase pivot”(兼语句), em Chinês, que verifica parcialmente esse tipo de característica sintática.¹¹⁷ Esta estrutura de pivot, que contempla dois verbos justapostos a partilharem o mesmo sujeito numa única frase, pode habitualmente ser substituída, num contexto próximo em Português, por uma completiva de Infinitivo, por uma locução prepositiva, uma oração subordinada, etc.¹¹⁸ A oração completiva nesta frase (a) poderá, então, ser associada pelo inquirido ao conceito nativo de frase pivot, embora a mesma represente, neste caso, uma estrutura sintática de natureza distinta.

Crucialmente (cf. tabela 4, a seguir), a percentagem de respostas erradas (que incluem confirmar ou não a presença de uma oração subordinada e identificar a sua natureza completiva) representa 85,7% do total. Mais de metade (52,38 %) dos inquiridos não pensam que exista na frase (a) uma oração completiva, e um terço (33,32%), que declara a sua existência, não tem, contudo, a capacidade de identificar a oração completiva, o que revela que só uma pequena minoria entende adequadamente o que está em causa. Além disso, 28,57% dos respondentes não sabem que o complementador (*que*) pertence à oração completiva finita. A partir destes resultados, podemos concluir que a maior parte dos inquiridos tem sérias dúvidas sobre o conceito da oração completiva. A compreensão da estrutura da frase

¹¹⁷ “Frases que são predicadas ou formadas independentemente por locução pivot são chamadas de oração pivot. Em frases pivots, os dois verbos no predicado não usam o mesmo sujeito.” Xia Ying, (2014), *Análise Comparativa de Estrutura Sintática entre as Línguas Chinesa e Portuguesa*, Edições Educação de Língua Estrangeira de Xangai. p. 24.

¹¹⁸ Xia Ying, (2014), *ibidem*, p 25-30.

com oração completiva é, pois, um tipo de interferência em destaque para a aprendizagem da sintaxe do PLE.

Escolha	Casos	Respondentes	Percentage m
Sim	que a festa é muita tarde	6	14,90%
	a festa é muito tarde	12	28,57%
	muito tarde	1	2,38%
	Muito	1	2,38%
Não	22		52,38%

Tabela 4 - Respostas à pergunta do exercício 1.1. a)

b) A surpresa que ele me fez foi linda.

A resposta correta aqui é que esta frase não contém nenhuma oração completiva (“que ele me fez” é uma oração relativa desempenhando o papel de modificador do substantivo "surpresa"). Como exposto na tabela 5, a resposta correta representa desta vez 45,24% dos questionários, o que não é surpreendente, pois, na medida em que a existência de relativas adjetivais na L1 está bem documentada, faz sentido os aprendentes estarem em condições de identificarem o mesmo tipo de modificador na L2. A tabela indica, contudo, que mais da metade dos respondentes não sabem fazer a distinção entre tipos de orações subordinadas, como completivas e relativas.

Escolha	Casos	Respondentes	Percentagem
Sim	que ele me fez foi linda.	4	9,52%
	ele me fez foi linda	8	19,05%
	que ele me linda	7	16,67%
	foi linda	1	2,38%
	Foi	1	2,38%
	ele fez-me	1	2,38%

	Me	1	2,38%
Não	19		45,24%

Tabela 5 - Análise das respostas ao exercício 1.1. b)

c) *Eu estava a conversar com os colegas quando me telefonaste.*

A frase c) não contém nenhuma oração completiva, pois “quando me telefonaste” corresponde a subordinada adverbial temporal. As respostas certas, como indicado na tabela 6, são agora de 57,14%. Contudo, note-se que 42,76% dos respondentes confundem a oração adverbial com uma oração completiva, e 11,9% dos inquiridos não conseguem sequer isolar a oração subordinada nesta frase.

Escolha	Casos	Respondentes	Percentagem
Sim	quando me telefonaste	13	30,95%
	Telefonaste	2	4,76%
	me telefonaste	2	4,76%
	com os colegas quando me telefonaste	1	2,32%
Não	24		57,14%

Tabela 6 - Análise das respostas ao exercício 1.1. c)

d) *Ele acordou e olhou para o relógio.*

Esta frase é composta de duas orações coordenadas e não tem nenhum tipo de relação de subordinação. Segundo a tabela 7, quase todos os inquiridos (92,86%) confirmam de facto que não existe aqui qualquer tipo de subordinada. Este resultado deve ser ponderado tendo em conta a existência de transferência positiva de L1 para

L2 (cf. as frases (188) e (189) na parte 2 desta dissertação), e manifesta claramente a compreensão e capacidade de identificar e manipular orações coordenadas e orações independentes. Assim, podemos inferir que a imensa maioria dos respondentes (92,86%) consegue identificar orações coordenadas, por terem sido treinados a também o realizarem em L1.

Escolha	As situações de preencher	Respondentes	Porcentagem
Sim	para o relógio	1	2,38%
	e olhou para o relógio	2	4,76%
Não	39		92,86%

Tabela 7 - Análise das respostas ao exercício 1.1. d)

e) *A minha mãe pediu-me para comprar pão.*

Esta frase contém a oração completiva infinitiva (ou não finita) “para comprar pão”. A taxa de inquiridos que responderam corretamente baixou para apenas 14,29% e os inquiridos que erraram na identificação da oração completiva (mas que tinham acertado) representam ao todo 16,67%. Além disso, nesta questão, 11,90% dos respondentes não sabem se o complementador "para" é um componente da oração completiva infinita. Contudo, o dado essencial é que os que consideraram não haver nenhuma oração completiva representa 69,04%, como se indica na tabela 8.

Escolha	As situações de preencher	Respondentes	Porcentagem
Sim	para comprar pão	6	14,29%
	comprar pão	5	11,90%
	Comprar	1	2,38%
	Me	1	2,38%
Não	29		69,05%

Tabela 8 - Análise das respostas ao exercício 1.1. e)

A grande maioria dos respondentes pensa, pois, que a segunda oração da frase (e) não é uma subordinada completiva, ou não é sequer uma oração. A estrutura dessa frase parece assim diferente das anteriores, levando os inquiridos a pensar que esse tipo de frase é simples e não contém nenhuma oração subordinada, mas corresponde apenas a uma oração absoluta, sendo a parte "comprar pão" interpretada como uma simples locução verbal, típicas das “construções em série” do Chinês. Contudo, em Português o verbo "comprar" tem sujeito, "me (/eu)", como se verifica quando se troca "eu" por "nós": nesse caso, a frase deve ser reescrita como "A minha mãe pediu-nos para *comprarmos* pão", o que comprova tratar-se de facto de uma oração, ou seja, de uma entidade sintática provida de um sujeito e um predicado ligados por concordância entre sujeito e verbo.

Deste primeiro exercício, podemos tirar algumas conclusões relativamente às respostas obtidas:

(i) Pelo resumo das respostas acima apresentado, a maioria (54,76% - valor médio das respostas a) a e)) dos respondentes chineses (que, recorde-se, têm em média 3 a 4 anos de Português) não domina a noção de oração completiva. Esse número é tanto mais elevado quando essa completiva é não finita;

(ii) Cerca de 25,0% (valor médio das respostas a) e e)) dos respondentes não sabem identificar uma oração completiva, mesmo depois de concluir, corretamente, que a frase contém uma oração completiva, o que tende a mostrar que a sua resposta é em parte casual;

(iii) A imensa maioria dos respondentes (92,86%) consegue distinguir entre orações subordinadas e orações coordenadas;

(iv) Cerca de 19,75% (valor média das questões a) e e)) dos respondentes estão confusos sobre se o complementador é ou não um constituinte da oração completiva;

(v) Por fim, a taxa de erro médio das respostas às cinco questões anteriores (a-e) é de 57,43%, ou seja, mais de metade dos inquiridos dão respostas erradas, independentemente da tipologia de erro. A elevada taxa de erro neste exercício, que parece algo surpreendente neste tipo de aprendizagem e com este tipo de aprendentes, é seguramente a prova de que, por um lado, a sintaxe das frases complexas é uma área gramatical de especial complexidade em PLE, e, por outro, que a mesma resulta em grande parte de transferência negativa de L1 para L2, no processo de edificação da interlíngua.

Pergunta 1.2. Achas que o exercício anterior foi difícil? E explica porquê.

O resultado é o seguinte: 54,76% dos inqueridos acham difícil, 16,67% acham ser mais ou menos difícil, 7,14% um pouco difícil, e só 16,67% dos participantes consideraram fácil (cf. fig.5, no anexo I, p. 118).

Na verdade, depois de observar os resultados dos 7 casos que foram considerados fáceis, entre as sete respostas, não há resposta completamente correta entre as questões (a) - e)), e a probabilidade média de perguntas erradas por pessoa é de 51,43% (entre as cinco questões a) - e)). De entre eles, 5 pessoas cometeram erros, incluindo 3 pessoas que não souberam se o complementador é um constituinte de uma oração completiva finita. Por meio das frases a), b), c) e e), pode-se calcular que a probabilidade média de julgar se o erro pertence à oração completiva é de 53,57%. Assim, comparado com o valor médio de 54,76% dos 42 inquiridos, conclui-se que é semelhante, o que está em contradição com o juízo de valor positivo destes 7 respondentes. Quanto ao fato de o complementador pertencer à uma oração completiva ou não, a taxa de erro é maior do que a taxa junta. Percebe-se que não existe uma relação absoluta entre saber se os inquiridos acham essa pergunta fácil ou não e a taxa de respostas corretas, o que levanta a questão da eventual “sinceridade” dos juízos de valor deixados.

Por outro lado, quanto às eventuais razões por detrás desta dificuldade, a maioria dos inquiridos justifica-se dizendo que não conhece o conceito da oração

completiva, 11,90% (5 pessoas) têm uma compreensão “limitada” das orações completivas, uma compreensão “pouco prática” (9,52%), ou até um “mau domínio” da gramática (7,14%, 3 inquiridos), ou esqueceram-se de existirem orações completivas, depois do curso (2,38%, 1 respondente). Combinado com a taxa de erro das questões anteriores (57.43%), presume-se e confirma-se que a maioria dos respondentes não foi exposta anteriormente ao conceito de oração completiva.

3.1.2.2 - Resultados do exercício 2.

Pergunta 2.1. “As frases seguintes (a - j) contém uma oração completiva que está sublinhada. Decide qual é o modo e o tempo do verbo dessa oração completiva (escolhas possíveis: Tempo: Presente/ Pretérito/ Futuro; Modo: Indicativo/ Conjuntivo/ Infinitivo.)

Penso que esta ideia é boa.

a) b) Duvidamos que eles aceitem o nosso convite.

c) Creio que o aluno conseguirá passar no exame.

d) Espero que tu não te importes de guiar de noite.

e) É claro que esta notícia é muito importante.

f) Não pensava que ela tivesse razão.

g) É preferível vocês pagarem com dinheiro.

h) Estou feliz em ires a Portugal em Agosto.

i) É melhor tu leres as instruções.

j) Ele costuma acordar muito cedo.”

Este exercício tem por objetivo ajudar os respondentes a dominar e manipular a estrutura da frase com oração completiva, e verificar a sua familiaridade para com as conjugações e os modos verbais.

Nas frases a) -j), a taxa média de erro de julgamento do modo verbal é de 18,33%, e a taxa média de erro de julgamento do tempo verbal é 41,90%. (cf. a figura 6 para detalhes, no anexo I, p. 118.), o que mostra que de alguma forma o conceito de modalidade (que como vimos caracteriza os modos verbais) é mais sensível ao aprendente do que a noção de tempo verbal.

Para além dos erros sobre o tempo verbal nos exemplos g) - j), nota-se que uma grande parte do exercício é respondida de forma correta. Sendo que as frases são relativamente simples de entender, o número de respostas corretas será presumivelmente mais elevado. Pode-se ver que, para os respondentes, o Presente do Indicativo e o Presente do Conjuntivo são relativamente bem dominados, mas o Futuro do Indicativo e o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo não são tanto, e o modo Infinitivo, em especial flexionado, por seu lado, é relativamente mal identificado. Verificamos que a taxa de respostas corretas dos exercícios a), b), d), e), f) é elevada, enquanto na frase c) é mais baixa. A razão pode ser o facto de esse tempo verbal (Futuro do Indicativo) do Indicativo não ser comum para os aprendentes de L2, pois verifica-se a sua inexistência na limitada morfologia verbal de L1.

Muitos inquiridos erraram a identificação do tempo nos exemplos g) -j), dado que a maioria dos inquiridos não sabe que o modo Infinitivo não tem marcas de tempo. Assim, pensaram que o tempo na oração completiva seria o tempo na oração principal, o que é obviamente errado.

Em termos gerais, no exercício 2.1, embora haja uma taxa de correção global elevada (muito mais sobre os modos), a mesma está muito longe de atingir 100% nos 42 inquiridores (cf. fig.6, no anexo I, p. 118). Uma vez que o modo e o tempo são localizados diretamente nos exemplos de orações dadas, a maioria dos inquiridos tem de ter conhecimento do modo e do tempo dos verbos simples nestas frases. Assim, é

provável que as causas desses erros se reflitam sobretudo na confusão com a morfologia particular do verbo conjugado ou com algumas irregularidades destes tempos e modos. Podemos concluir que existe uma tendência confirmada relativa à confusão sobre modos e tempos, mas que a taxa de frequência dessa confusão nos exercícios (a-f) é relativamente mais baixa.

Pergunta 2.2. Achas que o exercício dois foi difícil?

De acordo com a observação dos resultados (cf. diagrama estatístico, fig.7, anexo I, p. 119.), podemos ver que o número de pessoas que considerou ser fácil ou muito fácil este exercício é elevado (66,66%), contrariamente ao resultado obtido em relação à verificação da oração completiva, anteriormente mencionada no exercício 1. Se compararmos este resultado com os juízos de valor do exercício 1.2, prevemos, assim, que a maioria dos inquiridos têm, até certo grau, conhecimento suficiente sobre modo e tempo verbais, embora não conheçam ou conheçam mal o seu papel nas orações completivas. Isso mesmo será testado no exercício 3.

3.1.2.3 - Resultados do exercício 3.

A pergunta única do exercício 3 é : "*Completa as frases com a forma correta do verbo dado entre parênteses.*

- a) *É possível que o João não _____ à festa. (vir)*
- b) *Ele não acredita que as crianças _____ do filme. (gostar)*
- c) *É uma certeza que o homem _____ música chilena. (adorar)*
- d) *A Joana disse que _____ cantar. (desejar)*
- e) *A professora pediu-nos para _____ mais tarde. (sair)*
- f) *_____ a árvores assusta-me. (subir)*
- g) *Era possível que o Mário não _____ à festa. (vir)*
- h) *Espero que a Maria não _____ na festa e explico-te porquê. (estar)*
- i) *É melhor vocês _____ os casacos. (levar)*
- j) *O hotel preparou tudo para os turistas _____ à vontade. (ficar)*

Este exercício tem como objetivo examinar a capacidade do inquirido em dominar a conjugação do modo e do tempo verbal, e saber como selecionar o modo dos verbos nas orações completivas.

- a) *É possível que o João não à festa. (vir)*

A percentagem de resposta certa (“venha”) representa 47,62%, mas há vários casos errados, que são principalmente “vir, viu, vier, vinha”, etc. (cf. fig.8, anexo I, p. 119.) “vir” representa o erro mais frequente (9,52%), pois não se pode usar o modo Infinitivo aqui, visto que, quando existe o complementador “que”, não se pode selecionar o Infinitivo na oração completiva (cf. parte 1). Os erros “viu” e “vier” referem-se à seleção errada do modo verbal ou à verificação errada do tempo. A razão

para este tipo de erro pode ser uma falha de memória na conjugação do verbo, ou uma escolha errada do modo verbal da oração completiva.

b) Ele não acredita que as crianças do filme. (gostar)

A resposta certa é “gostem” e a taxa de correção deste exercício representa 42,86%. Como no caso anterior, há diversas formas erradas, das quais “gostam” representa 21,43%, devido à escolha errada do modo Indicativo (proibido pela negação). A resposta “gostar” representa 11,9%, certamente devido a alguma ignorância acerca da construção da completiva finita. Quanto aos casos “gostarem” e “gosta”, são possivelmente decorrentes da verificação errada do sujeito, tempo e modo verbal (Cf. fig.9, no anexo I, p. 119).

c) É uma certeza que o homem música chilena. (adorar)

A resposta certa da frase (c) é “adora”, e a sua taxa de exatidão é de 57,14% (cf. a fig.10, anexo I, p.120). Um dos casos frequentes de erro aqui é “adore” (Conjuntivo), com uma percentagem de 16,67%, possivelmente por causa de uma conjugação errada do verbo no Presente do Indicativo, e da proximidade com o Conjuntivo dos verbos em “-ar”. Porém, quando se declara o facto certo e objetivo na oração principal (“é uma certeza”), deve-se usar o Indicativo na oração subordinada, como vimos na parte 1. Outro erro cometido é “adorar”, ou seja, a seleção do Infinitivo, possivelmente por o inquirido não estar familiarizado com a distinção entre o Indicativo e o Infinitivo na oração completiva. No entanto, quando é introduzida pelo complementador “que”, uma oração completiva é finita, ou seja, seleciona apenas o modo Conjuntivo ou o Indicativo, em função da semântica do verbo principal.

d) A Joana disse que cantar. (desejar)

A resposta correta é “desejava”, ocupando 40,48% no gráfico (cf. fig. 11, anexo I, p. 120), o que é relativamente baixo em relação aos anteriores. O verbo declarativo “disse” (predicador) seleciona o Indicativo, sendo, pois, devidamente usado o modo Indicativo na oração completiva. Como "desejar" é uma ação contínua, o tempo deve

ser aqui o Pretérito Imperfeito. Um dos casos de erro é “desejasse”, no modo Conjuntivo, ocupando 14,29% dos erros e decorrente de confusão em termos de escolha do modo verbal. Outro erro é “deseja”, um erro no tempo verbal representando 11,9%, e o terceiro caso é “desejar” (9,52%), sendo o erro o modo verbal Infinitivo. A escolha do tempo também aparece errada, como “desejou” e “tinha desejado”.

e) A professora pediu-nos para mais tarde. (sair)

“Sairmos” é a resposta correta, sendo a taxa de sucesso de apenas 35,71%, bastante baixa (cf. fig.12, anexo I, p.121). Há a mesma percentagem para quem escolheu (erradamente) o modo Infinitivo Impessoal (sair), o que implica uma confusão entre o Infinitivo Impessoal (sair) e o Pessoal (sairmos). Outro erro é *“saírmós”, possivelmente devido a um lapso ortográfico na conjugação plural da primeira pessoa no modo Infinitivo Pessoal. O terceiro erro é “saiu”, em que, além do modo e do tempo, também se marcou de forma errada a concordância entre sujeito (“nós”) e verbo, além de outras formas verbais erradas: "saírem, saíres...". Esses fenômenos mostram que a reflexão sobre o Infinitivo Pessoal é um ponto difícil para os respondentes.

f) _____ a árvores assusta-me. (subir)

A resposta correta é o Infinitivo “subir” e representa 54,76% (cf. fig.13, anexo I, p. 121). No caso dos erros *“sube” ou “suba”, temos 14,29%, ou seja, formas verbais que os inquiridos estão, talvez, a confundir com o Infinitivo. Outro caso é “subirem”, em que se verificou erradamente que o infinitivo sujeito deveria estar no modo Pessoal. Mas, uma vez que não há destaque do sujeito do verbo “subir”, não se justifica aqui o Infinitivo Pessoal.

g) Era possível que o Mário não à festa. (vir)

Como se vê nos resultados (cf. fig. 14, anexo I, p.121), “viesse” (que é o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo) é a resposta correta, com uma taxa de sucesso de 52,38%,

acima do esperado. Num dos casos de erro, é selecionado o modo Infinitivo, outro é “venha”, no Presente (errada) do Conjuntivo, com 7,14%. O tempo verbal da frase é passado, e também se usa por concordância, como vimos, o passado na oração subordinada. Em último, o erro “vim” é resultante da má conjugação do verbo, sendo de 4,76%.

h) Espero que a Maria não _____ na festa e explico-te porquê. (estar)

A resposta correta deste exercício é "esteja", e a taxa de exatidão é de 59,52%. (cf. fig.15, anexo I, p.122) Visto que o predicador na oração principal é “espero”, expressando o desejo, deve ser selecionado o modo Conjuntivo na oração completiva. Um caso como “está” é um erro causado pela seleção do modo Indicativo, e outro erro é “estar”, causado pela seleção do modo Infinitivo.

i) É melhor vocês _____ os casacos. (levar)

A resposta correta deste exercício é “levarem”, que é o Infinitivo Pessoal na terceira pessoa do plural, representando as respostas corretas 59,52%, resultado relativamente elevado. (Cf. fig.16, anexo I, p.122) Um dos erros mais evidentes é aquele em que o verbo está no Conjuntivo (“levem”), talvez por se considerar haver uma oração completiva na frase, mas não vendo que a mesma é não finita. Outros casos são “leve” e “leva”, possivelmente causados, além do Infinitivo errado, pela não verificação da concordância com o sujeito. Ainda noutros casos particulares aparecem diversas formas do modo Indicativo, ocupando ao todo 14,29%.

j) O hotel preparou tudo para os turistas _____ à vontade. (ficar)

A resposta correta deste exercício é “ficarem”, o Infinitivo Pessoal, sendo o sujeito “os turistas”, e a mesma representa 50,0% das respostas. (cf. fig.17, anexo I, p.122) Um dos erros aqui é “ficar”, sendo a razão novamente os inquiridos confundirem o Infinitivo Pessoal com Impessoal, o outro é “fique”, talvez por confusão com a forma simples da terceira pessoa do Conjuntivo (7,14%) e, por fim, o terceiro erro é “ficaram”, em que os inquiridos deram uma forma errada do verbo - ou

então acham que deve usar-se o Indicativo depois da conjunção subordinante final “para que” (7,14%).

Assim, pelas respostas às frases a) -j) acima, pode-se concluir temporariamente que a taxa média de sucesso é de aproximadamente 50,0%, o que representa, mesmo assim, um resultado decepcionante. As razões para os erros são duplas: (i) confundir o Infinitivo Pessoal e o Infinitivo Impessoal (questão e), com uma taxa de erro de 35,71%); (ii) confundir casos em que o verbo é conjugado ou está no Infinitivo (frases de a) a j). Pode-se verificar que a taxa média de erro desta categoria específica é de 14,55%.

3.1.2.4 - Resultados do exercício 4.

Pergunta 4.1.: “4.1. Traduza as frases seguintes para Chinês.

- a) *Ele vem a Lisboa para passear.*
- b) *É possível ele chegar a horas.*
- c) *Fico triste que não possas vir à festa.*
- d) *Eu acho que tu queres ir para a praia.”*

Este exercício de tradução visa examinar nos inquiridos a proficiência na compreensão e a sua capacidade de adaptação da estrutura da frase complexa de L2 para L1. Começamos pelas traduções de Português para Chinês (pergunta 4.1.).

- a) *Ele vem a Lisboa para passear.*

Esta frase pode ser traduzida por “他来里斯本(为了)游玩/观光/逛逛/散步”, e os resultados corretos atingem 80,95% (cf. tabela 9). Enquanto 9,52% dos inquiridos traduziram o sujeito para o plural da terceira pessoa, outros traduziram para uma forma do passado, mas também há casos em que a tradução está incompleta. Como o complementador desta oração que exprime o objetivo é em Português uma preposição

(“para”), e como o sujeito (“ele”) é o mesmo que o sujeito do verbo na oração principal, o verbo subordinado está, pois, no Infinitivo. Podemos observar que este tipo de frase com dois verbos partilhando o mesmo sujeito se assemelha, como foi sugerido, a uma construção identificada na gramática do Chinês como “frase com verbos em série” (连动句), como referido por Xia Ying (2014).¹¹⁹ Inversamente, este tipo de estrutura em série das frases chinesas pode ser expresso em Português através de recursos diversos como conjunções, infinitivos participípios, etc. (cf. o comentário sobre a frase (e) do exercício 1.1).

Respostas	Respondentes	Percentagem
他来里斯本(为了)游玩/观光/逛逛/散步。	34	80,95%
他们来里斯本游玩/散步。	4	9,52%
他来里斯本。	2	4,76%
他来里斯本散步了。	2	4,76%

Tabela 9 - Análise das respostas ao exercício 4.1. a)

b) É possível ele chegar a horas.

Trata-se de traduzir para “有可能他按时/准时到” ou “他按时到是可能的” e a taxa de respostas corretas obtidas é de 78,57%. Além de erros lexicais na tradução das próprias palavras, há casos como a tradução errada do sujeito e a do tempo, e a passagem a uma forma interrogativa, etc. (cf. tabela 10). Notamos aqui que, ao contrário da frase a), temos em Português uma frase em que a oração principal é constituída de um adjetivo que seleciona como argumento uma oração não finita, que tem a função de argumento externo (cf. parte1). Podemos aproximar este tipo de construção, inexistente em Chinês, das chamadas estruturas em “frase pivot”(兼语句)

¹¹⁹ “Em Chinês, um “predicado” é composto por dois ou mais verbos. Não há pausas nem palavras relacionadas no meio da frase verbal. Os dois verbos compartilham o mesmo sujeito. Essa frase é chamada de frase com verbos em série. (连动句)”. “Esta frase pertence ao Infinitivo dos verbos portugueses para expressar a frase com verbos em série do Chinês.” Xia, Ying, (2014) *Análise Comparativa de Estrutura Sintática entre Línguas Chinesa e Portuguesa*, Edição por Educação de Língua Estrangeira de Xangai. p. 7.

em Chinês, nos termos já referidos (cf. comentário da frase a) do exercício 1.1.)¹²⁰ Este tipo de estrutura sintática chinesa pode ser substituído em Português, como vimos, pelo Infinitivo, uma locução prepositiva, uma oração subordinada, etc.

Respostas	Respondentes	Porcentagem
有可能他按时/准时到。	33	78,57%
有可能准时到。	2	4,76%
她有可能到。	2	4,76%
他可以准时到达吗?	1	2,38%
他可能在一小时内到达。	1	2,38%
他有可能已经到了几个小时了。	1	2,38%
他按时到达是可以的。	1	2,38%
他几个小时到。	1	2,38%

Tabela 10 - Análise das respostas ao exercício 4.1. b)

c) Fico triste que não possas vir à festa.

Considera-se “你不能(参加)派对/聚会我(感到)伤心” como a resposta correta, com uma taxa de sucesso de 71.43% (tabela 11). Esta frase pertence presumivelmente também à categoria das “frases pivot” em Chinês, pois o sujeito da oração subordinada é diferente do sujeito da oração principal. Os respondentes precisam de prestar atenção ao sujeito do verbo "possas", que não é correferente do sujeito principal, para chegar a essa conclusão. Há vários casos particulares em que se traduziu erradamente o sujeito (23.81%), sendo que se pode ignorar a tradução do sujeito do verbo "possas", ou então desconhecer a conjugação do verbo, levando assim ao erro. Existem também casos irrelevantes em que simplesmente se traduziu mal uma palavra em particular (11,90%).

¹²⁰ Sobre frases pivot, cf. Xia Ying, (2014).

Respostas	Respondentes	Percentagem
你不能(参加)派对/聚会我(感到)伤心。	30	71,43%
太累了不能去派对。	3	7,14%
你们不能去度假我感觉很难过。	2	4,76%
你不能参加聚会我感到很伤心。	1	2,38%
你不能参加聚会让我有点难过。	1	2,38%
很伤心无法参加派对。	1	2,38%
我很伤心我不能去聚会。	1	2,38%
我不去派对是因为累。	1	2,38%
Outras	2	4,76%

Tabela 11 - Análise das respostas ao exercício 4.1. c)

d) Eu acho que tu queres ir para a praia.

A resposta é “我感觉/认为/觉得/想你想去沙滩”, com 92,86% de sucesso (tabela 12), o que é o resultado mais elevado. Como nos demais casos, há algum desvio lexical na tradução para Chinês, por exemplo, "eu acho" traduzido por "eu espero". Em termos gerais, contudo, o número de respostas corretas é muito elevado, sendo a razão possivelmente que a frase é mais simples e fácil de entender, pois corresponde globalmente a um tipo simples de frase pivot (兼语句) em Chinês.

Respostas	Respondentes	Percentagem
我感觉/认为/觉得/想你想去沙滩。	39	92,86%
我希望你去沙滩。	1	2,38%
Outras	2	4,76%

Tabela 12 - Análise das respostas ao exercício 4.1. d)

Nas questões 4.1, a) -d) acima, as palavras utilizadas nestas traduções solicitadas

são bastante usuais e o seu nível de compreensão relativamente elementar. Deste modo, a percentagem de respostas certas é um pouco mais alta em relação à média dos resultados da tradução de Português para Chinês em geral, sendo a sua média de correção de 80,95%. Em b), e sobretudo c), a taxa de sucesso é, contudo, bastante inferior. A razão principal é que a tradução de algumas palavras destas frases é provavelmente mais exigente, por exemplo, *triste*, *a horas*, *possível*, e nota-se também um pequeno número de erros relativos à tradução do sujeito (é mais óbvio na questão c). A flexão dos verbos em Português pode exprimir diretamente o sujeito, mesmo sem sujeito expreso, o que em certas circunstâncias precisa ser traduzido explicitamente para o Chinês, como, por exemplo, o sujeito “tu” do verbo "possas". Como as quatro frases são relativamente simples e não implicam ter de pensar o problema de conjugar os verbos em Chinês, não há aqui no entanto muitos desafios morfológicos para os respondentes.

Podemos também acrescentar que a taxa de sucesso elevada destas traduções para L1 se deve provavelmente a um fenómeno de sobre-diferenciação, na medida em que, como foi anteriormente demonstrado, não é necessário postular, na língua chinesa, a existência de formas verbais conjugadas, logo de uma morfologia flexional, assim como é supérfluo procurar mecanismos de seleção do modo verbal em orações completivas formalmente identificadas como tal. A simplificação proporcionada pela tradução sobre-diferenciada, nos termos de Weinreich (1953), da L2 para L1 parece-nos de natureza a justificar, ou pelo menos explicar, os resultados obtidos nesta parte do inquérito. Vejamos agora os resultados do processo de tradução de L1 para L2.

Pergunta 4.2. Traduza as frases seguintes para Português. (Usa o modo Conjuntivo ou modo Infinitivo.)

- a) 你们最好早点儿到。
- b) 我不认为他住在里斯本。

Visto que consiste em passar de L1 para L2, este exercício pretende examinar a aquisição das orações completivas de L2 pelos alunos chineses. Tendo em conta o grau de dificuldade do exercício (por exemplo, a oração principal da frase (a) deve ser traduzida por uma frase constituída de um adjetivo sem sujeito que seleciona uma oração não finita argumento externo por meio de “que” - cf. parte1), pensou-se em sugerir na pergunta, como estratégia de tradução, os modos verbais típicos deste tipo de oração, excluindo o modo Indicativo dessa sugestão. De seguida, vamos ver os dados recolhidos.

d 你们最好早点儿到

Podemos observar na Tabela 13, abaixo, que há muitas tentativas de respostas traduzidas. Considera-se correta a tradução “É melhor vocês chegarem (mais) cedo” ou “É melhor que vocês cheguem (mais) cedo”. A taxa de sucesso desta tradução para Português atinge apenas os 40,48%. Para além da forma correta esperada, as respostas a este exercício também incluem vários tipos de respostas erras. Na tabela 13, pode ver-se todas as respostas obtidas, o seu número e as respetivas percentagens. Assim, a diferença nas respostas inclui erros de conjugação de verbos e erros de estrutura de frases, nomeadamente hesitação entre a seleção do Conjuntivo e do Infinitivo com ou sem conjunção (*“é melhor vocês cheguem”, *“(é melhor que cheguem”)), etc. A causa de tantos erros reside presumivelmente na confusão entre as completivas finitas e as não finitas e na incapacidade dos tradutores em traduzirem lexical e sintaticamente os complementadores de subordinação. Perante o leque de erros na tabela 13, conclui-se que a maioria dos inquiridos não tem a mínima ideia sobre como traduzir este tipo de marca sobre-diferenciada para a L2, e apostou mais em formas aproximativas, eventualmente erradas.

Respostas	Respo ndent es	Percentag em	Respostas	Respo ndent es	Percenta gem
É melhor (vocês) chegarem (mais) cedo.	11	26,19%	É melhor que cheguem (mais) cedo.	6	14,29%

É melhor vocês cheguem mais cedo.	1	2,38%	É melhor vocês chegar (mais) cedo.	2	4,76%
É melhor que vocês chegue mais cedo.	2	4,76%	vocês chegaram cedo	1	2,38%
É melhor que chegarem cedo.	5	11,90%	É melhor que vocês chegam mais cedo.	1	2,38%
Será melhora vocês cheguem antecipadamente.	1	2,38%	É melhor chegar (mais) cedo.	4	9,52%
tu chegar cedo	1	2,38%	É melhor que você chegar a hora.	1	2,38%
É bom que vocês cheguem mais cedo.	1	2,38%	É boa/melhor vocês chegaram cedo.	2	4,76%
Outras	4	9.52%	Convém chegarem mais cedo.	1	2,38%

Tabela 13 - Análise das respostas ao exercício 4.2. a)

b) 我不认为他住在里斯本

Esta frase deve ser traduzido por “(Eu) não acho que ele more/viva em Lisboa”, e a taxa de boas respostas é de 45,24%. A frase ilustra outra dificuldade habitual, que se relaciona com a semântica dos verbos epistémicos, como “pensar, acreditar, crer, etc.”. Como vimos na parte 1 desta dissertação, a escolha do modo da completiva destes verbos fica condicionada à presença de negação frásica na oração subordinante, que determina a seleção do modo Conjuntivo na completiva. Como vimos, é o caso das completivas não preposicionais selecionadas por verbos declarativos e epistémicos. Note-se também que, como foi explicado na análise contrastiva apresentada no capítulo 2, a existência de orações completivas é registada em Chinês, sendo que a principal diferença diz respeito às suas marcas: não existem complementadores completivos nem seleção de modo verbal em Chinês.

A tabela 14, a seguir, mostra que, além da resposta correta e das suas variantes (o

total de sucesso ronda os 50%), existem alguns tipos de respostas erradas diferentes, entre as quais erros de seleção do modo, erros de concordância, etc., e também erros de tradução não relacionados (“estar” por “morar”, etc.). Entre eles, os erros de seleção do modo ocupam o essencial. Além disso, 23.81% dos inquiridos fez confusão entre os modos Indicativo e Conjuntivo, e 9,52% optou (erradamente) pelo uso da oração completiva não finita e do complementador “que”. Ou seja, de novo, este exercício de tradução proporciona resultados decepcionantes, que vêm mostrar que, na realidade, não existe uma estratégia clara seguida pelos inquiridos quando se trata de traduzir para Português o argumento interno frásico de um verbo epistémico na forma negativa, e que os resultados procedem mais de escolhas aleatórias do que da aplicação consciente de conhecimentos adquiridos.

Respostas	Respondentes	Porcentagem
Não acho que ele more/viva em Lisboa.	19	45,24%
Não acho que ele mora/ vive em Lisboa.	10	23,81%
Não acho que ele morar/ viver em Lisboa.	4	9,52%
Não acho/penso que ele está em Lisboa.	3	7,14%
Não acho que ele more no Lisboa.	1	2,38%
Não acho que ele está em Lisboa.	1	2,38%
Não acho que esteja em Lisboa.	1	2,38%
Outras	3	7,14%

Tabela 14 - Análise das respostas ao exercício 4.2. b)

A partir dos resultados da quarta questão do inquérito, podemos formular as seguintes conclusões provisórias:

(i) A taxa média de respostas corretas ao exercício 4.2. (a e b) é apenas de 42,86%, ou seja, a tradução para L2 representa, como seria de esperar, um exercício de notável dificuldade;

(ii) Ao observar os casos de erro de tradução para Português, no exercício 4.2., vemos que a maioria das fontes de erro estão na morfossintaxe do verbo (ou seja, o processo de seleção do modo verbal, do tempo verbal, a identificação do sujeito e, de forma geral, a conjugação correta do verbo);

(iii) Comparando o exercício 4.1 com o exercício 4.2., a taxa média de sucesso do item 4.1 é muito maior (80,95%) do que a taxa de 4.2 (42,86%), ou seja, a tradução destas frases de L2 para L1 é muito mais fácil do que de L1 para L2. Esta assimetria revela, pelo menos, que os aprendentes não interiorizaram os conceitos de seleção de modo verbal e de oração completiva associados a L2, e que a tradução é facilitada apenas quando o sentido da mesma é para L1, que pressupõe sobre-diferenciação. Percebe-se que, para respondentes chineses em geral, a tradução no sentido Português-Chinês de orações completivas é bem mais fácil do que a tradução no sentido Chinês-Português, mesmo tendo em conta os eventuais obstáculos lexicais oferecidos por L2. Como não podia deixar de ser, as traduções para a língua nativa representam uma taxa de sucesso bem superior, mas, não sendo, no entanto, a mesma de 100%, o exercício revela, apesar de tudo, que parte da interpretação da frase de partida de L2 não terá sido bem adquirida pelos inquiridos.

3.2 – Confirmação de hipóteses, problemas não resolvidos e recomendações.

Nesta parte de síntese, vamos tentar tirar algumas conclusões acerca da interpretação a dar aos resultados do inquérito expostos no ponto anterior.

De acordo com os dados coletados, no 1º exercício da parte 2, a taxa média de erro foi mais elevada do que seria de esperar (57,43%). Na explicação deste resultado inclui-se, sobretudo, o entendimento errado sobre a estrutura de frases com orações completivas e, em parte, o não entendimento do conceito de oração completiva. A falta de visão clara da estrutura da oração causará depois problemas ao escolher o modo verbal, por exemplo, assim como ao conjugar o verbo da oração subordinada,

determinar o sujeito do verbo na oração completiva, verificar se os sujeitos são coreferentes, etc. A maioria dos inquiridos acha aliás que este tópico é difícil (54,76%), ou um pouco difícil (16,67%). Isso mostra que a maneira de classificar gramaticalmente as orações subordinadas é um problema de aquisição mais exigente para os alunos chineses de PLE, cuja gramática nativa não dispõe do aparato descritivo relacionado com o conceito de oração subordinada ou oração completiva.

No 2º exercício, a taxa de erro na escolha do tempo e modo verbais representa respetivamente 41,90% e 18,33%, em média. A maioria dos inquiridores acha aliás que este tópico é fácil (57,14%) ou muito fácil (9,52%). Assim, em comparação com o 1º exercício, podemos concluir que o domínio da sintaxe da oração completiva é considerado mais difícil do que o domínio dos modos e tempos verbais na oração completiva, o que não deixa de ser paradoxal, tendo em conta que na gramática de L1 não existem quaisquer mecanismos morfológicos correspondentes, e que, portanto, a morfologia deveria ser fonte de interferência evidente. Para ajudar os alunos chineses a resolver o problema da seleção do modo verbal numa oração completiva, a primeira etapa deveria ser, pois, resolver o problema da aquisição do conceito de oração completiva e apenas em segundo lugar entender a diferença entre modos (e tempos) verbais. Fica assim confirmada uma das hipóteses iniciais, inspirada na teoria CAH e em Brown (1980), segundo a qual a principal barreira à aquisição de uma L2 é a interferência do sistema linguístico da L1, e, ainda, que a aprendizagem da L2 consiste basicamente em superar as diferenças entre os dois sistemas linguísticos. Com base em Selinker, podemos acrescentar que essa aprendizagem passa pela edificação progressiva de uma interlíngua L1/L2, em que os desvios produzidos, por exemplo a nível da sintaxe das orações completivas, ou da seleção do modo verbal, são pouco a pouco corrigidos, à medida que a interlíngua se aproxima de L2.

No 3º exercício, teve-se como objetivo verificar a conjugação correta dos verbos, em especial nos tempos e modos implicados na oração completiva, de forma a confirmar que a morfologia verbal não parece representar o obstáculo principal dos

desvios constatados. A taxa média de erro representa 50,0% dos erros de seleção do modo e o tempo dos verbos, e, por seu lado, os erros de conjugação propriamente ditos, causado por outras razões. Estes resultados são menos difíceis de interpretar, pois os mesmos resultam claramente de processos de interferência entre L1 e L2 (pois os verbos não flexionam em L1), mas, sobretudo, ilustram a ideia desenvolvida por Brown (1980), segundo o qual a interferência entre L1 e L2 é mais elevada quando existem semelhanças entre os itens a adquirir em L2 e itens já conhecidos de L1. Contudo, crucialmente, é menos pronunciada no caso de itens de aprendizagem inteiramente novos para o aprendente. Assim, podemos afirmar que a maioria dos erros de conjugação cometidos em PLE/L2 pelos aprendentes chineses, como aqueles aqui referidos, são erros "intralinguísticos", ou seja, desvios impostos diretamente por L2, que são objeto de aprendizagem e correção progressiva na interlíngua do aprendente e não resultam de perturbação imposta pela língua materna – ou então resultam indiretamente do facto de não haver morfologia verbal na língua materna. Pelo contrário, os desvios oriundos da sintaxe das orações completivas, nomeadamente erros de seleção de modo e erros de seleção do complementador, não aparecem como desvios internos, mas são verdadeiras marcas de interferência entre L1 e L2, cuja dificuldade deve ser avaliada pelo facto de se tratarem de casos de sobre-diferenciação interlinguística, em que a L2 aparece provida de marcas explícitas, ao contrário de L1.

No 4º exercício, no tópico (4.1), onde se solicita a tradução do Português para Chinês, a taxa média de erro ocupa apenas 19,05%, sendo, pois, bastante baixa. Pelo contrário, no tópico (4.2), em que se solicita a tradução do Chinês para Português, a taxa de erro (nos tópicos a) e b)) representa 69,05% e 54,76%, respetivamente, sendo a taxa média de erro de quase 62%. Inclui-se nesta taxa, como foi explicado, os erros de conjugação (o processo de conjugar o modo e o tempo verbal corretamente), assim como os erros sobre a estrutura da frase e a tradução do sujeito, entre os outros, erros que implicam por parte do aprendente uma competência elevada.

Comparando os dois tópicos, pode-se observar desde logo que a taxa de correção da tradução para L2 é bastante mais baixa do que a tradução para L1, o que é obviamente expectável. É claro que a explicação para esta assimetria é a inexistência dos conceitos de modo, tempo, conjugação e complementação completivo na gramática chinesa. Por isso, é bem mais acessível o exercício de tradução para Chinês, língua sobre-diferenciada neste contexto em relação ao Português, e, inversamente, (muito) mais exigente a tradução para Português, língua cuja gramática vai exigir o domínio de conceitos abstratos como o de oração completiva, para além da própria existência de um complexo sistema flexional, e originar, em consequência, um complexo padrão de interferências, concretizadas em frequentes desvios na interlíngua do aprendente.

Percebe-se que, além da aquisição do modo, tempo e conjugação dos verbos, que representa uma fase de aprendizagem nova mas acessível, pois não submetida a interferência direta de L1, valerá sobretudo a pena dar ênfase à aquisição da sintaxe das orações completivas, pois a mesma induz problemas metodológicos e conceptuais complexos que são incontornáveis na aprendizagem da sintaxe do Português por parte dos estudantes chineses. Existem também, como seria de esperar, eventuais confusões e esquecimentos de forma gradual à medida que esses conhecimentos são incluídos na interlíngua, sendo necessário superar esses obstáculos com estratégias adequadas a nível didático.

Conclusão

O tema desta dissertação, relativo à seleção do modo verbal nas orações completivas, serviu como um estudo de caso para ilustrar as dificuldades de aquisição de uma L2 como o PLE por parte de um público dotado de uma língua nativa morfológica e sintaticamente tão distante. Que conclusões podem ser agora apresentadas?

Em primeiro lugar, espera-se aqui ter conseguido explicar gradualmente o vasto conteúdo teórico referente à sintaxe das orações completivas do Português, exposto na parte 1 desta dissertação, incluindo o conceito, a categoria e as características das orações completivas e dos modos verbais. Em segundo lugar, espera-se ter efetuado um estudo comparativo e contrastivo pertinente entre as línguas chinesa e portuguesa, incluindo a análise dos modelos linguísticos envolvidos, como a noção de interlíngua e a questão da interferência linguística. Procedeu-se, depois, à elaboração e posterior recolha de um inquérito, e apresentou-se e análise dos resultados desse inquérito, tendo identificado tendências e verificado hipóteses. Por fim, espera-se também ter realizado um inquérito útil acerca da aquisição do PLE por alunos chineses, e ter identificado os seus problemas específicos, sendo os mesmos resumidos nas seguintes observações (ordenadas por grau de importância):

1. A maioria dos aprendentes chineses não tem um conhecimento teórico e operativo suficiente sobre orações completivas em PLE/L2, área em que o peso da interferência sintática de L1 é elevado. Em Português, existem orações subordinadas formalmente delimitadas, nomeadamente, orações completivas, mas não em Chinês, língua em que podemos, de forma paralela, evocar os conceitos de frase pivot, verbos

em série, etc., que podem, embora de forma afastada, ser relacionados com a sintaxe de algumas orações completivas em Português.

2. A maioria dos erros de conjugação (mas não de seleção) dos modos e tempos verbais em orações completivas em L2 são de facto erros "intralinguísticos", presumivelmente de fácil resolução se baseados numa memorização eficaz dos paradigmas.

3. Na maioria dos casos, sobretudo nos níveis em que o aprendente não está ainda equipado de conhecimentos suficientes sobre a morfossintaxe do Português, a seleção do modo verbal é a questão mais exigente na interlíngua das orações completivas. A mesma resulta de pesados processos de interferência que imperam sobre L2, língua nitidamente sobre-diferenciada em relação a L1.

De acordo com o grau de erro dos vários problemas aqui identificados, também se pode deixar a seguir algumas orientações para melhorar o ensino destes desvios específicos. Pode-se dar importância a vários aspetos que permitam aos aprendentes chineses memorizarem esses conhecimentos e aplicá-los, tais como:

(i) Descrever precisamente a gramática das orações completivas, as suas características sintáticas, os seus tipos formais e os parâmetros semânticos dos seus predicadores subordinantes;

(ii) Privilegiar a descrição dos mecanismos de seleção modal, em particular as regras características de seleção dos modos das orações completivas: Indicativo, Conjuntivo e Infinitivo, em função dos parâmetros anteriores;

(iii) Adquirir e fixar as regras de conjugação dos verbos.

Espera-se que os resultados deste estudo possam, em certa medida, servir de alerta para o ensino deste tema de Português para os alunos chineses, pois, como

mostrou o inquérito, muitos erros são cometidos. Na verdade, para os chineses, a maior parte destes conteúdos de Português geralmente começa com a aprendizagem da morfologia (os modos e tempos verbais em si), sem privilegiar o uso dos modos e tempos no contexto da frase ou das orações. Assim, do ponto de vista da aquisição da sintaxe das frases (simples e complexas), o modo de ensino/aprendizagem deste tópico poderia ser reconsiderado e reapreciado em contexto morfossintático, não separando o ensino da morfologia dos modos e tempos do ensino da sintaxe dos mesmos, ou seja, privilegiando, em paralelo à memorização das formas, a descrição pormenorizada dos mecanismos de seleção operatória dessas formas, nomeadamente no âmbito da seleção do modo em completivas.

Por fim, na a presente dissertação, existem alguns pontos menos desenvolvidos. Assim, não se procedeu a uma análise exaustiva do uso dos tempos de cada um dos modos verbais e da concordância geral entre tempos da oração principal e da oração subordinada, o que podemos, provavelmente, considerar como uma limitação dos dados aqui analisados. Outra eventual limitação consiste no facto de estar em falta, neste trabalho, o cruzamento sistemático os dados obtidos na parte 2 do inquérito com os dados individuais extraídos da parte 1, em especial verificar se o tipo de desvio detetado desaparece à medida que o tempo de aprendizagem é mais extenso. Esse cruzamento poderia de facto permitir verificar a previsão, adiantada pela teoria da interferência, de que, em níveis mais elevados, determinados desvios acabam por ficar resolvidos. Não foi aqui possível aprofundar esse cruzamento de dados, por falta de oportunidade, mas o mesmo poderá de futuro ser realizado em investigação complementar.

Bibliografia

- Bechara, E. (2001). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro. Editora Lucerna. 37.^a edição, revista e ampliada.
- Brown, H. Douglas. (1980). *Principles of Language Learning and Teaching*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Regents. Tradução nossa.
- Casteleiro, J. M. (Coord). (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Coimbra, O. et al. (2000). *Gramática Activa 2*. Lisboa. Lidel Edições Técnicas. 2.^a edição revista e atualizada.
- Cunha, C. e Cintra L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa. Edições Sá da Costa. 7.^a edição 2016.
- Duarte, I. "Subordinação completiva – as orações completivas" in: Mateus, M. et al (2004). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editorial Caminho. 6.^a edição, p.593.
- Fisiak, J.. (1981). *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. New York: Pergamon.
- Fonseca, Fernanda Irene. (1970). *Para o Estudo dos Valores do Conjuntivo em Português Moderno*, Universidade de Coimbra.
- Fries, C. (1945). *Teaching and Learning English as a Foreign Language*. Ann Arbor, Mich.: The University of Michigan Press.
- Giner, L. B.. (2016). *O uso de Infinitivo Flexionado por alunos hispanofantes de português língua estrangeira de nível B1. Um estudo de caso*. Universidade do Porto.
- James, C. (1980). *Contrastive Analysis*. London: Longmont.
- Kellerman. (1987). *Aspects of transferability in second language acquisition*, dissertation, University of Nijmegen.
- Lado, R. (1957). *Linguistics across cultures. Applied linguistics for language teachers*. University of Michigan Press
- Magro, M. C. (2016), *Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo*. Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, Ensaios de Linguística.
- Mai, R., Morais, C. & Pereira. U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Aveiro: UA Editora.
- Marques, R.. (2016). *O Modo Conjuntivo*. Editado por Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho.
- Martinho, F. (2020). *Linguística Contrastiva. Teorias e Aplicações. Guião da unidade curricular*, Universidade de Aveiro.
- Mendes, M. (1996). *Para uma Sintaxe do Conjuntivo em Português*. Lisboa. Universidade de Lisboa.

Mira Mateus (M.H.) et al., (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada, Lisboa, ed. Caminho.

Oliveira, (F.). "Modalidade e modo" in: Mateus, M. et al (2004). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editorial Caminho. 6.ª edição, p.243

Oliveira (F.). (2008). *Sobre os tempos do conjuntivo*, O Fascínio da Linguagem, actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca, Porto, éd. Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 109 -118.

Paiva Raposo (E.) et al., (2013), *Gramática do Português*, vol. I & II, Lisboa, ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

Santos, A.L. (2017). "Alguns aspetos da aquisição de orações subordinadas completivas". in Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, p. 249-273. Berlim: Lauhuage Science Press.

Santos, M. (2003). *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa (uma proposta de análise semântico pragmática)*. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Selinker, L. (1972). Interlanguage, IRAL; *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10:3. (Reedição de Selinker, L. 1969: "Language transfer", *General Linguistics* 9, 67 - 92.

Shei, C. (2014), *Understanding the Chinese Language. A comprehensive linguistic introduction*, London, Routledge

Silva, M. Helena (1999). *O Conjuntivo em Contextos Formais de aprendizagem do Português como Língua Seguinta*. Lisboa. Universidade de Lisboa.

Sutre E.M. (2012). *O Modo Conjuntivo em Português e em Castelhana: uma análise contrastiva*. Universidade da Beira Interior.

Towell, R, & Hawkins, R. (1994). *Approaches to Second Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

Waltraud, P. (2015), "Where "Complex" Sentences Are Not Complex And "Subordinate" Clauses Not Subordinate: The Case Of Mandarin Chinese", in: Sandra Pereira, Clara Pinto, Fernanda Pratas (eds.). *Coordination and Subordination: how they look and what they mean*. Selected papers from CSI Lisbon 2014. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing

Wardhaugh, R. (1970). *The contrastive analysis hypothesis*. TESOL Quarterly 4.2: 123 - 130.

Weinreich, U. (1953). *Languages in Contact*. The Hague: Mouton.

Xia Ying, (2014), *Análise Comparativa de Estrutura Sintáctica entre Línguas Chinesa e Portuguesa*, Edições Educação de Língua Estrangeira de Xangai.

Xiang Yu, (2011), *Tradução Português-Chinês Teoria e Prática*. Beijing. Editado por Ensino e Esquissa de línguas estrangeiras.

Webgrafia

<https://dicionario.priberam.org/bilinguismo> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

(última consulta: 04-08-2021)

Anexos

Anexo I

Dados estatísticos dos resultados do inquérito

Figura 1. Perfil do género dos inquiridos.

Sexo dos inquiridos

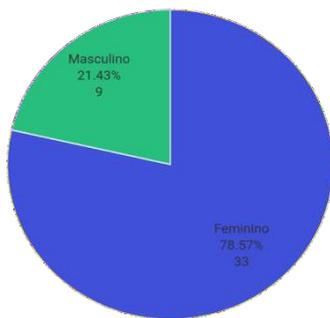


Figura 2. Perfil da escolaridade dos inquiridos.

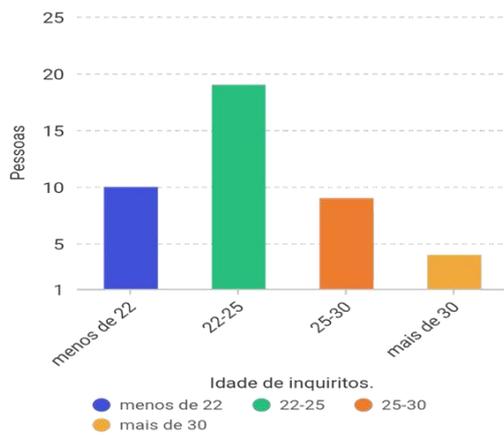


Figura 3. Distribuições do tempo de aprendizagem de Português.

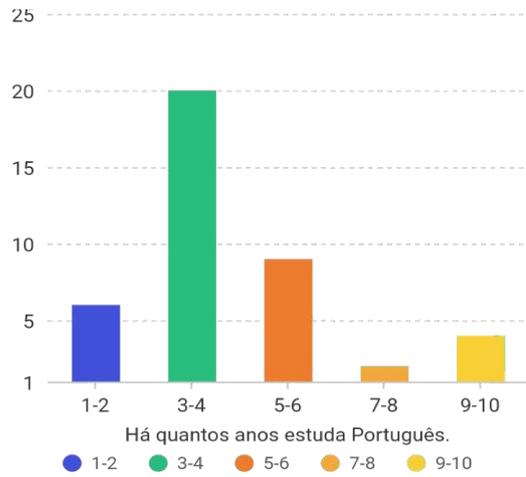


Figura 4. Perfil da formação linguística dos inquiridos.

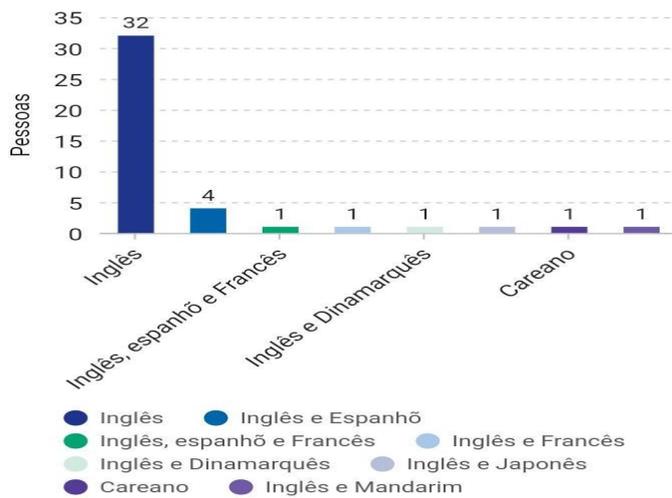


Figura 5. Projeção do grau de dificuldade do exercício 1.1.

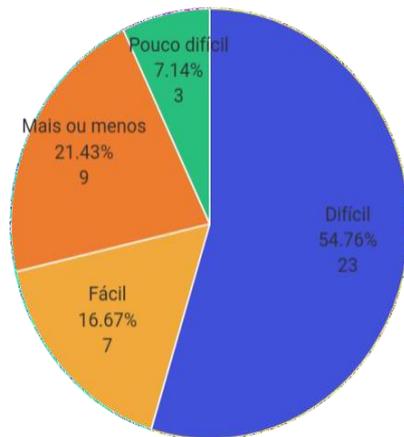


Figura 6. Resultados das respostas ao exercício 2.1.

A resposta correcta à pergunta a)- j)

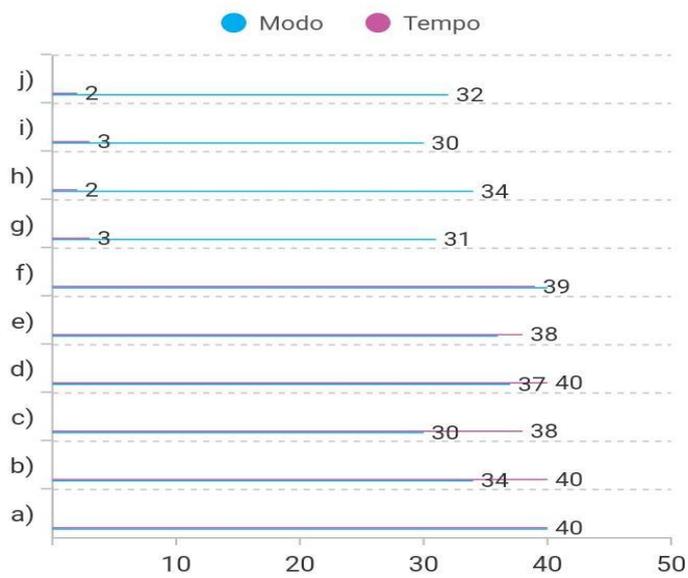


Figura 7. Perfil do grau de dificuldade do exercício 2.1.

O grau de dificuldade deste exercício.

● Difícil ● Muito difícil ● Fácil ● Muito fácil

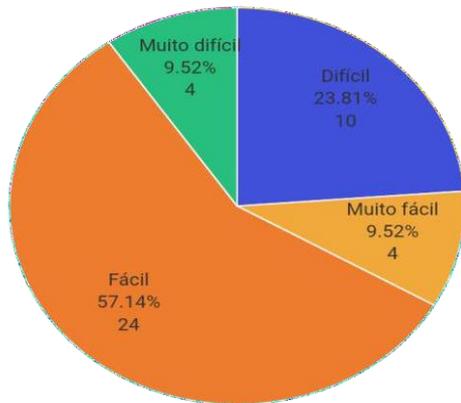


Figura 8. Resultados das respostas ao exercício 3.1. a)

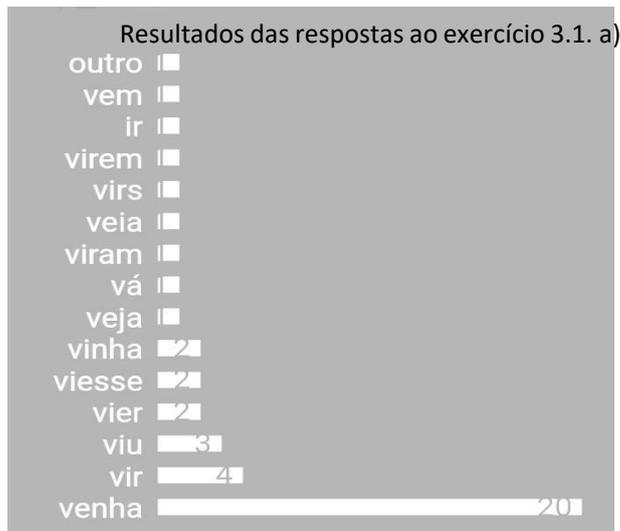


Figura 9. Resultados das respostas ao exercício 3.1. b)

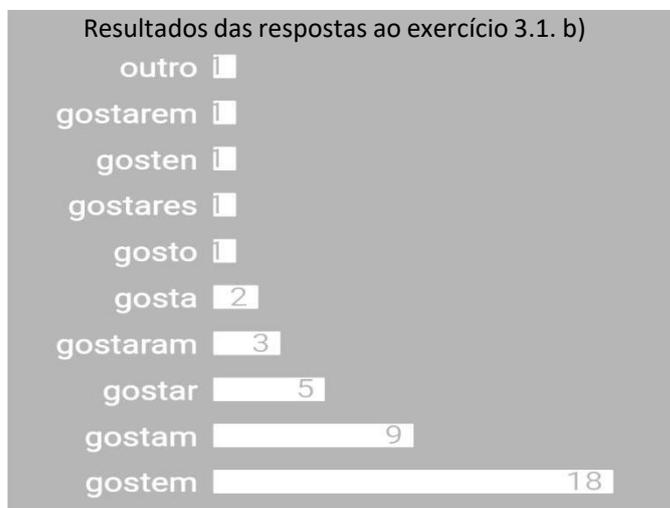


Figura 10. Resultados das respostas ao exercício 3.1. c)

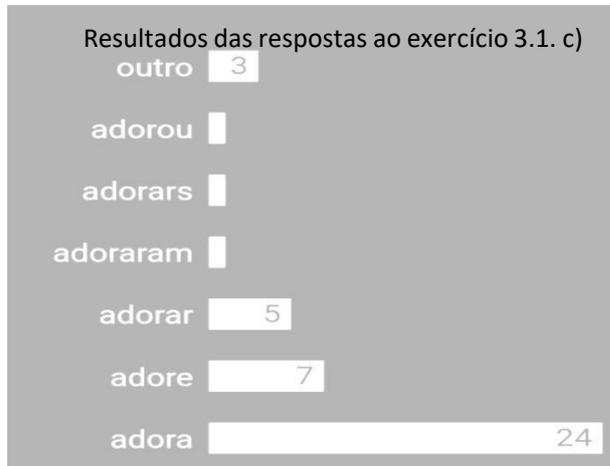


Figura 11. Resultados das respostas ao exercício 3.1. d)

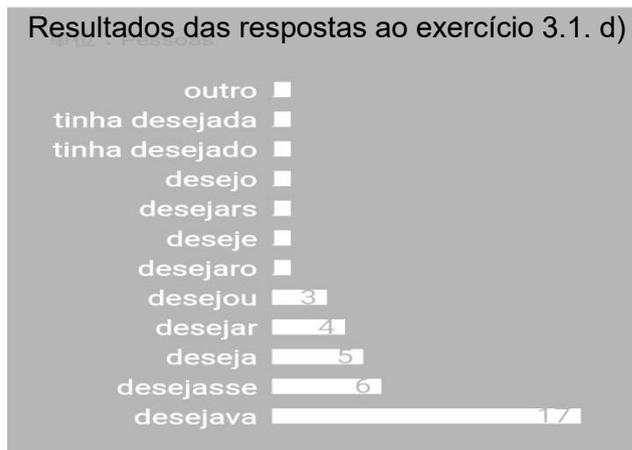


Figura 12. Resultados das respostas ao exercício 3.1. e)

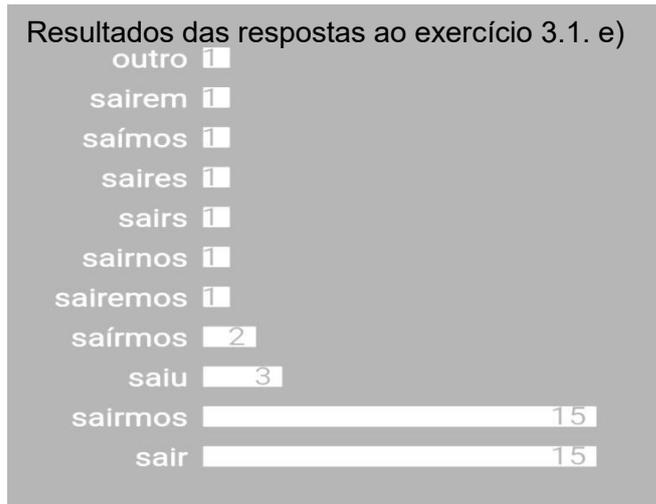


Figura 13. Resultados das respostas ao exercício 3.1. f)

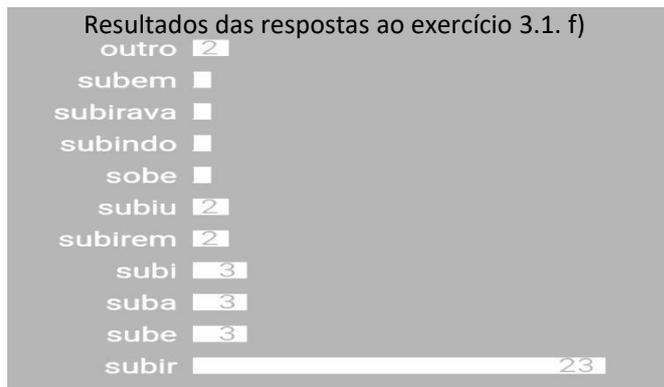


Figura 14. Resultados das respostas ao exercício 3.1. g)

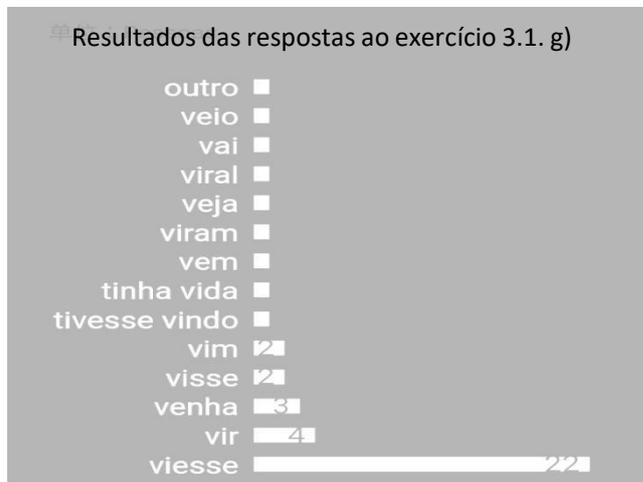


Figura 15. Resultados das respostas ao exercício 3.1. h)

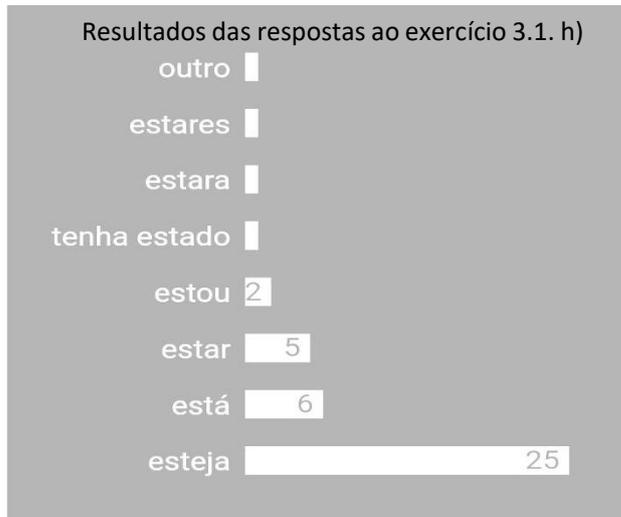


Figura 16. Resultados das respostas ao exercício 3.1. i)

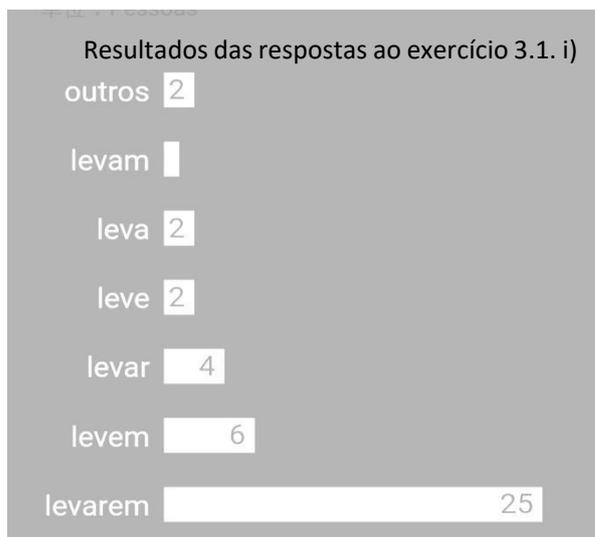
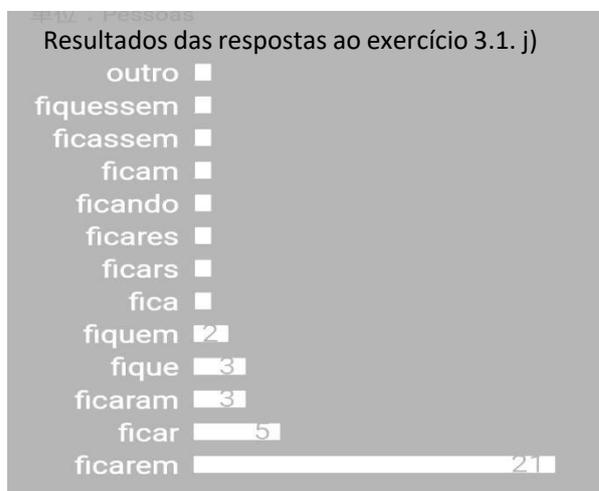


Figura 17. Resultados das respostas ao exercício 3.1. j)



Anexo II

<https://www.wjx.cn/vm/ec5n2FF.aspx>

QUESTIONÁRIO

Primeira parte: dados pessoais: (个人信息)

1.1. Nacionalidade (国籍): _____

1.2. Sexo (性别): _____

1.3. Idade (年龄): _____

1.4. Há quantos anos estudas Português? (您学习葡萄牙语多少年了?)

1.5. Que outras línguas falas (além da língua materna e do Português)? ((除了母语和葡萄牙语以外)您还会讲哪种语言?):

Segunda parte: exercícios (练习)

EXERCÍCIO 1

1.1. Nas frases seguintes(a - e), decide se existe alguma oração completiva (sim/não). Em caso afirmativo, identifica a oração completiva (transcreve-a).

a) : A rapariga acha que a festa é muitotarde.

<input type="radio"/> Sim (a oração completiva é:) _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

b) : A surpresa que ele me fez foilinda.

<input type="radio"/> Sim (a oração completiva é:) _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

c) : Eu estava a conversar com os colegas quando me telefonaste.

<input type="radio"/> Sim (a oração completiva é:) _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

d) : Ele acordou e olhou para o relógio.

<input type="radio"/> Sim (a oração completiva é:) _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

e) : A minha mãe pediu-me para comprar pão.

<input type="radio"/> Sim (a oração completiva é:) _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

1.2. Achas que o exercício foi difícil? Explica porquê? (您认为这个习题的难吗, 原因是?)

EXERCÍCIO 2

2.1. - As frases seguintes(a - j) contém uma oração completiva que está sublinhada. Decide qual é o Modo e o Tempo do verbo dessa oração completiva. (Escolhas possíveis: Tempo: Presente/ Pretérito/ Futuro; Modo: Indicativo/ Conjuntivo/ Infinitivo.) (下面的句子(a~j)中的画线部分是复合句。判断下列复合句中的动词的式以及动词的时态。)(可能的选择: 时态: 现在时/ 过去时/ 将来时; 式: 陈述式/ 虚拟式/ 不定式。)

a) Penso que esta ideia é boa.

Tempo: _____ Modo: _____

b) Duvidamos que eles aceitem o nosso convite.

Tempo: _____ Modo: _____

c) Creio que o aluno conseguirá passar no exame.

Tempo: _____ Modo: _____

d) Espero que tu não te importes de guiar de noite.

Tempo: _____ Modo: _____

e) É claro que esta notícia é muito importante.

Tempo: _____ Modo: _____

f) Não pensava que ela tivesse razão.

Tempo: _____ Modo: _____

g) É preferível vocês pagarem com dinheiro.

Tempo: _____ Modo: _____

h) Estou feliz em ires a Portugal em Agosto.

Tempo: _____ Modo: _____

i) É melhor tu leres as instruções.

Tempo: _____ Modo: _____

j) Ele costuma acordar muito cedo.

Tempo: _____ Modo: _____

2.2. Achas que o exercício dois foi _____? (您认为第二道练习题____?)

<input type="radio"/> Muito fácil (非常简单)	<input type="radio"/> Difícil (困难)
<input type="radio"/> Fácil (简单)	<input type="radio"/> Muito difícil (非常困难)

EXERCÍCIO 3

3.1. Completa as frases com a forma correta do verbo dado entre parênteses. (用括号里所给的动词的正确形式填空)

a) É possível que o João não _____ à festa. (vir)

b) Ele não acredita que as crianças _____ do filme. (gostar)

c) É uma certeza que o homem _____ música chilena. (adorar)

d) A Joana disse que _____ cantar. (desejar)

e) A professora pediu-nos para _____ mais tarde. (sair)

- f) _____ a árvores assusta-me. (subir)
- g) Era possível que o Mário não _____ à festa. (vir)
- h) Espero que a Maria não _____ na festa e explico-te porquê. (estar)
- i) É melhor vocês _____ os casacos. (levar)
- j) O hotel preparou tudo para os turistas _____ à vontade. (ficar)

EXERCÍCIO 4

4.1. Traduza as frases seguintes para Chinês. (把下列句子译成中文。)

- a) Ele vem a Lisboa para passear.

- b) É possível ele chegar a horas.

- c) Fico triste que não possas vir à festa.

- d) Eu acho que tu queres ir para a praia.

4.2. Traduza as frases seguintes para Português. (Usar o modo Conjuntivo ou modo Infinitivo)
(把下列句子译成葡萄牙语。(使用虚拟式或不定式))

- a) 你们最好早点儿到。

- b) 我不认为他住在里斯本。

Anexo III

Correção

Exercícios:

1.1.

a) Sim. A parte de oração completiva é: Que a festa é muito tarde.

b) Não.

c) Não.

d) Não.

e) Sim. A parte de oração completiva é: Para comprar pão.

2.1.

a) Presente; Indicativo b) Presente; Conjuntivo c) Futuro; Indicativo d) Presente; Conjuntivo
e) Presente; Indicativo f) Pretérito; Conjuntivo g) Não tem tempo; Infinitivo
h) Não tem tempo; Infinitivo i) Não tem tempo; Infinitivo j) Não tem tempo; Infinitivo

3.1.

a) venha b) gostem c) adora d) desejava e) sairmos f) subir g) viesse
h) esteja i) levarem j) ficarem

4.1.

a) 他来里斯本(为了)游玩/观光/逛逛/散步。 b) 有可能他按时/准时到。/他按时到是可能的。 c) 你不能(参加)派对/聚会我(感到)伤心。 d) 我感觉/认为/觉得/想你想去沙滩。

4.2.

(a) É melhor vocês chegarem mais cedo. / É melhor que vocês cheguem mais cedo.

(b) (Eu) não acho que ele more/ viva em Lisboa.